

Celly Alves Silva

SOMOS TODOS COS!

História do Movimento Estudantil de
Comunicação Social da UFMT




EduUFMT
DIGITAL

“SOMOS TODOS COS!”

**HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMT**



UFMT

**Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso**

Reitora

Myrian Thereza de Moura Serra

Vice-Reitor

Evandro Aparecido Soares da Silva

Coordenador da Editora Universitária

Renilson Rosa Ribeiro

Supervisão Técnica

Ana Cláudia Pereira Rubio

Conselho Editorial



Renilson Rosa Ribeiro (Presidente - EdUFMT)
Ana Cláudia Pereira Rubio (Supervisora - EdUFMT)
Adelmo Carvalho da Silva (Docente - IE)
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (Docente - FEF)
Arturo Alejandro Zavala Zavala (Docente - FE)
Carla Reita Faria Leal (Docente - FD)
Divanize Carbonieri (Docente - IL)
Eda do Carmo Razera Pereira (Docente - FCA)
Elizabeth Madureira Siqueira (Comunidade - UFMT)
Evaldo Martins Pires (Docente - CUS)
Ivana Aparecida Ferrer da Silva (Docente - FACC)
Josiel Maimone de Figueiredo (Docente - IC)
Juliana Abonízio (Docente - ICHS)
Karyna de Andrade Carvalho Rosseti (Docente - FAET)
Lenir Vaz Guimarães (Docente - ISC)
Luciane Yuri Yoshiara (Docente - FANUT)
Maria Corette Pasa (Docente - IB)
Maria Cristina Guimaro Abegão (Docente - FAEN)
Mauro Miguel Costa (Docente - IF)
Neudson Johnson Martinho (Docente - FM)
Nileide Souza Dourado (Técnica - IGHD)
Odorico Ferreira Cardoso Neto (Docente - CUA)
Paulo César Corrêa da Costa (Docente - FAGEO)
Pedro Hurtado de Mendoza Borges (Docente - FAAZ)
Priscila de Oliveira Xavier Sudder (Docente - CUR)
Raoni Florentino da Silva Teixeira (Docente - CUVG)
Regina Célia Rodrigues da Paz (Docente - FAVET)
Rodolfo Sebastião Estupiñán Allan (Docente - ICET)
Sonia Regina Romancini (Docente - IGHD)
Weyber Ferreira de Souza (Discente - UFMT)
Zenesio Finger (Docente - FENF)

Celly Alves Silva

“SOMOS TODOS COS!”
HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMT

1ª Edição


EduUFMT
Cuiabá, MT
2019

Copyright (c) Celly Alves Silva 2019.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº9.610/98.

A EdUFMT segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586s

Silva, Celly Alves.

"Somos todos COSI" : história do movimento estudantil de comunicação social da UFMT [recurso eletrônico] / Celly Alves Silva. – Cuiabá: EdUFMT, 2019.

186 p.: il. (algumas color.)

Formato da obra: E-book.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-327-0905-9.

1. Comunicação social - Movimento estudantil. 2. Comunicação social - Universidade Federal de Mato Grosso. 3. Representação estudantil. I. Título.

CDU: 316.77

Coordenação da EdUFMT: Renilson Rosa Ribeiro

Supervisão Técnica: Ana Claudia Pereira Rubio

Diagramação & Arte da Capa: Kenny Kendy Kawaguchi



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso
Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367
Boa Esperança. CEP: 78.060 - 900 - Cuiabá, MT.
Contato: www.editora.ufmt.br
Fone: (65) 3313-7155



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

AGRADECIMENTO

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram para a produção deste livro, especialmente aos professores Mariângela Sólla López, Yuji Gushiken e Tinho Costa Marques, que me orientaram ainda no período de elaboração do trabalho de conclusão de curso a partir do qual produzi esta publicação. Aos amigos de movimento estudantil, tanto no Centro Acadêmico quanto na Enecos. Aos protagonistas da história que me propus contar, ex-alunos que deixaram sua marca na história do Mecom.

Outro agradecimento especial vai àqueles que, após a aprovação da publicação da presente obra, se disponibilizaram a ajudar financeiramente para a elaboração da versão impressa. São eles os comunicadores Aline Cubas, Ana Paula Barros Santos, André Ferreira, Ângela Jordão, Diego Baraldi, Janaiara Soares, Janaina Pedrotti, João Dorileo Leal, Keka Werneck, Lorena Bruschi, Paola Carlini, Pedro Pinto de Oliveira, Raiana Lira, Rafaella Gomes, Sílvia Calichio, Valquíria Castil e Yeda Magossi; o deputado estadual Allan Kardec e a loja masculina Rafael Benetti.

PREFÁCIO

O livro-reportagem de Celly Alves Silva é um apaixonado mergulho no Movimento Estudantil de Comunicação (Mecom) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Por meio de um inédito e cuidadoso resgate histórico da atuação das duas entidades que integram o movimento – o Centro Acadêmico de Comunicação Social (Cacos) e a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos). O livro objetiva, sobretudo, dar reconhecimento ao trabalho dos estudantes que há mais de duas décadas se esforçam para criar e sustentar o sentido da representação estudantil no curso de Comunicação Social da UFMT.

Todavia, seria um equívoco reduzir o conteúdo de *Somos Todos Comunicação!* à formatação de uma competente linha do tempo estabelecida por Celly para contar a história do Mecom na UFMT. O que realça a pesquisa e a leitura desta obra é o fato de a autora caminhar com e a favor dos estudantes que compõem essa movimentação. Em lugar de apenas analisar as informações disponíveis, o texto, propositalmente, aproxima o leitor da história do movimento, cria interesse pelo assunto e põe em destaque o papel desempenhado por alguns estudantes de modo voluntário e dedicado à constituição do que é hoje o curso de Comunicação Social.

Salientar esse particular aspecto é importante, pois, a autora também é uma protagonista do movimento estudantil da UFMT e, principalmente, uma entusiasta da diplomacia. O estabelecimento de diálogos e o pensamento não normativo caracterizam as ações de Celly

no Mecom e refletem de maneira bastante positiva na apresentação desta publicação.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, a autora narra o surgimento da Enecos e do Cacos e descreve a aproximação entre as duas entidades, contando histórias e compartilhando análises de gestões passadas do centro acadêmico e de ações dos estudantes de Comunicação na UFMT, entre os anos de 1991 e 2006. Na segunda, buscando profundidade, ela recorre a entrevistas com outros protagonistas do movimento estudantil. Neste ponto, a história é contada por meio das experiências dos estudantes envolvidos no processo, e, então, percebemos que não se trata de um livro somente sobre a movimentação estudantil, mas sim sobre as pessoas que fazem parte dessa história.

As pessoas que formam e formaram a Enecos, o Cacos e o curso de Comunicação Social da UFMT são o objeto da análise de Celly. É sobre elas e suas experiências que a autora se debruça para resgatar a história do Mecom, e o faz tomada de um forte amor. É um livro sobre dedicação ao próximo. Visto assim, percebe-se que o mergulho de Celly no movimento estudantil aconteceu há algum tempo e que agora ela, com maestria, nos convida a guiar por esse mundo.

Vitor Torres e Talyta Singer
Salvador, 06 de setembro de 2013

Sumário

Apresentação	10
Para entender a Enecos	13
O Cobrecos	13
O Enecom e o Erecom	14
O Enol	16
O Conecom	16
A Enecos: da pré-história à era da informação	18
O Cacos UFMT: uma história escrita por muitas mãos	21
A gestão Comunicativa	31
A gestão Cê Atuando	35
A gestão Como única ação	37
Estágio em Jornalismo: uma “briga” do Mecom	43
A gestão Jacaré parado vira bolsa de madame	45
“26 Procêis”	47
“Parar pra continuar”: a greve da Comunicação	48
A gestão Tuiuiu deu bobeira, vira bandeirão!	55
“Avaliação Pra Valer”	55
A gestão Juntando os cacos	59

A gestão Realinhando as órbitas da Comunicação	66
Vaías para FHC	68
Mec Dia Feliz	70
1º Encontro Estadual de Estudantes de Comunicação (ECOS)	75
ERECOM Cuiabá: “tudo é um blefe”	76
A Gestão Juntos Somos Mais	81
Retomada do Cacos	82
Perfis	87
O pioneirismo de Ademar Adams	88
O envolvimento de Jonas da Silva	99
A sensibilidade de Lairce Campos	108
A liderança e a coragem de Yuri Kopcak	118
A resistência de Janaína Pedrotti	130
A seriedade de Carol Araújo	137
O pragmatismo de Evandro Birello “Piuí”	146
A responsabilidade de Carlos Augusto dos Santos “Buiu”	158
Referências	162
Apêndice	168

APRESENTAÇÃO

Estudantes de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Radialismo que circulam pelos corredores do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) costumam, diariamente, ocupar aquele espaço com sua expansividade, espontaneidade e alegria, típicas da juventude. Muitos, durante o intervalo ou após a aula, geralmente passam seu tempo na sala do Centro Acadêmico, o C.A., conversando, jogando algum jogo, usando o computador ou apenas descansando. Alguns deles usam o espaço para fazer movimento estudantil.

Mesmo estes últimos, dificilmente devem ter noção das histórias que outras gerações de estudantes já viveram e que resultaram na possibilidade que eles têm hoje de estudar com o mínimo de estrutura e tranquilidade. E isso por mais que episódios dessas histórias estejam bem ali, ao alcance das mãos, registrados em documentos encaixotados há anos e até mesmo décadas...

Já tendo sido membro do Centro Acadêmico de Comunicação Social (Cacos) e tendo me apaixonado pelo universo que envolve a militância estudantil, antes de me formar em Jornalismo, tirei desses achados no armário do CA o material necessário para escrever este livro-reportagem, que traz a história do Movimento Estudantil de Comunicação (Mecom) na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá.

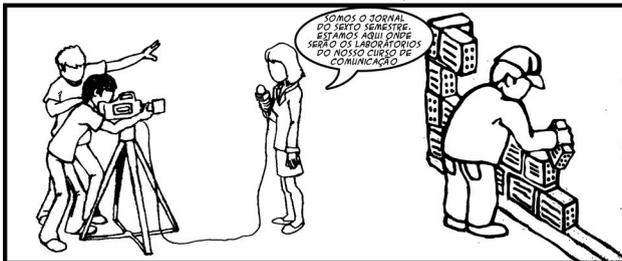
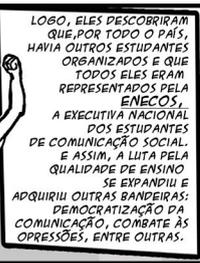
Nas próximas páginas, os primeiros 10 anos do Mecom e um pouco dos cinco anos subsequentes são contados do ponto de vista dos protagonistas dessa construção. Pessoas cujas ações se inscreveram no

Cacos e na Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos).

Esta publicação é fruto do meu trabalho de conclusão de curso apresentado em setembro de 2013. Quem esteve presente na apresentação à banca, certamente vai se lembrar que, mais do que provar que estava apta para atuar como jornalista, meu objetivo era (e continua sendo) render um tributo aos militantes estudantis do passado. Além disso, contribuir para a reflexão dos atuais alunos sobre o Mecom.

Ao conhecer um pouco da história do Cacos e da atuação de profissionais de Comunicação formados pela UFMT, espero que os atuais estudantes, professores, técnicos e cidadãos comuns percebam a importância da ação coletiva na busca de uma melhor formação - uma vez que nada do que o curso oferece de bom chegou por benevolência do Estado - e, a partir disso, entendam que é preciso dar sequência à luta para que novos cidadãos tenham direito à Educação pública, gratuita e de qualidade. Aproveite a leitura!

Celly Alves Silva



Alcir Júnior

PARA ENTENDER A ENECOS

Vamos começar falando um pouco da natureza e da dinâmica de cada encontro que o Mecom constituiu. Isso é interessante e necessário para explicar cada evento promovido pela Enecos, que atualmente organiza suas ações por meio de três principais momentos: o Congresso Brasileiro de Estudantes de Comunicação Social (Cobrecos), o Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação (Enecom) e o Encontro Regional de Estudantes de Comunicação (Erecom). Acerca destes dois últimos, o jornalista e ex-secretário regional da Enecos, Jonas da Silva¹, resume: “O Congresso é político e é dos chatos. O Enecom é lúdico e é da galera. Mas os dois são fomentadores do movimento estudantil.”.

O Cobrecos

É o evento mais importante da Enecos, e isso por vários motivos. Primeiro por ser totalmente deliberativo. Todos os espaços (grupos de discussão, palestras, grupos de trabalho) servem de base para as plenárias. Na plenária final, todas as discussões se concretizam com a elaboração e aprovação dos cadernos de política e de ações que a gestão deverá cumprir durante o ano. Segundo por ser o espaço no qual toma posse a gestão que deve acatar as decisões da plenária e assumir a obrigação de obedecer ao que for votado pelos delegados enviados pelas escolas de comunicação do país. Terceiro por ser também o espaço em que o estatuto da Enecos é revisado e alterado a cada dois anos.

¹ Entrevista de Jonas da Silva concedida a Celly Alves Silva, em 23 ago. 2013.

O Cobrecos ocorre sempre no início de cada ano, mais precisamente em janeiro. Para isso, essas escolas realizam, no ano anterior, a eleição dos delegados, organizada pelos centros acadêmicos ou por coletivos organizados. As unidades de ensino podem enviar quantos estudantes quiserem para participar do congresso, mas somente os delegados têm direito a votar nas plenárias. O número destes representantes depende do número de alunos matriculados em cada curso, ou seja, há uma relação de proporcionalidade que norteia a definição desse quantitativo.

Por apresentar um caráter extremamente político e burocrático, o evento agrega menos pessoas que os demais. Todos os espaços exigem muito dos participantes: atenção, politização, conhecimento mínimo de movimento estudantil e dos cursos e muita disposição para permanecer acordados até tarde nas plenárias que chegam a atravessar madrugadas.

No Cobrecos, a programação é dividida basicamente em: grupos de discussão, grupos de trabalho, painéis (palestras com temas relacionados à pauta do evento) e as plenárias. Estas ocorrem ao fim de cada dia, sendo que a plenária final acontece no último dia do evento. A ideia é que, após todas as discussões ocorridas ao longo do congresso, os delegados estejam preparados para votar o programa político e as ações que a executiva deverá cumprir.

O Enecom e o Erecom

São dois eventos bem parecidos entre si quanto ao objetivo da realização e à programação proposta, guardando apenas duas diferenças: o lugar onde acontece e o tempo de duração. Ambos

ocorrem anualmente num lugar diferente, definido pela escola que se propõe a organizá-los. Também, possuem caráter político passado aos encontristas por intermédio dos grupos de discussão, das palestras, das místicas, dos atos públicos e dos núcleos de vivência, estes talvez os espaços mais interessantes dos encontros.

Nas cidades definidas para sediar o evento, os núcleos de vivência geralmente ocorrem num ponto que permita ao aluno de comunicação conhecer uma realidade muito diferente daquela em que está inserido. A preferência, neste caso, é por lugares marginalizados, onde vivem grupos excluídos da sociedade, por exemplo, ribeirinhos, quilombolas, sem-terra, associações de trabalhadores; comunidades carentes, artísticas ou religiosas, entre outros.

A partir do choque entre culturas e da percepção da realidade do outro, é proposta aos encontristas a produção de algum material midiático com a comunidade. Pode ser um jornal, um vídeo, um ensaio fotográfico, o que lhes for possível realizar naquele espaço de tempo e lugar. O maior e melhor saldo de tudo isso: conhecer o diferente, aprender com ele, respeitá-lo e usar a comunicação como um agente difusor da diversidade existente no país.

Nas próximas linhas, abordaremos brevemente também sobre dois eventos promovidos pelos militantes de Comunicação, um não mais existente – o Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais em Jornalismo (Enol), que ocorreu nos primórdios do movimento – e outro que ocorre dentro do Enecom até os dias de hoje – o Conselho Nacional de Entidades de Comunicação (Conecom).

O Enol

Historicamente, os estudantes de comunicação da década de 1980 já se organizaram no Enol, evento promovido pela Comissão Nacional de Luta pela Melhoria dos Cursos de Jornalismo (Conej) e composto majoritariamente por estudantes, também contando com a participação de professores e profissionais sindicalizados. Em sua 5ª edição, ocorrida em março de 1988, em Goiânia, o Enol resolveu que a próxima edição se abriria para as demais habilitações do curso de comunicação. Porém, nunca mais aconteceu...

O Conecom

O Conecom é outro espaço de deliberação do Mecom que, durante a trajetória de vida da Enecos, aconteceu de várias formas: antigamente, como um evento separado de todos os outros, já tendo sido considerado o principal espaço de decisão dos estudantes. Hoje em dia, o conselho ocorre sempre no último dia do Enecom, quando são feitas a prestação de contas, a avaliação do encontro, a escolha da próxima cidade receptora, a apresentação de mudanças na diretoria da Enecos, além de repasses e informes dos centros acadêmicos e de coletivos organizados. Ainda, o Conecom acontece em versão regional sob a designação Conselho Regional de Entidades de Comunicação (Corecom), que tem a mesma dinâmica do Erecom, ocorrendo no último dia deste evento.

Figura 1 – Identidade visual da Enecos



Nota: Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (<http://www.enecos.com.br/>)²

² Disponível em: <<http://www.enecos.com.br/>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

A ENECOS: DA PRÉ-HISTÓRIA À ERA DA INFORMAÇÃO

o ensino superior em comunicação social no Brasil data do final da década de quarenta, do século XX. Segundo Melo (1991) e Rita Afonso (2006), os primeiros cursos de formação neste nível foram implantados na região Sudeste do país e predominava o ensino de jornalismo como os ministrados na Escola de Jornalismo Cásper Líbero, em São Paulo, 1947 e, um ano depois, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, respectivamente o primeiro e segundo curso superior do Brasil na área de comunicação. (BETTY, 2009).

Com o passar do tempo, o número de escolas de comunicação foi se expandindo pelo país, e as organizações começaram a surgir. A partir de 1972, estudantes de comunicação perceberam a necessidade de criar meios que lhes permitissem se encontrar e conhecer uns aos outros. Aconteceu, então, naquele mesmo ano, em Goiânia, aquele que seria o primeiro dos chamados “encontrões”, os quais se realizaram de forma irregular durante anos.

Como esclarecido em um texto disponível no *site* da Enecos, naquela época, os estudantes eram como uma “tribo”, da qual tudo o que se sabe a respeito são resultados de histórias passadas de uma geração para outra, configurando, portanto, a pré-história da executiva. De igual modo, a maioria do que se conhece sobre o Mecom é oriunda dos relatos de experiências de ex-militantes, pois muito das fontes formais, como atas e ofícios, se perderam.

Nesse contexto, os relatos orais não valem menos em face da falta de uma mídia concreta e palpável. A informação dessa

natureza deve ser valorizada, como explica o professor Felipe Pena, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense: “[...] os relatos orais são a primeira grande mídia da humanidade.”.

A Enecos chegou plenamente à “Era da informação” com seu *site*, no qual disponibiliza conteúdos por meio de notícias, vídeos, *podcasts*, cartilhas, além de alternativas de contato permanente com a entidade, principalmente por intermédio das redes sociais. O meio digital tem sido a mais eficaz plataforma de comunicação da atualidade, o que é extensivo à Enecos e ao Mecom.

Voltando à história, vê-se que, na década de 70, o Enecom reunia algumas centenas de estudantes de todas as regiões do Brasil para, basicamente, discutir temas como a qualidade do ensino de Comunicação, estabelecer diálogos com o mercado de trabalho e proporcionar aos participantes a interação cultural, política e recreativa. Em 1988, um tema foi causa de crise dentro do Mecom: o estágio em Jornalismo.

Naquele ano, o Enecom Vitória, por exemplo, de acordo com relatos do jornalista e ex-militante Gustavo Gindre e informações registradas em cartilhas da própria entidade, foi um tumulto, pois a maioria dos estudantes era contra o estágio em jornalismo. Alguns estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e a região Sul do Brasil eram a favor. Durante a plenária final, a discussão perdeu o foco, e nada ficou decidido além de que apenas um Enecom extraordinário seria organizado por uma Executiva Nacional Provisória, em janeiro de 1989, com uma única pauta: o próprio Mecom.

O evento ocorreu, então, em João Pessoa, ocasião na qual os estudantes – ainda em crise existencial enquanto organização social – decidiram que a executiva (formada por três estudantes) seria extinta e que o Conecom (formado por representantes de todos os centros acadêmicos filiados) é que regeria o movimento.

Já em 1990, os estudantes parecem não ter seguido a regra criada na deliberação anterior e, no 14º Enecom São Luís, decidiram transformar a executiva num “braço” da União Nacional dos Estudantes (UNE) e criar, com isso, a Subsecretaria de Comunicação da UNE (Secune), que acabou durando só aquele ano.

Em 1991, no 15º Enecom Curitiba, organizado por alunos da Universidade Federal do Paraná (UFPR), os militantes mostraram-se insatisfeitos com essa ligação à UNE, que naquela época começava a se tornar apenas mais uma entidade cooptada pelos partidos, desvirtuando-se da visão do Mecom. Nessa perspectiva, destaque-se que até então a UNE sempre se manteve alheia aos governos, em relação aos quais adotava uma postura crítica. Foi ali que nasceu a Enecos, cuja primeira gestão, “É preciso ousar!”, elegeu-se no mesmo ano.

Enquanto o Mecom, em quase todo o país, já era um jovem de quase vinte anos de existência e crescia em responsabilidade, andando com as próprias pernas, em Cuiabá, um movimento era criado, o primeiro curso de Comunicação Social nascia e, com ele, o primeiro centro acadêmico de Comunicação Social do estado de Mato Grosso. É aqui que começa a nossa história...

O CACOS UFMT:

UMA HISTÓRIA ESCRITA POR MUITAS MÃOS

É impossível falar do nascimento de um centro acadêmico sem antes falar do nascimento do curso que o integra. Como tudo nesta vida e, mais fortemente ainda, nas relações sociais, nada é feito por uma pessoa só, sem passar por um coletivo. O curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso teve seu embrião concebido durante a II Semana de Propaganda de Mato Grosso, em 1983. Foi o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Mato Grosso (Sindjor) que realizou estudos e relatórios no mercado para embasar a proposta de sua criação, o que, finalmente, se deu em 5 de dezembro de 1990, por meio da Resolução n. 141/90 do Conselho Diretor da UFMT.

O fato de muitos jornalistas formados terem vindo de outros estados, principalmente de Goiás, na década de 1980, contribuiu para que houvesse um movimento para fortalecimento e valorização da categoria, que culminou com o estabelecimento do maior piso salarial da América Latina e com a criação do curso de Comunicação Social na UFMT. Esse movimento foi chamado de “139”, uma referência ao número de registros profissionais concedidos a jornalistas que estavam no mercado mato-grossense há anos, mas sem formação acadêmica. Depois disso, a intenção era fechar o mercado para quem não tivesse diploma e, desse modo, alcançar ganhos salariais. E foi o que aconteceu, como já dito anteriormente.

De 1989 a 1990, o Sindjor foi presidido por Selma Alves, que, ao se afastar, foi substituída por Regina Deliberai. Também

integrou o quadro dessa gestão Marluce Scaloppe, que acabou se tornando uma das primeiras docentes do curso de Jornalismo da UFMT. Em entrevista³, a professora lembra que, quando o curso de comunicação foi criado, o sindicato fez uma parceria com professores da rede privada de ensino e organizou um curso preparatório para os jornalistas interessados em se graduar na área. Foi um “intensivão” que acabou gerando muitos aprovados no vestibular.

Como a resolução que criou o curso foi aprovada no final de 1990 e o vestibular de verão já estava acontecendo (na época, a UFMT realizava vestibular de verão e de inverno), houve um processo seletivo exclusivo para a Comunicação Social, em março de 1991. A concorrência foi grande, cerca de 40 candidatos por vaga. A primeira turma aprovada para o curso era formada por dois grupos: o de pessoas mais velhas que já tinham alguma graduação ou eram jornalistas de mercado e o de jovens recém-saídos do ensino médio, boa parte deles da antiga Escola Técnica Federal de Mato Grosso. As “turminhas” que compunham aquele caleidoscópio discente tinham vários apelidos, como os “tubarões e os peixinhos”, os “dromedários e os *teens*”, entre outros.

Essa mistura de gerações e culturas em sala de aula foi um fator que ajudou os alunos na superação das várias deficiências do curso. Aline Cubas⁴, ex-estudante de Jornalismo, diz que, olhando para trás, não entende como aquilo funcionava, porque faltava tudo: não existiam salas de aula, de forma que, nos dois primeiros anos, por ser de tronco-comum, os matriculados cursavam apenas disciplinas oferecidas por outros departamentos, como língua portuguesa,

3 Entrevista de Marluce Scaloppe concedida a Celly Alves Silva, em 3 set. 2013.

4 Entrevista de Aline Cubas concedida a Amanda Simeone, Patrícia Helena Dorileo e Celly Alves Silva, em 5 set.2013.

filosofia e sociologia, e só depois disso entravam em cena os primeiros professores de comunicação, mas ainda faltavam os equipamentos para aulas práticas. Cubas acrescenta que a presença de graduados no grupo foi importante para a busca de melhorias, pois eles já sabiam como funcionava a universidade e ficavam indignados com aquela situação. Os alunos mais jovens, apesar da falta de experiência, também debatiam, e a turma se mostrava intelectualmente produtiva.

Enquanto as aulas teóricas se concretizavam apenas com a qualidade das discussões, as aulas práticas, em que isso não seria bastante, não aconteciam. As aulas que deveriam ser técnicas ficavam somente na teoria. Os alunos perambulavam à procura de salas, e não havia professores em número suficiente, nem equipamentos. “Com o tempo arrumaram uma sala com dez máquinas de escrever que foi a primeira redação que tivemos.”, recorda Ademar Adams⁵, outro aluno da primeira turma de Jornalismo. Depois, compraram algumas máquinas fotográficas, cujas fotos eram reveladas no laboratório da assessoria de comunicação da universidade. Também nos anos iniciais do curso, foram realizados alguns grandes eventos científicos, como a Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), as semanas de comunicação, propiciando aos alunos oportunidades de melhor se qualificarem.

A história do Centro Acadêmico de Comunicação Social da UFMT iniciou-se logo nas primeiras aulas dessa primeira turma, em abril, pouco antes de a Enecos ser criada, no Enecom Curitiba, em julho do mesmo ano. O movimento foi conduzido por Ademar

5 Entrevista de Ademar Adams concedida a Celly Alves Silva, em 2 ago. 2013.

Adams, que já havia ajudado a constituir dois centros acadêmicos de outros cursos que fizera.

Entravam no curso 45 alunos semestralmente. E, como aquela era a primeira turma, era mais fácil organizar as assembleias para aprovação do primeiro estatuto, a eleição da gestão inaugural da entidade, enfim. Informalmente, a primeira ação da turma foi eleger Ademar Adams secretário *ad hoc* para que ele organizasse as atividades iniciais, como convocar assembleias e lavrar atas.

A primeira assembleia dos estudantes ocorreu em 26 de abril de 1991, na sala 49 do antigo Centro de Ciências Sociais (CCS). A pauta, claro, foi a criação do CA. Constituiu-se uma comissão para reger os trabalhos da primeira eleição, sendo integrada por Ademar Adams, Cláudia Cristina Neves da Luz, Enzo dos Santos Corazzola, Francisca Bezerra de Medeiros, Glaucos Luiz Flores Monteiro, Heloíza Kosse Furuta, Justina Ramona Fernandes Fiori, Luciana Bezerra Figueiredo, Luzimar Maria da Silva, Márcia Santana Amorim, Nicélio Acácio da Silva e Rivanio Matos da Silva. Além da comissão gestora, deliberou-se que uma minuta de estatuto fosse produzida em 15 dias para, em seguida, ser apreciada e aprovada.

A assembleia do curso, realizada em 17 de maio de 1991, na sala 49 do CCS, foi o marco da fundação do Cacos e da aprovação de seu primeiro estatuto social. A assembleia foi presidida por Francisca Medeiros e secretariada por Ademar Adams. A primeira pauta de discussão foi a escolha da sigla da entidade, a mesma de sempre: CACOS. Depois, passou-se à leitura da minuta do estatuto, que, uma vez discutido e aprovado, sacramentou definitivamente a fundação do Centro Acadêmico de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso. Aline Cubas fez parte da primeira gestão e avalia que

aquela foi a assembleia mais cansativa de todas, pois o estatuto gerou muita discussão.

Na mesma ocasião, ficou definida a data para a eleição da primeira gestão da entidade, marcada para 14 de junho de 1991, a qual, porém, só ocorreu em 25 de outubro daquele ano, na sala 47 do CCS. A atividade contou com a presença de toda a turma, tendo sido novamente presidida por Francisca Medeiros e secretariada por Ademar Adams. Como havia apenas uma chapa, composta por 18 membros (9 titulares e 9 suplentes, com número igual de representantes de cada habilitação), a eleição se deu por aclamação, e a chapa foi eleita por unanimidade.

Naquela época, os membros do CA foram eleitos apesar da ausência de uma estrutura de coordenadorias. Os alunos decidiram que isso deveria ficar a cargo da própria gestão. A primeira reunião da diretoria do Cacos se deu em 25 de janeiro de 1992, quando a chapa se organizou em três diretorias: administrativo-financeira; ensino, pesquisa e extensão; e imprensa e cultura. Os estudantes também definiram uma proposta de plano de gestão para ser apresentada em assembleia geral. O plano visava, basicamente, a organização interna do centro acadêmico, como solicitar um aparelho de telefone, a assinatura de revistas, uma biblioteca, a realização de palestras e eventos culturais e esportivos.

Ressalte-se que a função do Cacos, como qualquer outra entidade de caráter social, é representar os estudantes de comunicação da UFMT. Inicialmente, suas pautas devem focar a qualidade do curso e a boa convivência entre alunos, professores e técnicos, além de acompanhar se todas as disciplinas estão sendo ofertadas, ajudar a solucionar conflitos entre professores e alunos. Além disso, buscar

mais e melhores condições estruturais de ensino e garantir assento nos órgãos colegiados do curso e do Instituto de Linguagens (IL), que são Colegiado de Curso, Colegiado de Departamento e Congregação, proporcionando momentos de interação social entre os estudantes e as demais pessoas da universidade por meio de eventos de caráter acadêmico, lúdico, esportivo e político.

Ainda, o centro acadêmico deve se preocupar com questões gerais, que dizem respeito à sociedade, por exemplo, assuntos polêmicos e/ou atuais nos quais se faça necessária a intervenção popular e com os quais a Comunicação possa colaborar. Geralmente, essas questões começam a ser discutidas em conjunto com outras entidades e movimentos sociais, como o Diretório Central dos Estudantes (DCE), os sindicatos e a Enecos. Tudo isso estava previsto no estatuto do Cacos. Todavia, a primeira gestão não teve nome e durou dez meses.

Não existe um documento que mostre como a Enecos chegou a Mato Grosso. Sabe-se apenas que a entidade foi criada, conforme já dito, durante o 15º Enecom Curitiba, do qual participaram os estudantes Luciana Bezerra, Júlia Rego, Aline Cubas, Heliara Costa, Cláudia Luz e Jefferson Daltro, da primeira turma de Jornalismo da UFMT. Sobre aqueles tempos, Aline Cubas conta que estava deslumbrada com a universidade e com o fato de estar naquela turma, estudando com tanta gente que ela costumava ver na televisão e ler nos jornais. Ela não fazia muita ideia do que queria, já havia passado em 1º lugar em Biologia na UFMT, queria fazer Odontologia, História, mas, quando foi lançado o vestibular para Jornalismo, ela o fez porque “[...] achava o máximo!”.

Já no terceiro mês de faculdade, a caloura ficou mais maravilhada ainda quando soube que a universidade custearia a viagem dela e de seus colegas para o Enecom, com direito também a diárias para ajudar na alimentação. Eles foram de ônibus para Curitiba, enfrentando um frio tremendo. Chegando lá, Aline ficou impressionada com o enorme *campus* da universidade e com as palestras, que ocorriam num imenso auditório lotado de estudantes de todo o país.

Foi lá que, percebendo a identificação de pensamentos entre tantas pessoas, sentiu que sua turma não estava sozinha. Ela não sabia que, naquele Enecom, a Enecos seria criada. Ela sequer se lembra como ficou sabendo sobre o encontro, mas se recorda de duas coisas que a marcaram profundamente: uma palestra que mostrava quão abrangente é a comunicação, indo além da imprensa e interferindo na vida das pessoas, e um rapaz que declamava o poema “Pão Velho”, que a deixou emocionada e nunca lhe saiu da memória, além de ter sido revivido num momento dramático de sua carreira como jornalista, anos mais tarde:

Eu vi um cara falando uma poesia lá chamada Pão Velho e que eu nunca me esqueci e que eu achei que era uma coisa que me marcou muito profundamente e eu não sei de onde que ele tirou essa poesia, não lembro quem era o cara, mas foi uma poesia que ele declamou lá... E eu não gosto de poesia, né! [...] Ele dizia assim: “Nós somos o campeão do mundo de exploração de petróleo, de águas profundas... Mas nossas crianças estão morrendo porque não temos pão velho.”. Aí ele falava tudo isso que o governo se ufana... E eu trabalhava no Diário de Cuiabá quando tive que fazer uma matéria na Funai aqui no Centro Político Administrativo e aí eu vim fazer. Na hora

em que o carro parou e que eu desci, tinha um monte de índios acampados em frente à Funai, esperando e demarcação de uma terra. E eu lembro que na hora que eu desci do carro com a logo do jornal e tal, eu olhei praquele povo, uns meninos sujos, pobres, uma pobreza, uma desolação, uma sequidão e eles assim na terra em frente à Funai, assim... Eu fiquei olhando praquilo e pensando: “Meu Deus...”. Aí, assim, fiquei com tanta vergonha que eu não tive coragem de olhar pra eles, passei sem olhar de vergonha. Meu Deus, como é que a gente faz isso com um monte de família, com criança, com velho... Aí entrei, fiz a entrevista e saí. Na hora que cheguei na redação, comentei com outro jornalista antigão, Eduardo Gomes. Aí ele falou assim: “Ih, esse aí é um povo, tipo assim, tangido pelo Carlos Bezerra”. Ele sabia da história da terra deles e dessa falcatura e que, na verdade, eles eram usados como massa de manobra pra pegar a terra tal, pra ocupar terra não sei de quem, enfim, era um rolo danado, eles eram usados e enfim... Na hora que ele me contou eu senti e escrevi isso aqui [mostra um artigo publicado no jornal]. Então, assim, esse evento, esse poema que eu ouvi lá me marcou! Eu escrevi meu artigo lembrando da história do poema desse cara e foi uma coisa que me emocionou muito... Ainda me emociona... [fala com a voz embargada e os olhos lacrimejantes, meio que sem conseguir reagir, revivendo a impotência que sentiu ao ver aqueles índios].

Não se tem notícia dos detalhes daquela primeira participação da UFMT num evento da Enecos, de quem foram os organizadores e muito menos de quem foi o poeta que tanto marcou Aline, que até então não gostava de poemas. E em nenhum Enecom da vida é possível mensurar qualitativa e humanisticamente os resultados do evento. Mas uma coisa é certa: aquele Enecom cumpriu sua meta. As

memórias remotas de Aline trazem consigo tudo aquilo que o Mecom ensina para aqueles que com ele têm contato.

O principal ganho que se pode obter de um encontro estudantil é saber que a provocação deu certo, que o feixe de reflexão se alastrou, atingindo a mente e o coração de uma pessoa. E é esse o motivo central da luta do movimento. É isso o que fica! Hoje, Aline é uma jornalista que faz seu trabalho com vontade de mudar o mundo, mesmo que esse mundo seja apenas uma pessoa, como ela mesma diz.

Figura 2 – Delegação da UFMT rumo ao Enecom Curitiba



Nota: Acervo de Aline Cubas.

Depois da viagem ao Enecom Curitiba, o Cacos endereçou à antiga Coordenação de Assistência ao Estudante (Codae) o Ofício nº 01 com o mapeamento dos eventos ligados ao CA previstos para o ano de 1992: o Conecom, o Erecm, o Enecom e o Congresso da UNE. No mesmo dia, também despachou para o Secretário Geral da Enecos, Francisco Ruiloba, o Ofício 03, solicitando mais informações sobre a

executiva, como estatuto e calendário dos eventos, fato esse curioso, pois o calendário já havia sido enviado àquela coordenação. É confuso também, mas este é o primeiro documento oficial que mostra a relação entre Cacos e Enecos.

Relativamente à primeira gestão do Cacos, existem materiais do 16º Enecom, que ocorreu em julho de 1992, em Belo Horizonte, mas não há registros de quem possa ter participado. Na ocasião, foi definida a realização, entre 1º e 06 de fevereiro de 1993, na Universidade Federal Fluminense (UFF), do 3º Conecom Ampliado, com caráter deliberativo. Cerca de 20 escolas de comunicação participaram, entre elas a UFMT, tendo sido nessa oportunidade que a Enecos aprovou seu 1º estatuto. Além disso, é bom lembrar que também marcou presença no evento o movimento estudantil geral da UFMT, com destaque para a mobilização “Fora Collor” encabeçada pelo DCE, à qual os alunos de comunicação se integraram.

A GESTÃO COMUNICATIVA

A Gestão Comunicativa foi eleita dois meses antes de a gestão anterior completar um ano de mandato. A eleição ocorreu em 13 de agosto de 1992. Desta vez, com mais de uma turma no curso, as assembleias já ocorriam no saguão do CCS. A comissão eleitoral fora composta por Gustavo Capilé de Oliveira, que explicou que havia duas chapas, uma das quais irregular e, portanto, somente a “Comunicativa” iria concorrer ao pleito.

Dos 117 alunos aptos a votar, 73 participaram do processo de votação, elegendo a chapa única por unanimidade. A gestão contou como membro suplente com Ademar Adams, que à época ainda exercia o cargo de secretário *ad hoc* do curso, e teve na pessoa de Afrânio Carlos da Silva seu principal membro, a quem coube assinar praticamente todos os ofícios. Além dele, destacaram-se Leonardo Penteadó, Stefano Ceccon, Nicélio Acácio, Jefferson Daltro e Elaine Perassoli.

Diferente do Enecom de 1991, no qual a UFMT arcou com as despesas de seis estudantes, essa turma precisou se mobilizar para garantir sua participação. Inicialmente, o CA pediu duas passagens para os alunos Edson Vieira de Assunção e Roseli Mendes Carmaíba, mas parece que não obteve sucesso. Uma das medidas para a angariação de fundos foi a realização do Barcos, festa produzida pelo Cacos. Além disso, estabeleceram parceria com alunos da antiga Associação Várzea-grandense de Ensino e Cultura (AVEC, que depois se tornou Instituto Várzea-grandense de Ensino, o IVE) e, em julho de 1993, partiram juntos num mesmo ônibus, lotado, rumo ao 17º Enecom Recife.

Eram quase todos calouros, muito jovens, tanto que houve quem não foi porque os pais não deixaram, como no caso de Simone Tosato. Há diversas fotos da viagem postadas num grupo do *Facebook* formado por alunos e ex-alunos do curso. Pelas imagens e pelos comentários, foi uma viagem longa e nada confortável, mas muito divertida. A chegada à capital pernambucana foi comemorada com a turma cantando e dançando muito o rasqueado cuiabano. Pelo que os arquivos indicam, uma estudante, Alessandra Keiko Okamura, se destacou por ter se envolvido mais com as atividades e o pessoal da executiva, tendo participado da gestão seguinte do Cacos e se tornando uma verdadeira militante da Enecos em Mato Grosso.

Figura 3 – Comemoração dançante na chegada à terra do frevo e do maracatu



Nota: Acervo do grupo Comunicação Social UFMT, no Facebook.

Entre os dias 11 e 15 de abril de 1994, ocorreu um fato histórico para o movimento estudantil: a primeira eleição direta da executiva. A UFMT não tinha representação, porém o centro acadêmico fez questão

de imprimir o panfleto de divulgação da chapa “Pra dar corda ao relógio do mundo”, que acabou sendo eleita. Nesse certame, a universidade participou com 113 votantes. A Comissão Eleitoral Estadual (CEE) era composta por Elaine Tortorelli e Akerman Magalhães. Até a finalização deste livro, em setembro de 2013, a Enecos era a única executiva de curso que realizava eleição direta para sua coordenação. Foi nessa gestão que se iniciou um profundo debate e uma mobilização nacional em torno da qualidade de ensino dos cursos de Comunicação Social, o que é a principal bandeira de luta da Enecos até hoje.

Animados com o 17º Enecom Recife, os estudantes novamente se programaram para mais uma viagem. O CA organizou o projeto de uma grande festa, que, por ser aquele ano de Copa do Mundo, recebeu o nome de “De Copo na Copa”, tendo sido divulgada por meio de panfletagens, camisetas e exibição de vídeos em bares e boates da cidade e realizada na casa de um aluno. A interação do centro acadêmico com alunos do Instituto Várzea-grandense de Educação (IVE) continuou e, novamente, foi um sucesso.

Entre os dias 24 e 30 de julho de 1994, ocorreu o 18º Enecom, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís. A UFMT participou basicamente com a mesma delegação que no ano anterior havia ido para Recife. No Conecom do 18º Enecom, ficou decidido que a prioridade da gestão seria a qualidade de ensino. A Enecos iniciou, então, uma pesquisa nacional, desenvolvida mediante a aplicação de questionários que eram enviados para os CAs de todo o país e, diga-se de passagem, já eram usuais no curso de Comunicação Social da UFMT antes mesmo dessa deliberação. A gestão do Cacos, que realizava pesquisas mensais com os estudantes sobre a qualidade

das aulas e dos professores, obviamente manteve o procedimento, já que estava alinhado às deliberações da executiva.

A pesquisa da Enecos e dos centros acadêmicos de 44 universidades mostrou que nenhuma delas cumpria a Resolução 02/84 do Ministério da Educação, que regulamentava os cursos de Comunicação Social, definindo as condições mínimas exigidas para o funcionamento do curso. O resultado da pesquisa foi publicado no documento *Análise Descritiva dos Cursos de Comunicação Social*, editada pela Enecos.

A GESTÃO CÊ ATUANDO

A terceira gestão do centro acadêmico foi eleita no final de 1993 e tomou posse no dia 10 de março de 1994, quando teve início o ano letivo. É interessante registrar que esta foi a primeira vez em que a eleição do CACOS contou com duas chapas concorrentes. Também merece destaque a criatividade dos alunos para dar nomes às chapas, por exemplo “Porcos Depressivos”, denominação atribuída à chapa perdedora desse pleito. Nas eleições subsequentes, surgiram outros nomes curiosos, como veremos adiante.

Na chapa eleita, havia seis representantes de cada habilitação, dos quais Alessandra Keiko Okamura e Antônio Costa Neto, de Radialismo; Mariana Borella, de Jornalismo; e Jefferson Daltro e Steffano Toledo, de Publicidade. Em ata, nada consta sobre os feitos cotidianos das chapas do CA, apenas sobre eleições e posses. Mas é sabido que, em janeiro de 1995, a UFMT foi uma das assinantes de uma carta elaborada durante o 2º Cobrecos, realizado na USP, entre 15 e 21 de janeiro e enviada ao então ministro das Comunicações Sérgio Motta. Na correspondência, estudantes de todo o país demonstravam preocupação com o processo de outorga e concessões públicas de canais de rádio e televisão e pediam mais debates sobre o assunto por meio da implantação do Conselho de Comunicação Social.

No Cobrecos São Paulo, a principal discussão foi a qualidade de ensino e estágio. Cerca de cinco alunos da UFMT, entre eles Jonas da Silva e Jomar Brittes, ficaram “extasiados e animados” ao conhecer a realidade de outros cursos e voltaram empenhados em tomar atitudes mobilizadoras, disso surgindo o 5º Erecom, em Cuiabá. Os alunos da

UFMT, que já mantinham proximidade com alunos do IVE, queriam expandir essa integração para toda a região.

Naquele ano, o CA participou novamente das eleições diretas da Enecos, dessa vez com um candidato a secretário regional: Jonas da Silva, juntamente com a chapa “Antes que Zarpe a Navilouca”, que acabou sendo eleita. Tanto a UFMT quanto o IVE, que já eram filiados à Enecos, realizaram suas eleições.

A GESTÃO COMO ÚNICA AÇÃO

A posse desta gestão ocorreu no dia 4 de maio de 1995, menos de quatro meses depois do Cobrecos São Paulo, do qual um grupo de estudantes formado por veteranos e calouros havia participado, culminando com a formação da chapa para o CA. Pode-se dizer, portanto, que a gestão foi muito militante mesmo antes de estar na direção. Além disso, foi feliz por ter contado com a irreverência e Criatividade Jomar Brittes, então estudante de Radialismo que brindava os colegas com suas charges, ilustrações e quadrinhos sobre aspectos diversos da vida acadêmica.

Jomar fazia parte do grupo cultural “Los Cucarachos”, que formou com alguns amigos, como o estudante de História Ivomar Kléber, Neto “Gabiru”, Joubert Lobato e Bruno Bini. Com um humor jovem e crítico, o grupo não perdia uma oportunidade de colocar a arte em prol do movimento estudantil, tendo criado logos, mascotes e outros trabalhos artísticos para eventos do Cacos, como o 5º Erecom; festas como o Butecos; e assembleias.

Além disso, fazia trabalhos para outros cursos. “Lembro que o pessoal da Nutrição do RU nos pediu uma arte gigantesca, um *outdoor*, com uma história em quadrinhos. Eles queriam que fosse tirada aquela lenda urbana de que existia salitre na comida do RU. Fomos pagos pra isso e fizemos uma história bem divertida! Pena não ter registro disso...”, recorda *el cucaracho* Jomar⁶.

“Como única ação” foi a gestão que criou a cultura de registrar todas as reuniões do CA em ata. A primeira citação oficial da Enecos

6 Entrevista de Jomar Brittes concedida a Celly Alves Silva, em 28 ago.2013.

pelo Cacos ocorreu na primeira reunião desta diretoria, no dia 23 de maio de 1995, da qual participaram Jonas da Silva, Herlon Vinicius, Jomar Brittes, Francisco Márcio Moreira, Marco Antônio Moura e Camila Bini, entre outros.

É também desse período que data o primeiro registro de participação do Cacos em congressos da União Nacional dos Estudantes. Na ocasião, Marco Antônio Moura foi o escolhido para representar o CA no 44º Congresso da UNE, realizado entre 14 e 18 de junho, em Brasília. Em assembleia, foram eleitos os delegados da base: Luciana da Silva Menoli e Ruber Alberto de Araújo.

Na primeira semana do mês de junho do mesmo ano, a UFMT sediou a 5ª edição do Encontro Regional de Estudantes de Comunicação, o Erecom Centro-Oeste. A estudante Elaine Resende, presidente da comissão organizadora do evento, doou uma quantia em dinheiro para a sua realização, já que o Centro Acadêmico sempre teve dificuldades em manter um caixa financeiro equilibrado. Com esse mesmo objetivo, o Cacos organizou um bar no *show* da banda de *pop rock* Skank.

Entre os organizadores estavam os coordenadores do Cacos Lis Andrea de Ferreira, Mariana Borela Prates, Jomar Brittes e Herlon Vinicius (secretário geral do Erecom). Enfim, contou-se com a participação voluntária de alunos como Júlio Bedin, que produziu o projeto gráfico aliado às ilustrações de “Los Cucarachos”.

No final das contas, o encontro deu tão certo que, além de ter cumprido a meta de politizar e unir os estudantes da região, ainda obteve saldo de caixa positivo. O dinheiro que sobrou serviu para pagar as inscrições e as passagens de dois alunos para participar do 19º

Enecom Brasília, entre 15 e 22 de julho de 1995, e para pagar taxas de filiação à Enecos.

A propósito desse encontro, o CA definiu que os alunos Jonas da Silva e Herlon Vinicius iriam como representantes do centro acadêmico. Dentro do Enecom, ocorreu, de 16 a 18 de julho, o 1º Seminário Nacional de Qualidade do Ensino de Comunicação, no qual começou a ser organizado o Movimento Nacional pela Qualidade de Ensino em Comunicação (MNQEC), que contava com a participação de entidades como a Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), a Associação Nacional de Ensino Público em Comunicação (Publicom), a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), a Federação Latino-Americana de Escolas de Comunicação (Felafacs) e a Associação Nacional de Escolas de Comunicação (Abecom), entre outras.

Durante este Enecom, o Cacos se recadastrou à Enecos, ou seja, o CA estava filiado à executiva e estava quite com as semestralidades, podendo organizar eleições da entidade naquele ano. Quanto a essa filiação, isso implica o comprometimento do centro acadêmico a construir em sua escola as decisões que constam no caderno de ações anual da Enecos e a seguir sua política. Hoje em dia, poucos CAs pagam a semestralidade, mas isso não os impede de participar de nenhuma das ações da executiva.

Ainda em 1995, mais especificamente no dia 04 de dezembro, foi realizada uma assembleia geral que elegeu Lairce Campos (Jornalismo) e Antônio Marinho Afonso (Radialismo) delegados do 3º Congresso Brasileiro de Estudantes de Comunicação Social. Em outra pauta, Herlon Vinicius ficou responsável pela solicitação do auxílio-evento

para um representante do Cacos no Corecom, que seria realizado em 05 de abril de 1996, no Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB).

Em janeiro, quando aconteceu o Cobrecos Juiz de Fora, a estudante de Jornalismo acabou indo sozinha porque seu companheiro de viagem desistiu de ir em razão da gravidez da esposa. Chegando lá, ela encontrou alguns colegas do curso, como os irmãos Bruno e Camila Bini. Foi neste Cobrecos que tomou posse a gestão “Antes que Zarpe a Navilouca”, da qual Jonas fazia parte.

Os principais pontos de discussão do evento foram a qualidade de ensino, a regulamentação do estágio e a estrutura dos cursos. Lairce⁷ ficou admirada com tanta gente discutindo temas também vivenciados em seu cotidiano. Como ocorre ainda hoje, havia troca de experiências entre os militantes sobre os problemas de suas escolas e o que estava sendo feito para melhorar cada situação. Ela considerou histórica essa deficiência nas escolas de comunicação e revelou acreditar que a garantia de um bom curso são os professores e a preocupação deles com o aprendizado, além do equilíbrio entre a teoria e a prática, o mercado e a universidade.

No começo do congresso, Lairce se sentiu meio perdida, mas foi se enturmando aos poucos. “Eu nunca gostei de falar em público”. O que mais chamou sua atenção foi o grupo de trabalho sobre qualidade de ensino e uma palestrante “muito boa” sobre a importância da luta. “Ela era muito marxista! Foi uma experiência diferenciada. Nas plenárias, os delegados tinham fala e dava uma tremedeira... [risos] Mas eu gostei!”.

7 Entrevista de Lairce Campos concedida a Celly Alves Silva, em 9 mai. 2013.

Figura 4 – Plenária do Cobrecos Juiz de Fora, janeiro de 1996



Nota: Acervo de Lairce Campos.

Para o 20º Enecom, que ocorreu em Florianópolis, entre os dias 21 e 28 de julho de 1996, a UFMT teve o direito de enviar nove participantes. Dessas vagas, uma foi reservada para Jonas da Silva, então secretário regional da Enecos, e outra para o estudante Jomar Brittes. O Cacos preferiu não solicitar ônibus da universidade, pois iriam poucas pessoas. As despesas da viagem foram pagas com os fundos arrecadados em pedágios na Avenida Fernando Corrêa. Este Enecom foi importante porque nele se discutiu amplamente a questão da qualidade de ensino de comunicação e a regulamentação do estágio, bem como por ter sido lançada a campanha “Fiscalize sua Escola”, integrando a agenda do Movimento pela Qualidade de Ensino.

Naquele ano, o CA organizou uma apresentação da Enecos para os calouros 1996/1, de acordo com informe comunicado na reunião de 23 de março de 1996. Além disso, seguindo as políticas da executiva e do Movimento pela Qualidade de Ensino, o centro acadêmico realizou,

nos dias 10 e 11 de agosto daquele ano, o 1º Seminário pela Qualidade do Ensino de Comunicação em Mato Grosso.

Esse evento, que rendeu subsídios para a formulação de uma proposta para o MEC, segundo as expectativas dos estudantes e de diversas entidades da Comunicação, com nomes importantes, como Albino Rubim, professor doutor da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Marlene Blois, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Regina Deliberai, secretária geral da Fenaj; e Diélcio Moreira, professor da casa e então diretor de jornalismo do Grupo Gazeta.

O seminário foi estrategicamente programado para anteceder o projeto “Fiscalize sua Escola”, uma pesquisa nacional promovida pela executiva para acender o debate sobre a eficiência do Provão e levar os alunos a boicotarem o exame. Essas duas atividades deram à Enecos subsídios para a elaboração de um relatório nacional sobre o panorama das escolas de comunicação no país. O trabalho aqui em Mato Grosso foi todo coordenado por Jonas da Silva.

Na época, fazia-se comparação entre os cursos de Jornalismo da UFMT e do IVE, porque neste último os laboratórios eram modernos, enquanto naquela primeira só havia “cacarecos”, como contou a ex-aluna de Jornalismo Lairce Campos. Mesmo com todas as dificuldades, no primeiro Provão, hoje conhecido como Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), a turma do instituto obteve nota E e da UFMT obteve nota A. A estudante de Jornalismo Daniela Romio, por exemplo, alcançou a maior nota do Centro-Oeste. Esse fato foi amplamente divulgado pelos jornais cuiabanos, e a turma de Comunicação Social da UFMT ficou conhecida como “a turma do

A”. No entanto, Lairce e seus colegas sentiam-se inseguros pela falta de estrutura do curso e pelo grande número de professores substitutos.

No dia 10 de outubro de 1996, houve uma nova eleição do Cacos, constando na ata a assinatura “Josil – Enecos”, de Jonas da Silva. Enfim, neste certame, a chapa que tomou posse foi “Jacaré parado vira bolsa de madame”, na qual militaram Yuri Kopcak e Gibran Lachowski, entre outros.

Estágio em Jornalismo: uma “briga” do Mecom

Após um longo período de discussões dentro da Enecos, até mesmo antes de a entidade se tornar uma executiva, o estágio passou a ser uma de suas bandeiras de lutas. Para isso, foi necessário traçar uma estratégia que subsidiasse as propostas a serem apresentadas à Fenaj.

Por isso, algumas atividades foram definidas para o Mecom, como a realização de abaixo-assinado nacional a favor da regulamentação do estágio; debates envolvendo os centros acadêmicos e estudantes em geral, os departamentos de cursos, os sindicatos e o empresariado; pesquisa sobre a posição das escolas em relação a essa etapa profissionalizante, a fim de saber sua importância na formação acadêmica; e a distribuição do documento “Parâmetros pela Qualidade de Ensino em Comunicação”, elaborado pelas entidades que faziam parte do Movimento Nacional pela Qualidade de Ensino.

Esse documento foi enviado às faculdades, que, por considerarem essa disciplina prática fator importante para a formação profissional, deixaram registrado seu posicionamento favorável a sua permanência no currículo do curso. A Enecos defendia a regulamentação da disciplina

desde que fossem garantidos sua natureza facultativa; a definição de sua carga horária, remuneração e tempo de duração; e o acompanhamento acadêmico e uma fiscalização rigorosa.

Em 7 de setembro de 1995, a Enecos esteve em Aracaju aproveitando o Intercom para realizar, paralelamente, um Conecom, no qual se debateu sobre a eleição da executiva, a pesquisa sobre estágio em Jornalismo e o Movimento Nacional pela Qualidade de Ensino em Comunicação. Essa pesquisa foi enviada para todas as escolas de comunicação, inclusive a UFMT, e serviu de base para a Enecos formular a proposta de estágio que os estudantes queriam, a qual, inclusive, foi aprovada durante o Cobrecos Juiz de Fora, em janeiro de 1996.

Em maio de 1996, o Mecom realizou um Conecom em Porto Alegre, paralelo ao Congresso Nacional da Fenaj, ocasião na qual foram estudados meios de conseguir a aprovação do referido estágio. Essa discussão reuniu exatamente 100 estudantes de diversas partes do Brasil.

A GESTÃO JACARÉ PARADO VIRA BOLSA DE MADAME

Mais uma vez, registra-se aqui uma eleição com concorrência e a criatividade dos integrantes na escolha dos nomes das chapas participantes, a saber “Jacaré parado vira bolsa de madame” e “Metendo ferro na caixinha oval”. A diferença de votos foi grande: 124 para a primeira e apenas 23 para a segunda. A posse da gestão eleita ocorreu em 13 de outubro de 1996, tendo se destacado os nomes de Gibran Lachowski, Yuri Kopcak e Elaine Tortorelli.

A chapa já surgiu preocupada com a qualidade de ensino e com uma avaliação sistemática do curso de Comunicação, tendo desenvolvido, durante a campanha, uma pesquisa de opinião junto aos alunos para saber o que eles sabiam e pensavam sobre o curso, o departamento e o Cacos. Essa postura politizada da chapa gestora não só era reflexo do histórico de vida de alguns dos seus membros, como também era uma herança da gestão passada, que se manteve alinhada com a atuação da Enecos, tocando pautas e discussões acadêmicas.

Yuri Kopcak, por exemplo, teve seu primeiro contato com a executiva quando ele, ainda calouro, a conheceu por intermédio da gestão anterior do CA. A politização, nesse caso, também nasceu da própria necessidade de mudança. A situação do curso era muito precária, faltavam salas de aula e equipamentos. E o pior: ainda não era reconhecido pelo MEC.

Em janeiro de 1997, aconteceu o 4º Cobrecos Vitória, na Universidade Federal do Espírito Santo. Francisco Márcio foi representando o Cacos da UFMT. Antes disso, o CA recebeu, via correio, várias edições do “Informe Enecos” noticiando sobre o evento. Aliás, a edição agosto/96 tinha lançado uma nota informando

os centros acadêmicos de todo o país sobre a escolha da cidade sede do congresso, para o qual a edição outubro/96 já havia anexado a ficha de inscrição. Na edição novembro/96, o Cobrecos Vitória foi destaque, tendo disponibilizado informações sobre programação, inscrição, grupos de trabalhos (GTs) e oficinas. Depois do evento, o Cacos recebeu, em 20 de março de 1998, dois exemplares do Estatuto da Enecos. Até a apuração desta grande reportagem, o documentos ainda estavam dentro do envelope. Intactos...

Em 02 de abril de 1997, foi realizada uma Assembleia Geral com as seguintes pautas: eleição da Enecos, do Erecom e do Enecom. Isso é revelador de que a gestão “Jacaré parado vira bolsa de madame” também deu continuidade ao trabalho da executiva no curso. Nessa Assembleia, Jonas da Silva, ex-secretário regional da Enecos, informou sobre a 3ª eleição direta da executiva.

Na oportunidade, elegeram-se os membros da CEE: Herlon Vinícius, Elaine Tortorelli e Jonas da Silva. O acadêmico de Radialismo Francisco Márcio Moura saiu candidato a secretário-regional, cargo que veio a ocupar mais tarde, na chapa “O giro vivo do volante”. A eleição nacional ocorreu entre 05 e 09 de maio de 1997.

Quanto à participação no Erecom, a assembleia definiu a delegação que representaria a UFMT: Lucélia Silva, Neila Campos, Viviane Saggin, Eduardo Machado, Luciano Campos, Viviane Amorim, Márcia Fernandes, Kleber Alves, Aretusa Tanaka, Ana Paula Alencar, Eliane Pontes, Otacílio Farias, Air Costa, Francisco Márcio e Jomar Brittes.

Nessa época, o Cacos ainda era filiado à Enecos e, inclusive, estava com todas as semestralidades em dia. Em julho de 1997, o 21º

Enecom ocorreu em João Pessoa e ao menos duas pessoas participaram: Laice Souza Aiza e Doriane Miloch.

“26 Procêis”

Em 26 de setembro de 1997, professores e alunos de Comunicação tomaram a iniciativa conjunta e silenciosa. Jomar Brittes, que sempre colaborava com sua habilidade em desenho, produziu uma ilustração para o cartaz: eram dois braços mostrando uma “banana”. Diariamente os alunos viam a frustração dos professores, queixosos das péssimas condições de trabalho em sala de aula, e, então, tiveram a ideia de fazer aulas fora, na área verde em frente ao Instituto de Linguagens (IL), na Avenida Fernando Corrêa da Costa, como uma forma de chamar a atenção da sociedade para a situação.

Eles montaram barracas simbolizando uma sala de aula ou um laboratório. Uma garoa acabou atrapalhando um pouco, e o pessoal continuou as aulas no saguão do IL, o que chamou a atenção da imprensa. Eles organizaram um mural para que os passantes deixassem suas opiniões e reivindicações.

Em 1998, ocorreu o V Cobrecos Recife, por ocasião do qual o Mecom elaborou o documento *Avaliação Pra Valer*, que se tornou uma campanha nacional da Enecos por melhorias concretas para os cursos de Comunicação Social, ao mesmo tempo em que se constituía numa crítica ao Provão. A campanha retratou bem o momento pelo qual o curso passava e que culminou em uma greve de estudantes e à montagem de um acampamento em frente ao prédio da reitoria da UFMT.

No mesmo ano, ocorreu em Cuiabá o Corecom Centro-Oeste, entre os dias 14 e 15 de março, conforme publicado no informativo n. 16 da Enecos. De acordo com o documento, seria fundamental a participação de todas as escolas da região para rearticular o movimento. Cerca de 10 representantes de centros acadêmicos de outras faculdades do Centro-Oeste vieram para o conselho. Naquela época, o estudante de Radialismo Márcio Moreira era nosso o representante na Enecos.

“Parar pra continuar”: a greve da comunicação

Desde a sua criação, o curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso sofria de graves deficiências, como a falta de equipamentos, a falta de professores, a falta de reconhecimento do curso e a demora na entrega do bloco de Comunicação. Com o tempo, esses problemas foram se acumulando. Foi um longo processo de tentativas frustradas para mudar a situação, o que levou estudantes e professores a deflagrarem a histórica greve da Comunicação, em 1998, conhecida como “Parar pra Continuar”.

Yuri Kopcak lembra que, quando ele era calouro, o curso já havia formado algumas turmas. Havia cerca de 175 profissionais que, ao saírem da academia, enfrentavam um grave dificuldade: a falta de reconhecimento do curso pelo MEC, o que os impedia, sobretudo os jornalistas, de receber o diploma e, conseqüentemente, adentrar no mercado de trabalho.

Como medida paliativa, o Sindjor emitia um “provisionado”, com duração de seis meses, que possibilitava o exercício da profissão em Cuiabá. Com o tempo, o próprio sindicato resolveu parar de

emitir o documento com o intuito não só de forçar a universidade a tomar uma atitude que favorecesse os profissionais, mas também de evitar uma celeuma no mercado e na vida dos estudantes, que se sentiam inseguros por não saberem se receberiam o diploma após os quatro anos de faculdade.

A palavra “insegurança” foi proferida por praticamente todos os entrevistados que viveram aquela época do curso, referindo-se à falta de um bloco específico do curso, que era praticamente nômade ou “palestino”, como ficara conhecido no *campus*, em razão do que as aulas do tronco comum se realizavam no antigo CCS, onde, até 2013, funcionava a Faculdade de Administração, Economia e Ciências Contábeis (FAECC); as aulas de audiovisual eram improvisadas no Instituto de Ciências Exatas e da Terra (ICET); e as aulas de fotojornalismo aconteciam na gráfica universitária. Outro grave problema era a falta de livros na biblioteca.

Em 1998, as aulas práticas de edição de vídeo já não ocorriam mais no ICET e sim no IL, em outra sala improvisada. Foi nesse mesmo ano que estourou a greve unificada da Comunicação. Para Lairce Campos, que cursava Jornalismo, o cansaço levou os estudantes a se mobilizarem.

Yuri⁸ explica que a greve unificada “[...] não surgiu de um passe de mágica.”. Foram feitas muitas manifestações antes, nas quais os estudantes saíram em passeata, fechando a principal via da instituição, e ocuparam a reitoria. Seguiam em marcha, cantando, mostrando a situação do curso e costumavam trabalhar em conjunto com a imprensa, que tinha muitos estagiários e jornalistas à espera do diploma.

8 Entrevista de Yuri Kopcak concedida a Celly Alves Silva, em 17 mai. 2013.

Em meio a esses eventos, os manifestantes descobriram que havia uma verba de R\$ 500 mil para a construção do bloco de Comunicação, mas o processo de liberação seria muito moroso. A construção era vital para o reconhecimento do curso perante o MEC, o que aumentou a pressão para sua conclusão.

A ideia da greve surgiu no início de 1998, numa reunião do CA, quando a gestão decidiu que eles não começariam o semestre letivo por falta de condições para ministrar aulas. De acordo com Yuri, os estudantes se indagavam: “É um monte de coisa que não tem, até quando a gente vai ficar nessa enganação?”. Com a decisão tomada, Yuri e Rita, que eram membros do Colegiado de Departamento, chamaram uma reunião para comunicar os professores sobre a greve estudantil. Nessa reunião, eles se depararam com os professores na mesma indignação e com a mesma proposta de parar o curso. “Eu e a Rita nós nos olhamos e falamos assim: Caraca, bicho, olha que coisa linda!”, recorda Yuri.

Com a vontade conjunta de contribuir para o efetivo funcionamento do curso, todos resolveram que, no período marcado para início das aulas, em março, seria deflagrada a greve unificada de professores e alunos, “Parar pra Continuar”. Eles saíram de bloco em bloco pintando “Comunicação Paralisada. Parar pra continuar”, em todos os murais, e distribuindo panfletos pelo *campus* inteiro. Os professores se reuniam e davam seus depoimentos nas reuniões com a administração superior, os alunos se mobilizavam e, dentre as várias atividades deliberadas em assembleia, decidiram acampar em frente à reitoria e só sair de lá quando o bloco de comunicação começasse a ser construído e quando tivesse início o processo de reconhecimento do curso.

Figura 5 – Estudantes acampados em conversa com o reitor Fernando Nogueira



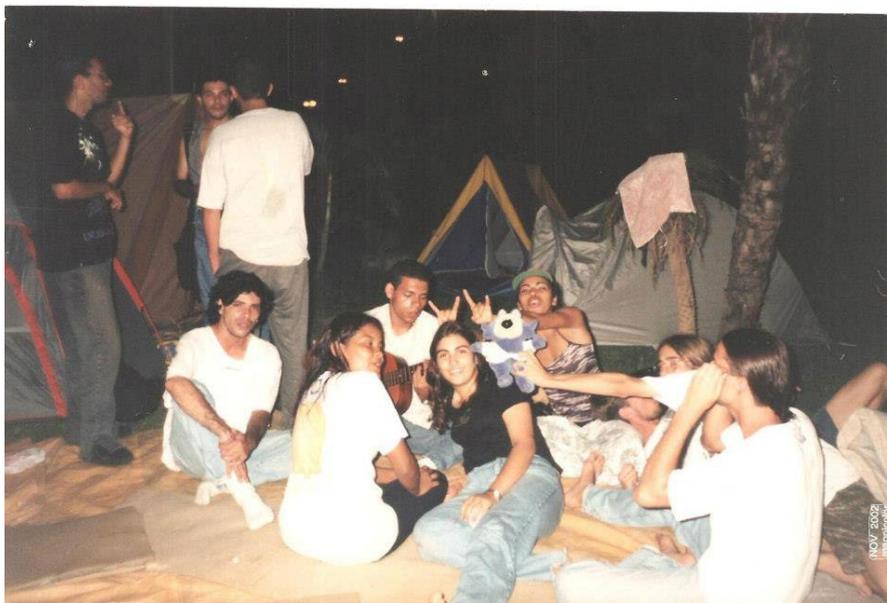
Nota: Acervo do grupo Comunicação Social UFMT, no Facebook.

O acampamento durou 25 dias. Ainda hoje, Yuri se lembra de um vigia do *campus* que fazia questão de, todos os dias, às 5h, ao chegar para trabalhar com seu Gol quadrado branco, buzinar e gritar: “Sem-terra, bando de vagabundo, vão para suas casas!”. O que aquele homem fazia era visto pelos estudantes como um ato de terrorismo. Yuri conta que diariamente o via trabalhando e desabafou: “Dá vontade de perguntar por que ele fez tanta maldade com a gente. A gente ficava com medo, acordava assustado pensando que poderia ser a Polícia Federal.”.

Mesmo com tantos problemas, os estudantes se mantiveram firmes em suas atividades de ocupação e, durante a noite, promoviam atividades lúdicas para tentar manter o grupo unido. Era muito difícil porque, a todo momento, havia algum veículo de comunicação tendencioso tentando achar alguma coisa fora do lugar para servir de argumento contra o movimento. “Eu era meio neurótico e visto como chato por não deixar que usassem um pano de fundo pra tirar o foco e nos colocar numa situação de baderneiro.”, relata Yuri. Nesse instante, ele lembra que, nas manifestações de junho de 2013, em São Paulo, contra o aumento da tarifa de ônibus, a imprensa evidenciou atos que caracterizou como vandalismo, desfavorecendo a luta popular.

O pessoal às vezes queria fazer uma festinha, beber, coisas típicas da juventude, tudo sempre com muita cautela. Havia alguns alunos de outros cursos não reconhecidos, como Ciência da Computação e Medicina Veterinária, que de vez em quando também dormiam na grama da reitoria. Um deles, da Veterinária, que dava aulas de tai-chi-chuan às 6h, a fim de contribuir com a estabilidade emocional da galera. Juntos, todos faziam as refeições em cima de uma lona de caminhão.

Figura 6 – Violão e muita conversa, as distrações dos estudantes nas noites de ocupação



Nota: Acervo do grupo Comunicação Social UFMT, no Facebook.

Havia as atividades lúdicas, mas sempre com cuidado “porque era fatal! Chegava de manhã a imprensa já procurando garrafa de bebida, se tinha droga...”. Yuri recorda que um repórter recém-contratado pela TV Centro América se aproximou do grupo e, revelando “uma visão extremamente retrógrada”, sempre fazia perguntas capciosas. “Quem é do movimento social já sabe qual é a intenção do cara, então eu comecei a brincar com ele e ironizar com as minhas respostas até ele baixar um pouco a bola.”. E assim foi até que o repórter, certo dia, se sentou para tomar café da manhã junto com os estudantes e, numa conversa informal, conheceu a franqueza de Yuri:

Se você veio aqui pra fazer valer esse tipo de matéria nos detonando, você vai me desculpar, mas você vai ter que sair daqui porque ninguém

vai te dar entrevista pra isso. O nosso movimento é legítimo! Você sabe o que é estudar e não ter um diploma, cara? Você é jornalista, não é? Você não fez lá no sul a sua faculdade? Você tem direito de exercer a sua profissão, não tem? Então, nós também temos. Então, não avacalha com o nosso movimento porque ele é sério. Ninguém tá aqui pra tacar pedra em vidraça ou porque a gente acha que é legal.

Os manifestantes tinham em mente que o patrimônio era deles e, sendo assim, não o depredariam. As ocupações eram muito organizadas, e o saldo de todo esse esforço foi positivo. Sob o efeito de muita pressão por parte dos estudantes, a obra finalmente foi iniciada e, para agilizar sua consecução, eles fizeram um “painel de responsabilidade”, uma espécie de contagem regressiva para a entrega do prédio, finalizado rapidamente em 1999, quando também o curso foi reconhecido. No entanto, o uso de estrutura pré-moldada gerou desconfiança nos alunos com relação à segurança, sem falar do embargo do Sindicato da Indústria da Construção Civil (SindusCon) em razão de uma suspeita de fraude no processo licitatório. “Os alunos e os professores se descabelavam!”, diz Yuri.

O processo, que já era demorado por causa da burocracia, ainda sofria com a má vontade administrativa.

A GESTÃO TUIUIU DEU BOBEIRA, VIRA BANDEJÃO!

Esta gestão foi eleita em 10 de dezembro de 1998, obtendo 102 votos contra 63 da concorrente, chamada “Intercomunicação”. Houve apenas um voto branco. Participaram da comissão eleitoral Jonas da Silva e Elaine Tortorelli. A posse ocorreu em 16 de dezembro.

Entre os integrantes da gestão figuram estes nomes: Julianne de Oliveira Souza, Gilson Costa, Diogo Rufino, Márcia Raquel de Oliveira e Janaína Pedrotti. No Colegiado de Curso, Marcia Elaine Fernandes Pedralino e Joilson Francisco da Conceição, ambos os representantes alunos de Publicidade e Propaganda.

A chapa vencedora organizou diversas promoções a fim de angariar fundos para o CA. Uma delas foi a Help Show, realizada em parceria com a MTV no Parque Aquático da UFMT, em 26 de fevereiro de 1999. Essa foi uma festa beneficente também, com arrecadação de agasalhos e alimentos não perecíveis, tendo a animação ficado por conta de shows de diversas bandas hoje não mais existentes, como: Extremunção, Zorato, Lynhas de Montagem, Esbórnia, Insane, Pacu Atômico, Meat Fly e Nirvana Cover. Nos informativos da época conta-se que choveu no dia do evento, mas que tudo ocorreu como o programado.

“Avaliação Pra Valer”

Em 1999, Elaine Tortorelli, junto com outros dois estudantes de Brasília, era membro da Regional Centro-Oeste na gestão “Ensaio de Mundo”. Naquele ano, a Enecos organizou o Seminário Avaliação

pra Valer e o Conecom, que ocorreu em Brasília, entre 14 e 16 de maio de 1999 e cujas inscrições aqui em Mato Grosso ficaram sob a responsabilidade da então aluna.

Quando se vê o material de divulgação do seminário, percebe-se que houve bastante cuidado com a parte de comunicação, arte e *design*. O evento foi organizado em parceria firmada entre a Enecos e os centros acadêmicos do CEUB, da Universidade Católica de Brasília (UCB) e da Universidade de Brasília (UnB). Teve patrocínio do Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), da UCB, do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes) e de uma gráfica. O apoio veio de um hotel e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal (SJPDF). Naquele tempo, a convocatória era enviada pelos Correios e, em Cuiabá, o destinatário foi o estudante Leonardo Mendes Sant’Anna.

O principal ponto de discussão daquele Conecom foi a qualidade de ensino, debate aprofundado com o seminário Avaliação Pra Valer e com a decisão pelo boicote ao Provão. Com esse intuito, foram produzidos e distribuídos às escolas materiais, como *folders* e um adesivo veiculando a frase “Colei no Provão. Avaliação Pra Valer”, para ser colado na prova. Além disso, havia a ideia de conferir um certificado ao aluno que entregasse a prova em branco.

A Avaliação Pra Valer tinha em seu projeto uma agenda de pontos a serem analisados individualmente pelos cursos de Comunicação do país e que incluíam: política orçamentária, estrutura política e administrativa, infraestrutura, projeto acadêmico ou pedagógico, recursos humanos (docentes, discentes e técnicos), pesquisa e extensão.

Naquele ano, a Enecos também lançou a campanha “Estudante em Movimento”, que funcionou por meio de cartilhas voltadas principalmente aos calouros e que os motivaria a participar ativamente da vida acadêmica e do movimento estudantil. Ressalte-se, nessa mesma ocasião, o fato de o Cacos ter mantido firme e quite sua filiação à Enecos.

O Cacos funcionava numa sala da FAECC, a qual, de acordo com Evandro Birello, conhecido como Piuí, era um espaço “interessante”, com uma porta de vidro e um ar-condicionado, podendo os alunos permanecerem ali até às 18h. Mas, no segundo semestre daquele ano, eles perderam essa e mais outras duas salas, nas quais os estudantes dos 1º e 2º semestres tinham aula.

Então, o Cacos tentou conseguir a sala 27 do IL, que estava desocupada. A diretoria do centro acadêmico já previa que, com a inauguração do bloco de laboratórios, haveria concentração dos alunos no Instituto de Linguagens e que, por isso, o CA deveria funcionar lá. Mas isso não deu certo, e tentou-se conseguir a sala 6, que estava ocupada apenas com alguns equipamentos. Logo, os alunos, em assembleia realizada em 25 de outubro de 1999, decidiram ocupá-la. Em ofício enviado ao Departamento do curso, o CA exigiu a retirada do material da sala, mas a exigência não foi atendida, de forma que, já em 2000, o Cacos já tinha quase dez anos de existência e ainda não possuía um espaço físico próprio.

A falta de uma sala para o funcionamento do Cacos voltou a ser tema de discussão em assembleia, que ocorreu em 22 de março de 2000. Na ocasião, noticiou-se, entre outras informações, a existência de um depósito na FAECC que seria cedido para esse fim e da sala 6 do IL igualmente para ser ocupada pelo CA, mas que havia sido apropriada

pelo curso de Artes. Os estudantes decidiram novamente ocupar a sala 6, proposta fortalecida por Yuri Kopcak, Cláudio Dias e Gilson Costa, que propuseram a radicalização. Nessa assembleia, também foram passados informes sobre a eleição do Cacos, que a princípio seria em 25 de abril daquele ano, mas ocorreu no dia 27 do mesmo mês.

Preocupados com a extensão da universidade à comunidade, os estudantes elaboraram uma pesquisa de opinião aplicada nos bairros Pedregal, Renascer e 21 de Abril, por meio da qual tentavam conhecer a realidade local e a viabilidade de se instalar uma rádio comunitária. Quem estava à frente desse projeto era Gilson Costa. Havia, inclusive, um abaixo-assinado “pela liberdade de expressão da comunidade, regulamentação das rádios e televisões livres comunitárias e instalação do Conselho de Comunicação Social”.

A GESTÃO JUNTANDO OS CACOS

Existem duas atas de posse da gestão “Juntando os Cacos”. Uma delas traz somente o conteúdo da posse ocorrida em 24 de abril de 2000; a outra, da posse realizada em 3 de maio de 2000. E isso apesar de a chapa ter sido eleita em 27 de abril daquele ano, com 102 votos, contra 34 da concorrente, a “Chapa Ação”. Os membros da comissão eleitoral foram Aline Fernandes e Juliane Bandeira, alunas de Jornalismo, e Sílvia Letícia da Silva, de Radialismo. A chapa contava com 20 integrantes, dentre os quais se destacaram: Caroline Araújo, Robson Castanho, Teonas de Meneses, Wallace Harchbart, Aliana Camargo e Evandro Birello “Piuí”.

O resultado dessa eleição, independentemente do ganhador e da confusão feita em torno das datas, pode ser considerado positivo pelo fato de ter alcançado 1/3 dos eleitores. Alguns anos mais tarde, o CA não interessaria a mais ninguém.

Já na primeira reunião dessa gestão, o ex-membro do Cacos e do DCE Yuri Kopcak compareceu para contar a história de luta dos estudantes do curso. Naquele dia, o principal tema discutido foi a falta de sala própria para funcionamento do centro acadêmico, sobre o que se decidira, em assembleia da antiga gestão, ocupar a sala do departamento do curso. A nova gestão pensou em convocar outra assembleia para revogar ou ratificar esse posicionamento.

Outras prioridades foram a escolha dos representantes nos órgãos colegiados e a divisão das coordenações da gestão. Os representantes escolhidos foram: Robson Castanho e Wallace Harchbart (suplente) para o Colegiado de Curso; Mariana Zanatta para

o Colegiado de Departamento; e Cristiane Vaz para a Congregação. Além disso, o CA tinha a intenção de firmar um convênio com alguma escola de inglês. Verifica-se que, naquele tempo, o Cacos contava com coordenações hoje inexistentes, como as de Ensino e Pesquisa e de Eventos Culturais.

Em 23 de agosto de 2000, houve uma assembleia bastante movimentada na qual se debateram estas pautas: “Informes do Enecom: uma viagem desastrosa”, Cobrecos, Conecom e espaço físico do centro acadêmico, que, por sinal, gerou discussões acaloradas. Não consta na ata nenhuma narração sobre as pautas relativas à Enecos.

A entidade havia perdido o espaço que utilizava na FAECC, pois ali estava em fase inicial a construção das novas salas de aulas que seriam compartilhadas com o ICHS, deixando o IL de fora. A coordenação do Cacos já havia tentado resolver o problema em conversa com o prefeito do *campus*, que sugerira a construção de uma sala para o CA ao lado do antigo auditório do IL. Sobre a questão, os alunos pensavam em aproveitar o espaço embaixo da rampa, no qual antigamente funcionava a Biblioteca Rubens de Mendonça.

De acordo com Caroline Araújo, esse local era para ser todo do Cacos, mas, por causa de uma jogada política por meio da qual se tentava desestabilizar o Mecom, que era o grupo mais organizado da universidade, os alunos foram jogados no saguão, com todos os pertences do CA. Hoje em dia, sua sede é compartilhada com os centros acadêmicos de Letras e de Música.

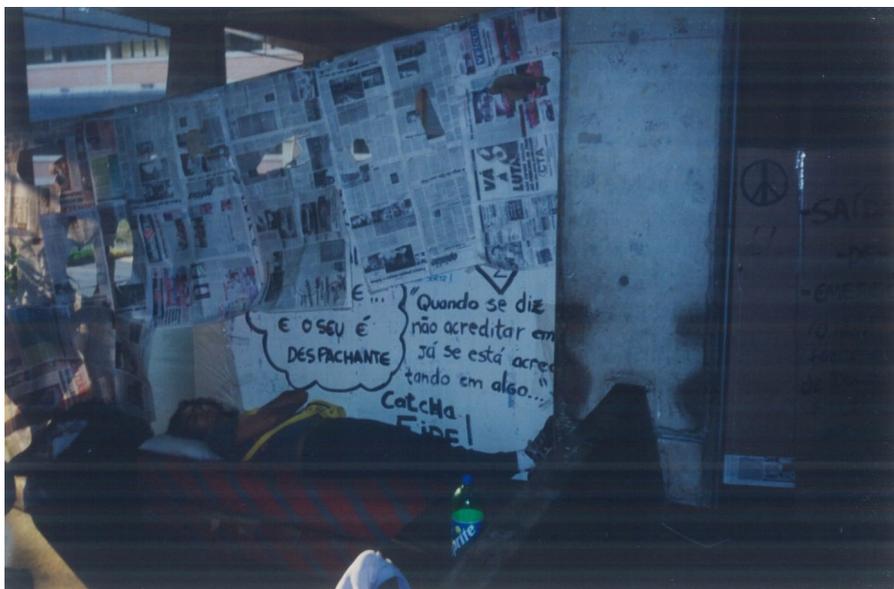
Todos estavam revoltados demais naquela assembleia, e surgiram várias propostas, tais como montar um barracão no saguão do IL, fazer barulho na sala da professora Zilda (então diretora do instituto),

entrar com processo na Pró-Reitoria de Planejamento (Proplan) e fazer greve estudantil. Os estudantes de Comunicação também sugeriram buscar apoio dos alunos de cursos vizinhos, entre os quais havia certo distanciamento.

Na opinião de Piuí, a causa desse distanciamento era o pouco tempo desde o estabelecimento da Comunicação no IL, o que se deu com a construção do bloco de laboratórios, também chamado de “lego”. Então, os “novatos” eram vistos como estranhos dentro de sua própria casa. Tchélo Figueiredo, ex-aluno de Radialismo e repórter fotográfico da Prefeitura de Cuiabá, acredita que os alunos dos outros cursos tinham “inveja” dos da Comunicação porque estes eram mais “extrovertidos”.

Diante dessa situação de estranhamento, os estudantes decidiram radicalizar o movimento e montaram o “barracão do Zildão”, em alusão ao nome da diretora do Instituto de Linguagens. O CA foi, então, montado no saguão do IL, bem na entrada do corredor. A intenção era dar visibilidade ao protesto, e ali não tinha como não ser visto, pois incomodava os transeuntes.

Figura 7 – Severino Mota em momento de descanso dentro do “barracão do Zildão”



Nota: Acervo de Aliana Camargo.

A parede do “barracão do Zildão” foi feita com murais de madeira e jornais. Em seu interior, havia sofás, mesinha com TV e armário. Ali eram feitas as reuniões, e, quem não se sentava no sofá ou no banco de cimento, se ajeitava pelo chão mesmo. No começo, alguns estudantes dormiam lá para garantir a segurança do patrimônio do Cacos. A certa altura dos acontecimentos, o clima para os alunos foi ficando tenso. As pessoas ficavam incomodadas com aquele barraco montado no meio da entrada, e já se falava até em instaurar processo disciplinar contra os manifestantes. Janaína Pedrotti, ex-aluna de Jornalismo, lembra que a professora Mariângela Sólla saiu em defesa dos alunos e, certo dia, o professor Javier López apareceu com um “cachimbo da paz” para conversar com eles e pedir um apaziguamento nos ânimos.

O clima era tenso também com os outros alunos do bloco. Certo dia, houve uma discussão que envolveu Janaína Pedrotti e Márcia Raquel, as duas de Jornalismo, e um estudante de Letras, incomodado por causa daquela parafernália atravancando o caminho. Evandro Birello⁹ assistiu à cena curioso com o desfecho:

Elas brigaram com esse aluno de Letras e esse aluno era extremamente desconfiado com a gente, eu acho que talvez pelo fato de ele ser transexual, transgênero, eu não sei, ele não gostava de mulher e aquilo acentuou muito forte com estarem aquelas mulheres no corredor, invadindo o espaço dele e ele começou a bater boca com elas ali e virou um bate-boca de mocinha! [risos] Não é muito lisonjeiro falar isso, mas eu vi e acabou sendo engraçado. Mas foi importante porque as meninas se posicionaram, porque apesar dele ser transgênero, ele era alto e era grande! Ele tinha a delicadeza dele de transgênero mas ele tinha o vigor do cromossomo Y que ele tem. Ele podia ter partido no tapa com elas ali. Eles ficaram meio que num bate-boca assim, ficou acalorada a discussão. A Janaína baixinha, a Márcia também baixinha, as duas magrinhas enfrentaram ele na conversa, no diálogo, na discussão. Foi meio chato, mas foi meio curioso, vamos dizer assim... Só que no final das contas a gente conseguiu estabelecer um diálogo! Tanto que depois nas reuniões de Executiva de curso de Letras e de Comunicação, que eram juntas, essas pessoas participavam dessas reuniões e aí trabalhando pelo bem comum.

Pouco tempo depois, os dois cursos se uniram e conseguiram uma sala, que foi dividida entre as respectivas executivas, a Enecos e a Executiva Nacional dos Estudantes de Letras (Exnel). Hoje, no espaço em que se realizaram as reuniões e atividades de ambas as entidades,

⁹ Entrevista de Evandro Birello concedida a Celly Alves Silva, em 29 jun. 2013.

funciona o laboratório de informática do IL. Outras brigas ocorreram com alunos dos demais cursos do IL, e Tchelo Figueiredo também presenciou uma delas, envolvendo um estudante de Música e outro de Comunicação. No final deste caso, que teve um final parecido com o há pouco relatado por Piuí, os dois CAs estreitaram e fortaleceram seus laços. Isso rendeu ao Cacos a cessão de uma sala minúscula, na qual funcionou de 2000 até 2008.

Aliana Camargo pontua que, naquela época, os estudantes tinham uma consciência política muito maior do que a dos estudantes de hoje, como se percebe na mobilização organizada em favor da aquisição de um espaço próprio para o CA e de equipamentos para o curso e na preocupação social e valorização do dinheiro público investido na educação superior. A este respeito, eles sabiam que tinham o dever de devolver esse investimento sob a forma de extensão comunitária, tal como tentaram fazer por várias vezes; a instalação de rádios comunitárias foi um exemplo disso. Havia também a proposta de escrever sobre a história do curso e mostrar aos calouros e outros cursos que a Comunicação Social vinha enfrentando diversos problemas. Aliás, os mesmos problemas, na maioria das vezes. Isso não foi feito naquele tempo, papel que se espera ser cumprido com este livro.

Ainda no ano 2000, os alunos participaram do Erecom Goiânia, que avaliaram como bastante desorganizado, embora o evento tivesse propiciado importante aproximação entre eles e estudantes de outras faculdades de Cuiabá. Todos voltaram animados da viagem, pois esta lhes rendeu grandes amizades e o planejamento de novos eventos, inclusive de um Erecom melhor que aquele, sem falar que alguns alunos até criaram paralelamente uma empresa de comunicação.

Na gestão seguinte, dois eventos muito diferentes concretizariam os desejos surgidos em Goiânia.

No final de 2000, o Cacos elegeu, em assembleia do dia 07 de dezembro, os seis delegados dos 18 estudantes que iriam para o Cobrecos São Paulo, a se realizar na USP entre 20 e 28 de janeiro de 2001. Além disso, escolheu alguns alunos para atuarem junto ao sindicato dos jornalistas e os três membros da comissão eleitoral do CA, a saber: Leonardo Mendes Sant'Anna, Ahmad Jarrah e Tiago Donatti. É interessante salientar que essa foi uma assembleia com ampla participação dos alunos. Na ata constam 148 assinaturas.

A GESTÃO REALINHANDO AS ÓRBITAS DA COMUNICAÇÃO

Esta gestão contou com cinco membros remanescentes da anterior e com vários alunos do 2º semestre. Também contou com integrantes da chapa “Juntando os Cacos” que ajudaram na eleição. Entre estes, Aliana Camargo, responsável pelo nome “Realinhando as órbitas da Comunicação”, uma referência à música *O Segundo Sol*, de Nando Reis (2002), portanto revelador da realidade do curso, sobretudo em alusão à ausência de sala própria para o centro acadêmico e de equipamentos nos laboratórios. Ainda, a gestão atual contou com grandes militantes, que se envolveram estreitamente com a Enecos e com estudantes de outros cursos e elaboraram interessantes projetos para serem desenvolvidos dentro e fora da universidade. Desse grupo, destacaram-se: Wallace Harchbart, Lenissa Lenza, Caroline Araújo, Tabaré Marçal, Rafael Manzutti, Arthur Bruno Monteiro, entre outros.

Em termos numéricos, os resultados desta eleição mantiveram o mesmo ritmo da anterior: de um universo de 369 alunos, 136 votaram. A chapa vencedora obteve 82 votos, contra 47 da concorrente, além dos 6 nulos e 1 em branco. A votação ocorreu em 15 de fevereiro de 2001, e a posse, no dia 21. Os membros da comissão eleitoral foram Ahmad Jarrah, Leonardo Mendes Sant’Anna e Tiago Donatti.

No mês seguinte, maio do mesmo ano, o Cacos começou a se organizar para participar de diversos eventos, como o Encontro Estadual de Estudantes de Comunicação (Ecos), o Conecom Tocantins e o Enecom Brasília, e promover Erecom Cuiabá. Com o intuito de viabilizar a viagem para o Enecom, realizou pedágios, rifas e venda de pizzas, bem como solicitou auxílio financeiro à Fundação de Apoio e

Desenvolvimento da UFMT, a Uniselva, e da antiga Pró-Reitoria de Vivência Acadêmica e Social (Provivas), hoje Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência (Procev), o que garantiu o ônibus e mais R\$ 400.

Para o Conecom, o centro acadêmico escolheu que participaria como delegada a aluna de Jornalismo Julianne de Oliveira Souza. O evento aconteceu paralelo ao Seminário “Democratização dos Meios de Comunicação”, na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), Palmas, entre 27 de abril e 02 de maio de 2001.

O Enecom daquele ano ficou marcado na história do Mecom e gerou sérias consequências. Pena que negativas. Causou um transtorno o uso de maconha nas dependências da Universidade Católica de Brasília, escola que sediou o encontro. Os padres diretores da universidade chamaram a polícia para intervir e os próprios encontristas entraram em conflito, pois a tal “*Cannabis Cup*” nada tinha a ver com a programação oficial do evento, que, a propósito, Caroline Araújo avaliou como muito produtiva. Instaurou-se, assim, um caos e, com isso, uma crise dentro da executiva, que, mergulhando-se em seríssimo processo de autorreflexão, supôs a própria extinção.

Naquele instante, os verdadeiros militantes tomaram a decisão de suspender o Enecom por dois anos seguidos, substituindo-o pelo Conecom semestral, pois consideraram que o evento havia se tornado uma colônia de férias, com muita gente interessada em viajar, festar e “pelegar”, como se diz no movimento estudantil (ME). Poucos eram os que iam para, de fato, construir uma discussão voltada para a Comunicação Social, aprimorar sua formação e participar de forma responsável. Ao contrário dessa realidade lamentável, no Conecom o caos não ocorreria, pois sua programação é mais densa e politizada, interessante somente aos mais envolvidos com a militância.

Outros fatos importantes aconteceram naquele ano, como a visita do MEC ao curso, quando o CA organizou o “Mec Dia Feliz”. Além disso, Wallace Harchbart foi escolhido como o novo secretário regional da Enecos, e os estudantes ainda estavam organizando o Erecom. Para isso, aliás, o Cacos conseguiu alguns patrocínios: da extinta Telemat, que doou 100 camisetas; da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso (Adufmat), que garantiu 850 xerox; e do Pronto Socorro Municipal de Cuiabá, que se comprometeu a dar apoio médico. Porém, há que se contar essa história por partes...

Vaias para FHC

Os integrantes desta chapa já participavam, antes de entrarem no Cacos, das discussões promovidas pelo DCE e pela Adufmat. No intervalo entre a eleição e a posse, a chapa participou de um Conselho de Entidades de Base (reunião de todos os centros acadêmicos, convocada pelo DCE), ali se organizando uma caravana que seguiria para Sinop, onde o então presidente da República Fernando Henrique Cardoso estaria inaugurando a internet numa escola pública. Os acadêmicos aproveitaram a oportunidade para reivindicar mais investimentos na universidade.

Em 19 de fevereiro de 2000, um ônibus lotado de estudantes de diversos cursos, inclusive de Comunicação, partiu para aquele município. Já chegaram lá prontos para a cerimônia e dirigiram-se direto à escola. Dispuseram-se bem perto do palco, no meio da população. Quando começaram os discursos, eles levantaram seus cartazes e começaram a vaiar o presidente e a gritar palavras de ordem, como “arroz, feijão,

saúde e educação”. Ao mesmo tempo, as autoridades locais aplaudiam FHC.

Figura 8 –Protestos dos estudantes contra FHC entre a população de Sinop



Nota: Acervo de Aliana Camargo.

Todos os políticos fingiram não ouvir os protestos, menos o presidente, que, apontando para os estudantes, defendeu que nenhum governo havia feito tanto por Mato Grosso como o dele e que era necessário separar o joio do trigo. Nesse momento, Aliana Camargo¹⁰, aluna de Radialismo, fez mais um cartaz com os dizeres “Prefiro ser joio de uma nação que luta por seus direitos do que ser trigo de uma massa podre e falida.”. O clima foi ficando tenso e, cercados pela população, os estudantes começaram a levar pedradas. Aliana lembra de um senhor gaúcho que gritava “Barbaridade, tchê, vão embora da minha cidade!”. Ela discutiu com ele dizendo que ninguém era dono

10 Entrevista de Aliana Camargo concedida a Celly Alves Silva, em 4 set. 2013.

da cidade. De fato, foi um “fuzuê” que marcou aquela cerimônia. Os estudantes retornaram a Cuiabá assim que tudo terminou.

No dia seguinte, aconteceu a posse da gestão “Realinhando as órbitas da Comunicação” e a primeira reunião, na qual a avaliação do ato foi a principal pauta. Os estudantes estavam satisfeitos com o resultado, apesar da hostilidade sofrida. O fato de FHC ter respondido às vaias e de ter havido repercussão na TV Globo foram pontos positivos para o movimento. Na época, o jornalismo digital ainda era novidade, e os alunos nem ficaram sabendo que o jornal Folha de São Paulo também publicara em seu *site* uma matéria sobre a manifestação.

Essa viagem a Sinop rendeu uma reprovação para Aliana Camargo, que perdeu uma prova da extinta disciplina de Inglês Instrumental 1, então pré-requisito para outra, além de ser ofertada pelo Departamento de Letras. O CA, então, entrou com um pedido de revisão de notas e faltas para que a aluna não fosse prejudicada. Tudo acabou resolvido.

Mec Dia Feliz

O Mec Dia Feliz foi uma mobilização realizada por estudantes de Rádio e TV, curso que, na época, não obteve reconhecimento do MEC. Na ocasião, os avaliadores vistoriavam e faziam o reconhecimento das condições físicas e pedagógicas do curso, e, então, os alunos se organizaram para lhes mostrar a realidade. Como sempre se dava com o antigo Provão, a turma também boicotou a primeira edição do Enade. Tal atitude ajudou a nota do curso a cair, mas os alunos preferiram usar essa estratégia a compactuar com a farsa de uma avaliação que não avalia de verdade.

Os estudantes aprendiam em meio a muitas dificuldades. Aliás, muito do que sabiam não vinha da sala de aula e do padrão de qualidade do curso, mas de esforços próprios e de alguns professores, aos quais se juntavam para criar meios alternativos de suprir as carências, as deficiências acadêmicas responsáveis pelo sucesso na prática profissional. Portanto, uma boa nota no Enade não significava que devessem isso à universidade, tendo nessa realidade uma razão para o boicote.

O Fanzica, zine produzido por alunos do curso, era uma dessas iniciativas. Evandro Birello “Piuí”, ex-aluno de Radialismo, conta que a publicação surgiu da indignação dos estudantes com a má qualidade do ensino e da estrutura do curso, além da necessidade de expor a postura irreverente deles diante da realidade. O material trazia quadrinhos e histórias que contavam de forma irônica e bem-humorada os problemas enfrentados na academia, além de informações úteis àquele ambiente.

Para Piuí, o colaborador que mais conseguia levar graça para o Fanzica era Severino Mota, que hoje é jornalista em Brasília:

Cara, ele zoava todo mundo! Você não podia dar uma bola fora que ele fazia uma chargezinha ou uma piadinha contando alguns casos do dia-a-dia da UFMT. Em contrapartida, também discutíamos a questão da qualidade do ensino. Por ser um zine, ele era feito de forma independente e questionava porquê a faculdade não tinha um curso de extensão.

O entrevistado lembra que seu primeiro curso de extensão foi um de fotografia, ofertado pelo próprio Mota.

“Cinema BR em Movimento” foi outra atividade que ajudou algumas pessoas a melhor se qualificarem. O projeto, promovido

pelo Ministério da Cultura e pela Petrobrás e realizado em parceria com universidades e comunidades, levava o cinema nacional para as comunidades e instituições de ensino, com direito a sessões pipoca e debate sobre o filme apresentado.

Moacir Barros, apontado por vários alunos como um entusiasta da sétima arte e um dos professores mais preocupados com a aprendizagem, foi o orientador do projeto em Cuiabá, o qual contava com as alunas bolsistas Aliana Camargo e Caroline Araújo, e com Jomar Brittes e Paula Naves, atuando na comunidade. As sessões eram realizadas na UFMT e demais instituições de ensino superior e em escolas públicas. Antes da execução do projeto, todos os envolvidos, em todo o Brasil, passavam por um treinamento durante uma semana no Rio de Janeiro.

Aliana Camargo participou do projeto durante um ano e o considera um dos mais importantes canais de divulgação do cinema nacional. Para ela, foi um aprendizado muito grande, que lhe proporcionou uma vivência acadêmica maior, mais abrangente, pois, como recebia uma bolsa, podia passar o dia no *campus* e fazer o que gostava: militar no movimento estudantil. “Naquela época, éramos muitos sonhadores, e ainda somos. Eu era tão envolvida com o movimento... Foi uma época boa.”, lembra.

A estudante conta que outros colegas também desenvolviam projetos independentes. Os alunos tinham consciência de que a universidade era paga por toda a população e se sentiam no dever de lhe devolver esse investimento de alguma forma. Ela cita Gilson Costa e Cláudio Dias, que promoviam oficinas de vídeos em bairros da periferia de Cuiabá. A própria Aliana e Cristiano Costa, depois de formados, desenvolveram oficinas de vídeo em escolas dos bairros

Pedra 90, Porto e Centro, em Cuiabá, e na Cidade de Deus, em Várzea Grande.

Quando foi entrevistada, a radialista trabalhava como assessora de imprensa da Rede Cemat e era mestre em Cultura Contemporânea e mãe. Os tempos são outros, mas ela garante que ainda é atraída por tudo o que é coletivo. Durante o mestrado, Aliana fez parte do “Coletivo à deriva”, grupo que promovia intervenções artísticas em Cuiabá, e hoje integra uma equipe que discute o parto humanizado nos hospitais.

Voltando aos projetos acadêmicos, a Rádio Corredor foi o mais importante laboratório na trajetória dos estudantes no curso de Comunicação Social da UFMT. A estrutura para funcionamento de uma rádio é sempre mais simples do que do que a requerida para a gravação de um programa de TV, que depende de estúdio, iluminação, câmeras, entre outros equipamentos que faltavam ao curso. Mesmo assim, a Rádio Corredor também passou por apuros em sua história.

Na década de 90, as aulas de rádio ocorriam numa sala precária do CCS B, sem o isolamento acústico necessário, com caixas de som de péssima qualidade. Isso incomodava os ouvintes e gerava conflitos com professores de outros cursos, já que os programas eram transmitidos no saguão, da mesma forma como acontece hoje. “Era tudo gambiarra!”, diz Yuri Kopcak.

A transmissão ocorria entre 9h e 9h30min, horário em que outros cursos ainda estavam em aula, e alguns professores queriam desligar os aparelhos e ameaçavam destruir as caixas. “Era engraçado. Os alunos se mobilizavam para proteger o nosso patrimônio que era a transmissão da rádio e poder estar exercendo esse laboratório que é importante para a nossa formação”, conta o radialista. Como se

verá mais adiante, houve também uma tentativa de montar uma rádio comunitária no *campus* da UFMT e outras movimentações em torno da radiodifusão.

O curso era muito precário em equipamentos, e os alunos não tinham liberdade para produzir, utilizar os laboratórios e os poucos materiais de que dispunham. Os professores realmente preocupados com o aprendizado “[...] faziam das tripas coração [...]”, nas palavras de Carlos Augusto Buiu¹¹, para poder ensinar. Então, surgiu o Núcleo de Estudos 3 Tabelas, formado por estudantes de todas as habilitações, alguns professores e até alunos de outros cursos. Eles debatiam sobre a Comunicação, escreviam roteiros e buscavam produzi-los. Os mais avançados ensinavam os mais novos, e os professores colaboravam.

No ano 2000, os estudantes participaram do Erecom Goiânia e lá se aproximaram de estudantes de Comunicação de outras faculdades de Cuiabá, em especial da Universidade de Cuiabá (Unic). O encontro os uniu tanto, que eles voltaram de lá com a parceria firmada em vários projetos, a serem realizados no ano seguinte. Um deles foi o **Cubo Mágico**, por meio do qual se buscou criar uma cena musical *underground* na cidade, com a promoção de bandas e eventos produzidos de forma colaborativa, inclusive, com moeda própria, o Cubo Card.

O grupo foi ganhando força até abrir o Espaço Cubo, onde ocorriam os *shows*, e, em 2005, conseguiu se unir a produtores culturais de outros estados, como Paraná, Rondônia e Minas Gerais, disso se originando o Fora do Eixo. Pode-se dizer que este grupo nasceu na universidade, mas se expandiu para muito além e hoje está presente em diversas cidades do país. Porém, aqui em Cuiabá, se enfraqueceu e foi embora para os grandes centros, o que estava fora dos planos iniciais.

11 Entrevista de Carlos Augusto Buiu concedida a Celly Alves Silva em 16 mai. 2013.

1º Encontro Estadual de Estudantes de Comunicação (ECOS)

O 1º Ecos foi mais um fruto de uma amizade nascida no Erecom Goiânia, realizado entre 19 e 22 de abril de 2001, com o tema “Democratização, Mercado e Organização Estudantil: Por uma comunicação mais social”. De acordo com relatos dos estudantes da época, o evento foi organizado pelos centros acadêmicos de Comunicação da UFMT e da Unic e por alguns alunos do IVE, mas os documentos mostram que estudantes da Centro Universitário de Várzea Grande (Univag) e Centro Universitário Cândido Rondon (Unirondon) também receberam apoio dos departamentos e ajudaram.

Figura 9 – Tchélo Figueiredo em ação na pintura de quadro para o 1º Ecos



Nota: Acervo de Tchélo Figueiredo.

Voltado para a formação profissional, o 1º Ecos ofertou palestras, oficinas e minicursos, tendo muitas dessas atividades contado com profissionais oriundos de outros estados. Pelos relatos se percebe que o evento propiciou o estabelecimento de contatos que perduram

até hoje. O 1º Ecos foi como uma preparação para o Erecom, evento da Enecos realizado alguns meses mais tarde.

Algumas das oficinas oferecidas foram: rádio comunitária; jornal comunitário; construção de *home page*; pesquisa publicitária; organização estudantil e distribuição de informações, fotografia, zine e quadrinhos; roteiro cinematográfico; técnicas de organização de eventos e cerimonial; produção gráfica; e produção de vídeos.

De 03 a 07 de setembro de 2001, ocorreu o Conecom Campo Grande. Como o Cacos se encontrava pilhado em razão da organização do Erecom, decidiu enviar somente Wallace Harchbart para representar a UFMT, enquanto os demais continuaram a preparar o encontro regional.

ERECOM Cuiabá: “tudo é um blefe”

Também vislumbrado a partir do Erecom Goiânia, o Erecom Cuiabá não alcançou o mesmo sucesso do 1º Ecos, o que se deu por vários motivos, como a coincidência entre a data de sua realização a de outro grande evento, o Congresso da UNE, em Campinas. Na época da organização, esperou-se que de Brasília chegassem dois ônibus cheios e de Mato Grosso do Sul, três. No entanto, das respectivas localidades vieram apenas cinco e vinte pessoas. Nem mesmo Wallace Harchbart participou por ter ido para o congresso.

Além disso, houve menos pessoas de fato engajadas na realização do Erecom se comparado ao 1º Ecos. No final das contas, o que sobrou foi uma dívida de mais de R\$ 10 mil, paga no correr de dois anos pelos poucos alunos que se comprometeram a quitá-la. Carlos

Augusto Santos, o Buiú, conta que tirou do próprio bolso cerca de R\$ 1 mil.

Outra pessoa que ajudou bastante, conforme Buiú, foi o professor Elias, do Departamento de Letras e, na época, diretor do IL. Ele deu um cheque cujo valor lhe foi restituído depois pelos estudantes. Além disso, autorizou a realização de festas nas dependências do IL para a comissão organizadora angariar recursos e liquidar as dívidas. Outro aluno, que era músico e estava guardando dinheiro para comprar um instrumento novo, acabou usando-o como contribuição.

Na opinião de Evandro Birello, mais uma pessoa que deve ser “lembrada e aplaudida” é Caroline Araújo, pois ela, que encabeçara a ideia de organizar o Erecom, acabou sofrendo o peso da responsabilidade, tendo inclusive chegado a ser ameaçada por agiotas que cobraram dela o pagamento dos cheques que tinham ido parar nas mãos deles. Carol Araújo conta que aquele período de crise mostrou realmente como era o caráter das pessoas, e muitas amizades foram desfeitas. Ela lembra que até mesmo alguns alunos da Biologia ajudaram a pagar aquela conta.

Foi necessário muito trabalho para conseguir o dinheiro: os alunos promoveram festas e barzinhos, e, até quando havia concursos, alguns deles trabalhavam como fiscais. Até hoje, todos os comprovantes de gastos e notas fiscais do Erecom estão guardados numa pasta dentro do armário do CA.

Aliana avalia que, apesar de todos os problemas e do reduzido número de participantes, o encontro aconteceu com uma programação interessante, festas bacanas, tudo dentro dos conformes. Carlos Augusto “Buiú” e Tchélo Figueiredo relatam que o tema “Tudo é um blefe” era uma crítica à Enecos, pois, no Erecom anterior, os alunos

viram uma total falta de organização e pessoas pouco interessadas em participar, querendo apenas se divertir. Por isso, um blefe: propunha-se uma coisa, mas acontecia outra.

Figura 10 – Show da banda Caximir, com Sodrezinho no vocal, em atividade cultural do Erecom



Nota: Acervo de Aliana Camargo.

O ano de 2002 começou com atividades importantes para o Mecom. No ano anterior, os professores das universidades federais estiveram em greve por 99 dias, de agosto a outubro, e o calendário acadêmico teve que ser reajustado. Já em 10 de janeiro, o Cacos realizou uma assembleia para eleger delegados do Cobrecos Maceió. Foram eleitos: Arthur Bruno Monteiro (Publicidade e Propaganda - PP), Wallace Harchbart (Jornalismo - JOR), Paulo Henrique de Toledo Ribas Júnior (PP) e Jean Carlos Segóvia Silva (Rádio e TV - RTV). Na ocasião, foram discutidas também a eleição da Enecos e a prestação de contas negativa do Erecom Cuiabá.

Além disso, os estudantes estavam trabalhando em prol de uma rádio experimental, buscando com isso aperfeiçoar o aprendizado por meio da prática. Para tanto, em fevereiro, o CA solicitou à diretoria do IL os seguintes equipamentos: uma mesa de som de 16 canais, um *delay*, um toca-discos e um microfone.

Ainda, foi estabelecida ampla discussão sobre o Provão, a propósito, bastante criticado. A Enecos fez parte do “Plebiscito do Provão”, organizado juntamente com executivas de outros cursos e com a UNE. Em Mato Grosso, quem estava à frente dos trabalhos era Wallace Harchbart, ocupando a função de secretário regional. O slogan da campanha foi “Vamos pôr o Provão à prova. Por uma avaliação de verdade”, e o plebiscito ocorreu em 10 de maio, no saguão do IL. A essa altura, Wallace já não era mais integrante do Cacos, que estava sob a gestão da chapa “Juntos Somos Mais”, e por esse motivo ele tocava praticamente sozinho os trabalhos pertinentes à Enecos.

Wallace foi um dos estudantes que, ao longo da história do curso de Comunicação Social da UFMT, mais se envolveu com a militância estudantil, sendo lembrado até hoje pelos colegas como alguém que possuía grande capacidade de agregar as pessoas, que lutava em prol do curso, que não demonstrava muito posicionamento ideológico a fim de manter uma boa prática política. São inúmeras as apreciações dos seus contemporâneos. Ainda calouro, em 2000, ele entrou para o CA, na chapa “Juntando os Cacos”, continuou na gestão em 2001 e, no ano seguinte, tornou-se secretário-regional da Enecos.

Para Evandro, Wallace era um militante que fugia do discurso “clichê esquerdista”. Jovem sagaz, astuto, possuía visão política crítica e empregava sua boa fama no curso para trabalhar em favor do social, unindo os estudantes por meio de eventos, festas e mobilizações

políticas. Tratava-se, enfim, de uma figura expansiva, muito simpática, que agregava e unia as pessoas.

Buiu considera Wallace o maior militante daquela época. “Difícilmente alguém vai superá-lo com relação ao engajamento, alguém que batalhe como ele pelo curso”. Não foi possível localizar o ex-militante para entrevistá-lo. Mas seus amigos de faculdade sabem que, atualmente, ele trabalha na assessoria de imprensa da Caixa Econômica Federal, em Brasília.

A GESTÃO JUNTOS SOMOS MAIS

Chapa eleita em maio de 2002, tinha entre seus integrantes Aline Wendpap, Sérgio Henrique Puga e Maurílio Mederix. A primeira atividade da gestão foi organizar e realizar a Semana do Calouro 2002/1, conforme averiguado em panfletos da época. Desde a instalação do curso de Comunicação na UFMT, os alunos sempre mantiveram a militância; todos eram amigos e politizados e atraíam muita gente para as assembleias, que costumavam ser cheias. No entanto, entrevistados revelam que a gestão apagou uma parte rica da história do Cacos, de modo que, dessa época, não há registros em atas. A sala do centro acadêmico, na qual havia inúmeros cartazes de movimentos históricos do curso e ilustrações de Los Cucarachos, passou por uma reforma; tudo foi retirado das paredes, e estas, pintadas de verde.

Caroline Araújo, recém-chegada de um intercâmbio nos Estados Unidos, conta que, ao ver o que essa gestão fez com o CA, sentiu como se tivesse levado um “soco no estômago”. Na opinião de Buiú, “[...] foi a primeira vez que um grupo de direita entrou no CA”. Maurílio Mederix foi procurado para falar sobre sua gestão, mas não respondeu aos questionamentos.

Coincidentemente, no dia da impressão da pesquisa que embasa este livro-reportagem, Aline Wendpap, então professora no curso de Radialismo, estava na xerox, viu a capa do material e perguntou se podia dar uma olhada. Em dado momento, quis saber por que não havia sido entrevistada, e eu lhe perguntei quem ela era. Depois de me dizer seu nome, acrescentou que já havia sido do Cacos e do DCE, embora não se recordasse em que gestão, da qual se lembrou ao chegar na leitura desta página. Eu expliquei que ninguém havia falado bem da gestão dela e que Maurílio não tinha respondido às perguntas enviadas

a ele. Aline disse que, naquela época, havia muita gente “do contra” no curso e que ela não gostava daquela chapa.

Com base no que se pôde apurar, o Cacos entrou num período de estagnação, e uma nova eleição foi convocada. Nenhuma chapa se inscreveu. Carlos Augusto “Buiu” acabou assumindo sozinho a direção do CA, pois os demais membros da comissão eleitoral haviam se graduado. Nada escrito no livro ata neste período, embora Buiu informe que, naquela época, muita coisa aconteceu. No poder público, discutia-se sobre rádios comunitárias. O Cacos era convidado pela Assembleia Legislativa e Câmara de Vereadores para debater o tema juntamente com outros setores da sociedade, mas somente Buiu, Nivaldo Queiroz (já falecido) e uns poucos interessados participavam.

Retomada do Cacos

Finalmente, após um período de desinteresse político por parte dos alunos do curso, Evandro Birello de Lima, Isabelle Rodrigues e Ana Cláudia Simas formaram uma nova comissão eleitoral. Em 05 de junho de 2003, a chapa única “O caminho do meio” foi eleita a nova gestão do CA, tendo a posse ocorrido no dia seguinte. Eram seus membros: Alexandra Botelho Silva, Celso Gayoso, Jader Miguel Filho, Maurício Ferreira de Azevedo, Rodrigo Amorim e Volney Albano Silva, de Jornalismo; Aliana Camargo, Anderson Alves Jorge, Caroline Araújo, Credson Carmo de Melo Almeida, Jean Carlos Segóvia, Paula Alves, de Radialismo; e Aroldo Lima Verde, Eliseu Maranhão, Luciano Zulke, Pierry Paolo, Tabarê Ribeiro Maccal e Thiago Bazzi, de Publicidade e Propaganda.

Caroline Araújo relata que, apesar de todas as decepções sofridas na gestão “Realinhando as órbitas da Comunicação”, por

causa da dívida do Erecom, ela resolveu tentar trazer o Cacos de volta após o período de abandono. Então, voltou-se a brigar pelo espaço da antiga biblioteca Rubens de Mendonça. Oficialmente, não há registro do Cacos, e Caroline afirma que havia um livro ata inteiro desta e de outras gestões, mas ela acredita que tenha sido extraviado em gestões seguintes.

Em 06 de julho de 2004, outra eleição foi organizada pela comissão eleitoral, presidida por Ana Cláudia Simas e secretariada por Carlos Buiu e Daniel Souza. Concorreram duas chapas: “Juntando Cacos”, obteve 80 votos, e “Pão e Circo é o caralho”, 50; nove votos foram nulos. Somente uma ata foi encontrada desta gestão, tratando sobre uma carta de repúdio ao então prefeito Wilson Santos devido à exclusão do passe livre. O tema foi debatido em assembleia em 02 de março de 2005. Há também alguns ofícios, entre eles o de solicitação de ônibus para o Enecom Maceió, cuja cessão era responsabilidade do coordenador administrativo Rodrigo de Barros Coutinho.

Em 19 de agosto de 2005, houve mais uma eleição para o CA. A chapa única “Integrar para mudar” foi eleita com 47 dos 51 votos. A comissão eleitoral havia ficado a cargo novamente de Ana Cláudia Simas. Também aqui, a história de esquecer o livro ata no armário, como algo sem utilidade, novamente se repetiu... E o que de bom e ruim aconteceu naquele tempo, isso somente saberão dizer as pessoas que acompanharam de perto a fase em que o CA por quatro anos ficou sem registro de suas atividades.

Em junho de 2006, retomou-se o registro em ata das assembleias e reuniões. Na época, o ponto de discussão era a participação no 28º Enecom, que ocorreria em Salvador, entre 06 e 12 de agosto, com o

tema “Uma outra Comunicação é possível: combatendo as opressões e construindo as bases para uma nova sociedade”.

Inicialmente, a coordenadora administrativa do Cacos, Josielma Gonçalves de Carvalho, solicitou um ônibus à prefeitura do *campus*, mas parece não ter obtido sucesso, pois a coordenadora de cultura Poliana Rocha, em outra assembleia, propôs a realização de pedágios e de festival de pizza e a busca por patrocínios com políticos, iniciativas que renderiam dinheiro para pagarem pelo transporte.

Conseguiram. E foram para Salvador, onde se depararam com cerca de 1.500 estudantes de Comunicação de todo o país. Aquele foi um encontro tão grande e difícil de controlar, que a Executiva resolveu utilizar a mesma metodologia pós-Enecom 2001. No ano seguinte, aconteceu apenas o Conecom Porto Alegre.

A gestão prosseguiu com a discussão sobre a mudança do Cacos para o seu atual local de funcionamento: embaixo da rampa do Instituto de Linguagens. A proposta da diretoria do IL era dividir o espaço entre os três centros acadêmicos do bloco, o que agradou os estudantes pela proximidade que isso proporcionaria aos grupos e a oportunidade de terem um espaço de convivência. Mal sabiam, no entanto, que o plano inicial do CA era ter aquele espaço todo só para si. A falta de conhecimento da história contribuiu para o enfraquecimento dessa reivindicação, e a mudança só ocorreu de fato na gestão “Remendando Cacos”, que atuou entre 2008 e 2009.

No final da gestão “Integrar para mudar”, teve início o processo de eleição da nova diretoria e foi instaurada uma discussão acerca do direito de calouros participarem, os quais, entre votos favoráveis e contrários, acabaram ganhando, com 25%, o direito de

votar e concorrer em chapa. Tudo isso ocorreu na assembleia de 12 de dezembro de 2006, sendo membros da comissão eleitoral Caroline Araújo, Paulo Traven, Ângelo Diamante e Diego Maia, que era calouro.

A eleição foi disputada pelas chapas “De que lado você samba?”, constituída por Talyta Singer, Vitor Torres e Abrãao Ribeiro; e “Paratodos.com”, que, integrada por Maurício Rodrigues, Adérito Schneider e Maíra Matos, acabou ganhando. Na Enecos, Maurício e mais alguns revoltados formavam o Grupo Anarquista do Mecom (GAM).

Esse período, de 2003 a 2006, merece ser mais explorado para se conhecer detalhes do que aconteceu no Cacos, mas isso ficará para outra oportunidade, e, quem sabe, outros estudantes tomem para si a missão de fazer essa recuperação histórica.

Figura 11 – Acampamento na década de 90, estávamos aqui



Nota: Acervo do grupo Comunicação Social UFMT, no Facebook.

Figura 12 – No início dos anos 2000, a Comunicação passa a ter uma casa



Nota: Acervo de Aliana Camargo.

PERFIS

O PIONEIRISMO DE ADEMAR ADAMS

Não sei se foi o acaso ou se foi um golpe de sorte do destino. Em março de 2012, numa entrevista de estágio no Tribunal Regional do Trabalho da 23ª Região (TRT/MT), deparei-me com dois jornalistas formados na primeira turma de Comunicação Social da UFMT: Aline Cubas e Ademar Adams. Fui admitida naquela vaga e, desde então, sabia que teria que os entrevistar. Mas isso demorou muito para acontecer.

Depois de um bom tempo já como estagiária, portanto familiarizada com o ambiente e com as pessoas, falei com Ademar sobre o projeto de TCC e o comuniquei sobre a entrevista. Na época, ele era um senhor de 61 anos e eu, uma jovem de 22, mas a juventude de espírito é uma marca dele. Nossas conversas sempre estiveram no nível de tratamento do “você”, sempre com boas risadas. Os assuntos, os mais diversos, o cotidiano político, futebol e, claro, movimento social e estudantil.

Mesmo assim, eu sabia que entrevistar o principal fundador do Cacos não seria uma tarefa tão fácil quanto pudesse parecer. O fato de ele ter se formado na primeira turma, me deixava extremamente emocionada e me trazia o peso da responsabilidade de fazer um bom trabalho. Combinei com Ademar de gravar lá mesmo, para sua maior comodidade. Depois de muito adiar para falar com o coordenador de Comunicação do TRT/MT e nosso chefe, Nelson Ferraz, sobre a possibilidade de utilizar os equipamentos do TRT, ele autorizou sem fazer cerimônia. Mas, ainda assim, passaram-se dias para o momento se concretizar.

A entrevista foi finalmente gravada no dia em que Ademar e eu saímos de férias. Foi uma correria! A mulher dele, Adriana Adams, que também é servidora do TRT, estava esperando na sala da coordenadoria de comunicação, pois eles viajariam naquele mesmo dia, e eu também. Meu destino seria meu último encontro estudantil: o Encontro Nacional de Casas de Estudantes, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que depois descobri não ser efetivamente o último.

Inicialmente nervosa, senti que não estava me saindo muito bem na condução da entrevista. Além disso, Ademar não estava conseguindo se lembrar de alguns fatos relacionados à criação do centro acadêmico. Mesmo com um roteiro nas mãos, segui outro rumo nas questões e, então, fizemos um passeio por momentos mais distantes de sua vida, lá na infância. Felizmente, havia guardado na memória, estrategicamente, declarações informais de Ademar no ambiente de trabalho e nas quais percebi relação com meu projeto.

Essas lembranças foram acrescentadas ao roteiro da entrevista e acabaram por abrir as portas para a descoberta de muitas histórias vividas pelo colega gaúcho, natural de Santo Ângelo. Como Ademar falou de seus pais várias vezes, isso acabou sendo o verdadeiro *start* para nosso diálogo. Ele cresceu vendo o exemplo do pai, Miguel Natalício Adams, um líder comunitário, uma pessoa que procurava ajudar a todos os necessitados. De certo, a primeira pessoa a influenciar a trajetória social do filho.

Ao ingressar na vida escolar, Ademar começou a sentir pulsarem suas veias política e jornalística. No antigo ginásio, que cursou em colégio interno, uniu-se a um colega para produzir o jornal da escola, um manuscrito que falava sobre os acontecimentos escolares, o nome do jornalzinho era “O Cinco Mil”. No ano de 1968, o Ato Institucional

nº 5 gerava discussões por todo o país, e Ademar participava de reuniões em grupos estudantis.

Quando ingressou na Faculdade de Administração da Universidade do Oeste (Unioeste), que naquela época se chamava Fescivel, em Cascavel, Paraná, participou da primeira diretoria do centro acadêmico. Por causa da ditadura, imperava um medo que levava as pessoas a se autocensurarem, tolhendo as discussões sobre política no meio acadêmico. Contudo, Ademar não seguia essa postura e fazia seus comentários em sala de aula, deixando as pessoas espantadas, segundo ele mesmo assegura.

Certa vez, num trabalho acadêmico, Adams, juntamente com seu irmão Hilmar, colega de classe, produziu uma proposta de industrialização para a região oeste do estado, a qual ficou tão boa, que o convidaram para apresentá-la ao governador do Paraná, Jaime Canet Júnior, mas ele recusou o convite. “Eu falei: no dia em que o Estado tiver um governador eleito pelo povo, eu venho. Enquanto for um interventor, não”. Era clara a sua posição contrária ao regime ditatorial militar, no qual sequer havia eleições diretas, e os governadores eram indicados pelos generais.

Com a onda de migração sulista rumo ao norte do país, mais especificamente a Mato Grosso, Ademar chegou na década de 1970. Primeiro, ele morou durante três anos num projeto de colonização às margens do rio Juruena, em Aripuanã, onde só se chegava de avião ou barco. Ali montou um jornal comunitário, o Folha de Ariel, no qual se falava de tudo, desde futebol até política, mas principalmente sobre a nova vida que os trabalhadores do projeto enfrentavam naquele lugar.

Ademar viveu também em Porto dos Gaúchos, onde ele conheceu Adriana, com quem se casou. Com seus irmãos, atuou no comércio de maquinário, ferramentas e material de construção. Trabalhou como assessor da presidência da Câmara Municipal e foi também professor contratado do Estado. Lecionava Organização Social e Política Brasileira (OSP), Matemática e dirigiu o projeto “Horta Escola”, ensinando sobre agricultura. Novamente, o ambiente escolar se tornou para ele um espaço de liderança, atuando como presidente do Conselho Escolar, naquele tempo uma nova metodologia de trabalho. Além disso, ajudou a formar o sindicato dos professores no município, do qual foi o primeiro presidente.

Também lá dirigiu por alguns anos o polêmico periódico “Schoolacho”, que marcou época e, até hoje, é sempre lembrado, conforme Ademar. Ainda em Porto dos Gaúchos, ele começou a trabalhar na prefeitura e veio para Cuiabá como seu procurador. Após essa ocasião, nunca mais voltou para o interior.

Na capital, Ademar ingressou, em 1989, na primeira turma do curso de Direito da Unic e, mais uma vez, colocou-se à frente da organização por meio da qual fundaria o centro acadêmico. Para ele, essa foi uma experiência um pouco difícil, pois a maioria dos alunos eram muito conservadores, além de a universidade ser privada. No campo político, o Brasil vivia a transição da ditadura para a democracia, com Lula e Collor disputando a Presidência, em razão do que as discussões em sala de aula eram acaloradas. Ademar lembra que a turma era dividida entre esquerda e direita. A sua postura “foi sempre de esquerda, mas na linha de ideologia, de pensamento, de debate, de como as coisas devem acontecer na sociedade dentro de um processo republicano e democrático”, acentua.

Em 1991, o primeiro curso de Comunicação Social do estado foi criado na UFMT, e Ademar teve a oportunidade de aprender formalmente aquilo que ele já praticava, autodidaticamente, desde a infância: o jornalismo. Prestou o vestibular e entrou na primeira turma, formada por pessoas das mais variadas faixas etárias, classes sociais e culturas. Ademar lembra que o vestibular valorizava muito mais o conhecimento geral, não se enquadrando nos moldes dos cursinhos. Dessa forma, ele, que já havia terminado o ensino médio há mais de 20 anos, conseguiu passar tranquilamente duas vezes na federal. Também havia passado anteriormente para Direito, mas, como não podia fazer os dois cursos na universidade pública, estudava Comunicação pela manhã, na UFMT, e Direito à noite, na Unic.

Desde o início das aulas, no primeiro mês, a sala decidiu organizar o centro acadêmico. Foi um processo fácil, já que aquela era a primeira turma, com 45 alunos, e tudo se resolvia entre eles. Porém, logo após a elaboração do estatuto e as eleições da gestão, os estudantes foram pegos por uma greve, e isso limitou a atuação da entidade. Mesmo assim, seis alunos foram ao Enecom Curitiba, ocasião na qual a Enecos foi criada. Ademar diz que não participou por falta de condições financeiras.

Na Comunicação, as coisas foram mais fáceis para ele, que se sentia melhor situado do que na Unic, pois o grupo era mais aberto e a política partidária não permeava o centro acadêmico a ponto de, por exemplo, gerar candidatos em eleições municipais. Ainda não havia pessoas ligadas a nenhum movimento social, sendo que Ademar despontava como militante. Apesar disso, as discussões em sala de aula eram constantes; todos tinham algo a dizer, a questionar. Em

contrapartida, quanto às aulas práticas, o que se via era um verdadeiro caos. Faltava tudo: salas de aulas, professores e equipamentos.

Apesar de tantas deficiências, Ademar salienta que “a turma era muito qualificada”. Ele lembra que havia um grupo de meninas vindas da antiga Escola Técnica, como Aline Cubas, Luzimar Collares, Jane Bezerra, entre outras:

A gente sempre dizia que a turma tinha a parte dos *teens*, que era aquele pessoal mais novo e a parte dos dromedários, dos dragões, pessoas mais antigas. Tinha lá um Enzo Corazolla, que era médico formado pela USP, tinha o Itamar Perenha, que já era jornalista antigo, ex-capitão do Exército, inclusive na época ele era presidiário, ele dormia no presídio, mas era uma pessoa de um conhecimento geral muito amplo, Justina Fiori era outra jornalista já reconhecida na cidade, tinha a Francisca Medeiros, que já tinha outro curso superior e eu, que estava cursando Direito. Então havia um grupo diversificado, que formava debate, ninguém lá ficava pra trás. As aulas de psicologia social, por exemplo, geravam discussões acaloradas.

Para Ademar, o curso de Comunicação Social já nasceu renegado pelo então reitor Frederico Müller. O então aluno tinha a percepção de que o gestor era contrário à implantação curso porque sequer compareceu à inauguração e esse suposto desinteresse teria gerado dificuldades para a faculdade. O jornal *Caminhando*, produzido pela reitoria, tinha uma editoria chamada “Ligação Direta”, na qual a comunidade acadêmica fazia perguntas para o reitor e dele recebiam as respostas. Ademar então questionou se o reitor era uma pessoa ou uma abstração, uma vez que na Comunicação ninguém o conhecia. Recebeu em resposta, inclusive publicada no periódico, uma negativa à acusação.

Algumas turmas mais tarde, quando Ademar estava quase se formando, entraram no curso pessoas “com mais consciência política”, envolvidas na militância estudantil e nos movimentos sociais. Esses alunos reclamavam melhores condições e chegaram a protestar na reitoria, mas não era algo muito forte. Enquanto representante do centro acadêmico, Ademar lembra que, junto com seus colegas, participou de algumas reuniões do Diretório Central Estudantil, porém com “muito desencanto”, pois, naquela época, a entidade era bem inoperante, tinha pouca atitude.

As dificuldades foram tantas, que aquela primeira turma nem chegou a cursar quatro anos de faculdade: ingressaram em abril de 1991 e concluíram em janeiro de 1995, sendo que houve uma greve nesse espaço de tempo. Ademar acredita que ficou faltando conteúdo ao final da graduação, embora tenha passado por isso também na faculdade de Direito, e que seja essa uma realidade comum a todos os cursos. Logo depois de formado, ele se filiou ao Sindicato dos Jornalistas.

Mesmo com todos os problemas, Ademar defende que bons profissionais foram formados, citando Aline Cubas, que trabalhou na assessoria de comunicação da UFMT, no jornal Diário de Cuiabá, na TV Centro América e, atualmente, na Assessoria do TRT; Francisca Medeiros, que também trabalhou no Diário de Cuiabá e, estava na TV Centro América até o fechamento da reportagem; Adilson Rosa, que se destacou no jornalismo policial do Diário de Cuiabá.

A maior lembrança quanto aos eventos extraclasse é a Moagem Cultural, que ocorria sempre na recepção aos calouros da Comunicação. Para Ademar, era “muito divertido, liberado e informal”. Ele reafirma que a militância política não era forte naquele grupo, atividade na qual se destacava, e declara que, já contando 40 anos quando cursou

Comunicação, a militância, essa coisa de ir às ruas, é muito mais da juventude.

Em uma comparação histórica, Ademar pontua que a juventude estudantil das décadas de 60 e 70, lutaram contra a ditadura; a da década de 80, pelas Diretas Já; e da década de 90, que lutou pelo fora Collor. Na visão dele, o primeiro grupo foi vanguarda na luta social e política e os dois outros participaram, mas não como vanguarda, mas como parte do movimento que era muito mais popular do que puramente estudantil.

Ademar não teve uma vida muito universitária no sentido de permanecer na academia senão para cumprir as atividades do currículo e do centro acadêmico. O máximo em termos dessa vivência era almoçar no restaurante universitário (RU) com os colegas. Depois, seguia para o trabalho e, à noite, para a faculdade de Direito. Além disso, ele já era casado e tinha filhos. Na metade do curso de Jornalismo, foi aprovado no concurso para técnico do TRT, onde trabalha até hoje e está em vias de aposentar.

Figura 13 – Ademar Adams na cerimônia de colação de grau com Adriana e Dafne, a filha radialista, e casal de jornalistas Afrânio Carlos (já falecido) e Soraia.



Nota: Acervo do grupo Comunicação Social UFMT, no Facebook.

Ademar tinha uma boa relação com as turmas posteriores à dele, já na segunda gestão do CA, da qual inclusive foi suplente, mas sempre mantendo a postura crítica. Ele entendia que a inoperância do DCE acabava “contaminando” os centros acadêmicos. Já como servidor do TRT, ele entrou para a militância sindical. Em certa ocasião, num protesto em via pública, havia mais de cem pessoas do sindicato de servidores do Poder Judiciário e de outros sindicatos. De repente, surgiram seis estudantes da UFMT carregando uma bandeira tão grande que cobriria o caminhão dos sindicalistas. Vendo a cena, Ademar perguntou a eles onde estavam as “tropas” para carregar uma bandeira daquele tamanho e “fazer a revolução”. Para ele, aquilo era uma enganação.

Ademar militou em dois sindicatos, o dos jornalistas e o dos servidores do judiciário, o Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário Federal do Estado de Mato Grosso (Sindijufe), do qual foi presidente durante oito anos. “Eu sempre tive essa noção de categoria muito forte”. Mesmo que não estivesse exercendo a profissão, ele sempre participou do Sindicato dos Jornalistas. Ademar trabalhou como repórter no jornal *Folha Teens*, escreveu artigos para os jornais *Folha do Estado* e *Diário de Cuiabá*, mas só começou a exercer de fato a profissão na Assessoria de Comunicação do TRT. Hoje, Ademar segue escrevendo artigos para a Página do E, de Enock Cavalcanti.

No sindicalismo, Ademar encontrou espaço para explorar seu engajamento social aliado à prática jornalística. Ele se orgulha em dizer que o Sindijufe ajudou a construir o 1º Fórum Social Mundial e que, em sua gestão, circulou um jornal no qual posicionamentos críticos sobre a administração dos tribunais eram publicamente afirmados. Acerca disso, por ocasião de uma festa de confraternização da categoria, ouviu reprovações por ter sido muito duro com os magistrados, mas também recebeu elogios e apoio de quem era a favor da crítica às mazelas dos tribunais.

O jornal do Sindijufe abriu as portas do TRT para o sindicato. Ademar lembra que sua antecessora chegou a ser proibida de entrar no tribunal para panfletar e que, quando ele era presidente, enfrentou a hostilidade, dizendo que, se fosse impedido de panfletar, chamaria a imprensa. O próprio jornal da entidade lhe permitiu fazer bom uso da Comunicação em favor do movimento político, com abordagens sérias em seus artigos e em charges, estas por meio das quais, com aquele humor sarcástico, denunciava abusos de autoridade e o mau uso do patrimônio público, entre outros casos. As publicações repercutiam

tanto, que acabavam virando piada nos corredores, constringendo os denunciados e até os levando a mudar as próprias atitudes.

Nessa época, Ademar vislumbrou a possibilidade de produzir um jornal alternativo que abrangesse outros sindicatos da cidade. Foram feitas, na Adufmat, reuniões com algumas entidades para planejar o projeto, que, todavia, emperrou no momento de investir financeiramente. Somente o Sindijufe e a Adufmat se propuseram a gastar, o que acabou com a ideia. Na época em que foi entrevistado, Ademar atuava como presidente do Movimento Organizado pela Moralidade Pública e Cidadania (Ong Moral), buscando acompanhar e fiscalizar as ações do Estado e os gastos públicos.

O ENVOLVIMENTO DE JONAS DA SILVA

Jonas da Silva entrou na Comunicação em agosto de 1994, no último vestibular de inverno da UFMT. O curso estava em seu terceiro ano de funcionamento, e a situação era de total falta de estrutura. Porém, boa parte dos professores atuava no mercado e unia a prática jornalística à teoria acadêmica, o que Jonas considera ser o ideal. Ele cita alguns nomes, entre os quais os de Sônia Zaramella e Tinho Costa Marques, então editores no jornal Diário de Cuiabá; e de Ailton Segura, com vasta experiência em grandes jornais e na imprensa alternativa. Eram eles os professores aos quais os alunos indagavam muito sobre o mercado de trabalho e dos quais recebiam as respostas. Era das discussões estabelecidas em sala de aula e no corredor que surgiam as mobilizações, e estas não se limitavam à gestão do Cacos.

Para Jonas da Silva, o movimento estudantil não é só uma organização política, relacionando-se também à formação acadêmica. Em sua época, os estudantes se mobilizavam em torno da organização de eventos científicos, como a Reunião Especial da SBPC, realizada em 1995, ocasião em que produziram um jornal laboratório orientado pela ex-professora Sônia Zaramella. A qualidade do ensino, a estrutura do curso, o estágio e o Provão eram e continuam sendo algumas das pautas muito presentes no movimento estudantil durante as gestões “Como única ação”, do Cacos, e “Antes que zarpe a Navilouca”, da Enecos.

Outro aspecto que promovia o debate no curso era a diversidade de perfis. Havia estudantes de todas as classes sociais e faixas etárias, como a caçula Mariana Perez, então com 16 anos e que depois de formada se tornou editora de Economia do Diário de Cuiabá; e Luiz Gonzaga Pinto, que já era um senhor na casa dos cinquenta. “Isso

era o retrato da heterogeneidade e da diversidade que nós tínhamos. Essa diversidade nos debates em sala de aula era o que nos instigava.”, pondera Jonas da Silva.

No contexto das mobilizações estudantis no curso, os alunos em geral eram conduzidos ao centro acadêmico, como se deu com Jonas, e cada um contribuía de alguma forma. A esse respeito, o entrevistado avalia que “essa integração facilitou muito pra organizar. Era como se o curso todo fosse um grande centro acadêmico”.

Com um histórico de participação em movimentos sociais desde a infância, quando organizava torneios de futebol e corrida rústica no bairro em que morava, em Corumbá-MS, Jonas ajudava a produzir o jornal mural na escola, que veiculava informes de interesse da comunidade. No ensino médio, participou do grêmio estudantil, que realizava debates sobre temas em evidência na sociedade, como a retomada da democracia no país. Ele acredita que o momento pós-ditadura acendeu nas pessoas a vontade de se expressar e dizer o que pensavam, sem medo.

No Cacos, Jonas conta que duas questões foram predominantes: a qualidade do curso e a organização do movimento. As mobilizações eram grandes porque havia muita participação dos alunos, que se dividiam em tarefas para cobrar da administração superior as benfeitorias necessárias. Ele destaca a importância de muitas pessoas naquela época, como Elaine Tortorelli, membro do Cacos em 1996 e secretária regional da Enecos em 1999; e Elaine Rezende, que demonstrando extrema preocupação e compromisso chegou a doar uma quantia em dinheiro para a realização do 5º Erecom. Para Jonas, ela é o tipo de profissional que faz falta hoje em dia, pois, além de estudiosa, tendo se doutorado em São Paulo, atuou em diversas áreas, sempre com muita

competência: foi uma militante estudantil destacada; tornou-se uma ótima jornalista no jornal A Gazeta e foi tesoureira do Sindjor.

Havia também Herlon Vinicius, que se destacou na gestão “Como única ação” pelo empenho na parte operacional do CA. Era quem viabilizava os meios financeiros e burocráticos para as viagens de participação em eventos e para a realização destes. “Ele ajudou muito! Ele tinha uma capacidade muito grande de organização, de foco”. Jonas conta que a maioria do grupo tinha o perfil de porta-voz, de negociador, de falar em público, mas pessoas como Herlon, Elaine Resende e Camila Bini davam o suporte necessário para as lutas estudantis.

Yuri Kopcak, que na época de realização desta entrevista era professor substituto na UFMT e titular na Unirondon, também é lembrado por Jonas:

Na época a gente chamava ele de “O Grande Guru”, porque ele sempre teve uma capacidade muito grande de crítica política e social e também mobilizadora. Ele sempre teve uma voz muito boa, como radialista que é, então ele dava um suporte muito grande. Se tinha que tacar fogo em algum lugar, era só riscar o palito que o Yuri ajudava, no bom sentido [risos].

Assim como Yuri, Gibran, que na época da realização desta entrevista era professor de Jornalismo na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), também tinha um “fervor” para a militância. Hoje, ambos são exemplos de profissionais que estão com os pés na academia e no mercado.

Em suma, pessoas de todos os semestres participavam do movimento, desde calouros a veteranos, mas sem deixar de ser bons

alunos. Jonas recorda que, “[...] sem falsa modéstia, ninguém era ruim de nota”. Na atualidade, comumente se vê que nos movimentos estudantis há os chamados “alunos de fachada”, que estão matriculados em cursos e não comparecem às aulas e vão à universidade apenas para fazer política, se esquecendo de que o movimento deve ser feito por estudantes de fato. Todavia, esse problema não ocorria no curso de Comunicação, conforme relatado pelo entrevistado.

A característica principal do Mecom é a luta pelo curso, afinal os estudantes queriam estudar. Foi essa a maior motivação das grandes mobilizações e eventos, como já dito ao longo do livro. Jonas conta que, nos movimentos, os alunos buscavam saber como era a realidade de outros cursos de Comunicação de todo o país e foi assim que ouviram falar sobre a Enecos. No segundo semestre de faculdade, Jonas e alguns colegas participaram do 2º Cobrecos, realizado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em janeiro de 1995. Depois do congresso, o ano todo foi muito movimentado e produtivo para o Mecom na UFMT, cujos membros organizaram o Erecom Cuiabá, foram para o Enecom Brasília e fizeram o 1º Seminário de Qualidade de Ensino, entre outras atividades.

Jonas se lembra de companheiros da Enecos que se destacaram no mercado profissional anos mais tarde, como Erick Bretas, que se tornou diretor da TV Globo; e Marina Oliveira, estudante de jornalismo na UnB e repórter do *Correio Braziliense* e da revista *Veja*. “[...] o movimento estudantil também faz parte da formação. Ele é, sem dúvida, o melhor caldo cultural para a formação de um bom profissional”. A avaliação de Jonas vai de encontro à atual proposta que a Enecos lança a si mesma, que é a de ser uma contraescola: “O movimento não passou toda a carga de conhecimento para o profissional, mas ele

foi parte importante porque faz a crítica, faz o contraponto, o que é a essência do jornalismo”.

Naquele Cobrecos, os estudantes debateram a questão das concessões de rádio e televisão no Brasil em tempos de democratização dos meios de comunicação. O resultado das discussões foi uma carta endereçada ao então ministro das Comunicações Sérgio Motta. Jonas ressalta que esse ainda é um tema atual, pois aquele mesmo debate, desta vez envolvendo a sociedade, voltou à tona no governo Lula, com a Conferência Nacional da Comunicação, ocorrida em 2009. No evento, levantou-se a falácia de que um conselho de comunicação seria a volta da censura, sobre o que Jonas discorda por ser um dispositivo previsto na Constituição.

Ele lembra que essa era uma pauta do Mecom, mas não a principal, pois “[...] você atua onde o bolso dói ou a pele sente, então a nossa questão central era a organização do curso [...]”, que havia sido criado sem as condições necessárias ao seu efetivo funcionamento. As reuniões e protestos, tanto na gestão da professora Luzia Guimarães quanto na de Fernando Nogueira, giravam em torno desse tema, e todas as ações do centro acadêmico e dos grupos autônomos e culturais do curso convergiam para a seguinte mensagem: “Nós estamos aqui para estudar e nós queremos qualidade”.

Até mesmo o tema do Erecom resumia a crítica à universidade. “Quatro anos de quê?” aludia aos quatro anos de criação do curso de Comunicação e aos quatro anos da graduação. O evento trouxe nomes importantes para as palestras, como Albino Rubim, jornalista, sociólogo e pesquisador da Universidade Federal da Bahia (UFBA); além de professores das demais universidades federais do Centro-Oeste. “Esse Erecom marcou a integração dos alunos de Comunicação

do Centro-Oeste”, considera Jonas. Participaram do encontro cerca de 100 estudantes.

Jonas lembra que, quando o Erecom ainda estava sendo organizado, os alunos chegavam à universidade às 6h e só voltavam para casa às 22h. A rotina era corrida: pela manhã, aulas; nos intervalos, a Rádio Corredor e o rápido preparo de algum ofício; depois da aula: RU, um cochilo no próprio restaurante ou na “rodoviária”, como é chamado o saguão do bloco de engenharias; e Biblioteca Central, espaço no qual preparavam os trabalhos da faculdade e consultavam algum livro. Depois disso, no resto do dia, dedicavam-se à organização do evento e voltavam para o CA a fim de fazer ligações e preparar documentos, andavam pelo *campus*, pelos departamentos e pelas pró-reitorias... E assim passava o dia. Jonas recorda que, “quando chegava 10 horas da noite a gente estava morto e no outro dia tinha que começar tudo de novo! [...] Eu me sinto grato de ter convivido com essa geração”.

O então estudante de Jornalismo participou de dois Enecom’s, em Brasília e em Florianópolis, cujo foco de discussão foi a Comunicação no Cone Sul da América. Naquele primeiro, foi acompanhado por Herlon Vinicius, tendo ambos voltado com a tarefa de organizar o 1º Seminário de Qualidade de Ensino e o projeto “Fiscalize sua Escola”. Por uma decisão coletiva do centro acadêmico e seus colaboradores, que entendiam a importância e a necessidade de ter uma representação nacional, Jonas foi indicado ao cargo de secretário regional da Enecos.

As experiências na academia tornaram-se lições de vida que o jornalista ainda traz consigo e faz questão de passar para os filhos. “Eu sempre digo pros meus meninos que é impensável você chegar aqui numa universidade, que é um dos ambientes talvez mais gostosos, mais prazerosos que você enfrenta na sua vida, você chegar aqui no banco,

sentar, assistir sua aula, perguntar ao professor, recolher as suas coisas e ir embora. É uma coisa sem graça!''.

A universidade proporcionou a Jonas uma boa formação pelas possibilidades de mobilização, como a organização de eventos e o contato com pessoas de outras universidades, entre tantas outras atividades que desempenhou enquanto estudante. Para o jornalista, não fosse por isso, talvez ele e seus companheiros não tivessem a criticidade de hoje nem acreditariam que o jornalismo é uma prática militante quando conhece os interesses da população e a ajuda. “Você é hoje o que você fez lá atrás”, resume.

Jonas reflete sobre os comentários que ouvia da ex-mulher, temerosa de que o marido e os demais estudantes sofressem represálias quando ingressassem no mercado, já que a postura crítica marcada em seus escritos era difundida na mídia, como as denúncias em relação à universidade. Quanto a isso, ele defende que não se deve ter medo de pessoas e sim dos desafios, porém, sempre com metas traçadas para enfrentá-los. Prova disso é ter sido admitido, já no 3º ano de faculdade, como revisor da Folha do Estado, ali tendo ocupado mais tarde diversos outros cargos, e foi assim a trajetória da maioria de seus colegas que também trabalhavam na área. Quando a turma de Jonas formou, em outubro de 1998, se despontaram militantes do jornalismo ambiental, entre os quais André Alves, Kléber Lima, que atuou como secretário de comunicação da Prefeitura de Cuiabá; Antônio Neto, professor do curso de Comunicação, entre outros.

Apesar de toda a luta, Jonas não desfrutou os benefícios que dela decorreram. Quando ele se formou, o bloco de comunicação ainda estava em construção. Então, não chegou a utilizar os laboratórios de informática, trazendo na lembrança a máquina Hamilton que usava

para escrever seus trabalhos. Mas isso não lhe traz ressentimentos: *“É como plantar uma árvore. Você planta a árvore e raramente vai usufruir da sombra dela, mas você sabe que um dia muitas pessoas vão ter a felicidade de descansar e sentar debaixo de uma árvore?”*.

O jornalista acredita que toda ação é realizada a partir do desejo de ter algo melhor, pelas crenças em ideais e pelos sonhos, que todos devem ter, com isso não querendo dizer que haja um beneficiário principal. A individualidade não combina com o movimento estudantil, pautado basicamente pelos interesses, necessidades da coletividade e cujos frutos ultrapassam os limites do tempo. O tempo passa, mas as conquistas e amizades daquele grupo de estudantes ficam. Ao completar dez anos de formatura, toda a turma se reuniu numa grande festa organizada pela jornalista Magda Matos, que também ajudou muito o Cacos e hoje milita na saúde pública, respondendo pela função de assessora de imprensa do Banco de Sangue do Estado.

Jonas nutre especial carinho por Elaine Tortorelli, pois, segundo ele, os dois bebem da mesma água do rio Paraguai, que passa pela sua Corumbá e pela Cáceres da amiga. Também lhe são caras as amizades de Elaine Resende, com quem ele compartilhou as responsabilidades do Sindjor; Gibran, com quem ele se encontra sempre que vai para o interior; Yuri, com quem também mantém contato; e Herlon, que mora na Alemanha, mas quando vem a Cuiabá encontra um tempinho para rever o amigo.

Quanto à militância, Jonas foi presidente do Sindjor na gestão 2003-2005, tornou-se representante de Mato Grosso junto à Fenaj e compôs a junta administrativa que gerenciou o sindicato em 2013. Ali, trabalhou com outros quatro jornalistas, entre eles Luana Soutos, que participou do movimento estudantil da UFMT, e Caio Bruno, que

também foi militante estudantil e foi casado com Mariana Freitas, outra grande militante da Enecos e responsável pela inserção desta autora na executiva.

Jonas ressalta que esses jornalistas já participavam das reuniões do sindicato mesmo antes de se formarem e que hoje também é amigo de seus ex-professores:

São construções que você faz de dentro da universidade, de dentro do movimento estudantil. A vida é um grande encontro! [...] As pessoas têm que interagir. As pessoas têm que ter sonhos, mas têm que caminhar porque senão elas não conseguem atingir os seus sonhos e o militante partidário ou de movimento estudantil sabe disso, ele sabe que ele tem que fazer a roda girar porque daqui cinco ou dez anos outros militantes precisarão pegar essa roda e continuar a rodando.

Ao final, Jonas resume a tarefa de todo militante estudantil e de todo profissional de Comunicação, que é dar vez e voz àqueles que estão à margem da sociedade.

A SENSIBILIDADE DE LAIRCE CAMPOS

O nome Lairce Campos é citado no primeiro livro ata do Cacos, que a descreve como uma das primeiras representantes da entidade no Cobrecos. Anotei-o em meu caderno e, quando passei para o computador, digitei-o em vermelho realçado com negrito. Eu sabia que teria que falar com ela em algum momento. Na mesma hora, procurei por seu nome no Facebook e lá a encontrei. Então, enviei-lhe uma solicitação de amizade e deixei um recado explicando o porquê da minha aproximação, já que nunca havíamos nos visto e tínhamos poucos amigos em comum.

Ela demorou algumas semanas para aceitar e eu demorei para conversar diretamente com ela. Na verdade, foi ela que veio puxar conversa comigo, e, depois disso, deixei mais um recado *off line* solicitando uma entrevista, que aconteceu uma semana depois. Nossa primeira conversa foi muito prazerosa, marcada pela troca de memórias e cheia de um saudosismo trazido pelas lembranças dos demais companheiros. Lairce se mostrou completamente aberta a dialogar e compartilhar sua vivência.

No dia combinado, a manhã de uma quarta-feira, cheguei cedo ao Instituto de Linguagens e fui atrás dos equipamentos necessários com o Lacerda, servidor técnico do curso. Não havia compromisso nenhum com a orientadora, e foi o professor Tinho que assinou a autorização para o empréstimo dos materiais. Por precaução, eu havia solicitado a Murillo Guedes, então representante da UFMT na comissão gestora da Enecos Centro-Oeste que levasse sua câmera para fotografar o momento da entrevista.

Minha entrevistada demorou um pouco a chegar, então liguei para confirmar. Dali alguns minutos, apareceu uma mulher pequenina, de blusa polo verde e saia branca. Magrinha e mais baixa que eu. Eu me aproximei, e ela: “Você é a Celly?”. Respondi que sim e a abracei rapidamente, agradecendo sua presença. Eu estava nervosa.

Sentamo-nos no banquinho do saguão e ali tivemos uma conversa prévia à gravação. Depois fomos para o CA. Logo que entramos, ela comentou: “Agora vocês tem uma sala só pra vocês. Na minha época isso não existia”. Já no ato da entrevista, Lairce começou explicando que a militância estudantil naquele tempo era incentivada pelas circunstâncias da própria academia e pelo cansaço dos alunos, que não tinham sequer salas de aula fixas, sendo obrigados a ficar andando pelos blocos para terem suas aulas, somando-se a isso a falta de equipamentos e de professores.

“Com a percepção de que algo se precisaria fazer pra melhorar a realidade é que nós fomos pra luta”, afirma. A organização nasceu das rodas de café na cantina com alguns amigos que já eram do CA, como Jonas da Silva, Gibran Lachowski e Marcos Moura. Porém, era difícil chamar pessoas para o movimento, realidade essa que se faz presente ainda hoje. A maioria dos alunos só ia à faculdade para assistir às aulas. Eram poucos os que se mobilizavam. E estes ainda sofriam preconceito por causa do estilo “marxista” e “bicho-grilo” mas, segundo Lairce, “[...] esse grupo pequeno é que fazia a diferença”.

Os amigos eram suas referências. Ela considera que Gibran e Jonas foram peças fundamentais naquele processo, tanto que a militância deles era feita além dos muros da universidade. Por exemplo, na década de 90, Gibran liderou um movimento pelo transporte

público de Cuiabá e, mesmo depois de formado, foi muito atuante no Sindicato dos Jornalistas. Jonas da Silva também sempre atuou junto ao Sindjor, ali tendo respondido pela presidência em 2003.

Em 1998, Lairce participou da ocupação da reitoria, em favor do debate e resposta a duas pautas principais: a construção do bloco de Comunicação e o reconhecimento do curso pelo MEC. Ela lembra que eram muitas as dificuldades encontradas para cursar Comunicação em Cuiabá, como as greves constantes e a falta da oferta do curso em outras instituições. Por isso, argumenta, “Muita gente tinha que ir para São Paulo estudar”. Sua crítica se estende à carência na oferta de cursos de pós-graduação em Comunicação na UFMT.

Daquela greve, Lairce participou tanto como aluna quanto como jornalista. O estágio em jornalismo era proibido, o que não impedia os veículos de contratarem estagiários “clandestinos”. Ela trabalhava na Folha do Estado. Outros estudantes na mesma situação também ajudaram a dar visibilidade ao movimento grevista unificado da Comunicação. Além disso, os próprios profissionais recém-formados na UFMT se interessaram pela pauta, pois, devido ao não reconhecimento do curso, eles ainda não tinham recebido o diploma.

Com relação aos debates políticos em sala de aula, a ex-militante conta que isso sempre existiu em pequenas proporções, sendo estabelecidos com grupos de discussão sobre filosofia e marxismo organizados pelos próprios colegas do curso. Outro espaço político destacado por ela foi o Cobrecos Juiz de Fora, evento no qual ela conheceu e interagiu com pessoas de outros estados, em especial do Rio de Janeiro e de Pernambuco.

Lairce pensa que não sabe o bastante. Sua impressão, quando participou do Cobrecos e, depois, de congressos de jornalistas, é a de que os outros sempre são mais politizados. Talvez seja isso fruto de uma timidez de falar em público. “No Cobrecos, eu quase não abri minha boca”, lembra, comparando-se com Jonas, que não tinha vergonha nem de falar ao microfone nem de passar de sala em sala chamando todo mundo. “Ele era muito militante”, conclui.

Lairce foi conduzida ao movimento por Gibran. Os dois eram colegas de turma e muito amigos, até hoje. Mas ela ressalta que sua participação não era muito ativa por causa do trabalho, ajudando quando e como podia, igual aconteceu na cobertura jornalística das ocupações e acampamentos na reitoria. Ela diz que esse foi um período muito importante – “Eu aprendi pra vida toda”. E leva consigo a crença de que militante de verdade é quem milita a vida inteira de uma ou outra forma, e isso se estende inclusive à prática profissional. Ela cita Elaine Tavares, que trabalha com jornalismo libertário e cidadania, para exemplificar que o jornalista deve escolher entre ser uma estrela ou defensor das minorias, dos marginalizados.

Lairce recorda que, quando trabalhava na assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Livramento, município do interior de Mato Grosso, sempre dava um jeito de ajudar a população a ter acesso aos políticos locais, que não gostavam de atendê-los. Certa vez, um senhor tinha vindo de longe, da zona rural, e não conseguia ser atendido por determinado político. Então, ela orientou o moço a entrar por outra porta e chegar de surpresa. “Eu sou uma jornalista da base e não de gabinete. Quem tem essa militância está sempre incorporando, tomando partido”, adverte.

Em outro emprego, ela defendeu um estagiário cujas matérias eram publicadas com a assinatura da chefe e pondera a respeito: “Isso se passa pela questão ética. Se você não escreveu a matéria, não a assine. O que impede o estagiário de assinar a matéria? O texto é dele? O estágio não é regulamentado?”. Ela critica essa postura não só pela vaidade, mas pela responsabilidade sobre a matéria e do respeito ao trabalho do estagiário.

Por sempre manter uma postura crítica diante dos fatos, Lairce ainda hoje sofre com rotulações, o que a incomoda: “Me rotulam como a do PT. Eu nunca fui criada no PT. Mas você tem a criticidade de ver as coisas com um olhar diferenciado. A militância é levada para o trabalho, para a escola, para a comunidade. Deve ser usada pra fazer a diferença”. Para ela, as pessoas têm que fazer a diferença e não usar a militância apenas para obter projeção pessoal: “Eu vejo a política, seja ela militante ou partidária, como uma forma de fazer o bem comum à população e não para se dar bem na vida, ter poderes e beneficiar a si próprio”.

Hoje em dia, Lairce é servidora da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia (Secitec). Certa vez, manifestantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra ocuparam o prédio do órgão portando seus facões e outros instrumentos de trabalho. “As pessoas que trabalham no governo não sabem trabalhar com os militantes. E quando o MST entrou no prédio, só se via gente correndo com medo e se escondendo”. Ela afirma que sempre aconselha seus assessorados a atenderem os manifestantes, tratando-os bem, procurando saber deles qual é a reivindicação e chamando-os para dialogar. Todavia, no caso relatado, o gestor apenas tirou uma foto e a postou no *Facebook* e uma

colega de profissão de Lairce acusou aquele povo de “baderneiro”, ao que ela respondeu: “Eu não sei se lutar pelos direitos é baderna”.

Ao lembrar o episódio, Lairce chega a chorar, indignada com o tratamento dispensado ao povo que luta por seus direitos. Ela se sente como uma “voz solitária” em meio aos demais jornalistas, e isso acaba afastando o profissional da militância. Se trabalha com pessoas de direita, ela entra em conflito consigo mesma: “Parece que estou me prostituindo”. Então, presta-lhes um trabalho técnico e profissional, sem se envolver ideologicamente e, nas próprias palavras dela, sem “puxar o saco” de ninguém.

Lairce vê com bons olhos a volta dos movimentos sociais, e cita a Marcha das Vadias e a manifestação dos estudantes da UFMT pela assistência estudantil. Ela se considera encantada pelas mulheres de Livramento que encabeçam a luta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e acerca disso, citando o geógrafo Milton Santos, arremata que “a verdadeira militância não é partidária, e sim social”. Porém, não se esquece de dizer que essa prática também pode alienar as pessoas e recomenda: “É sempre bom participar da militância e ouvir outros que estão de fora”.

Por esse motivo, ela prefere não se envolver com partidos políticos e sim com movimentos sociais, que acontecem na base, no meio da comunidade, como expresso nesta fala, em que se reporta à própria experiência de vida: “Eu nasci em Matacavalô e acompanhei toda essa luta das mulheres que fecharam a BR, faziam reuniões... Eu via as filhas delas indo pra militância”. Em Barra do Garças, Lairce se envolveu com a luta dos índios Xavantes e Bororos por não concordar com o preconceito vivido por eles nas ruas e nas salas de aula.

Ao longo de sua vida, ela percebeu que o poder seduz as pessoas e com isso aprendeu que precisava resistir ao sistema. Passou, então, a ser tachada de encenqueira e, no intuito de amenizar a situação, começou a ler um livro de boas maneiras, esperando se tornar mais polida. Mas viu que aquilo não era para ela, que não teme dizer o que pensa nem defender suas convicções. Ela toma para si o exemplo do sindicalista no exercício de sua função: “Não é que ele não tenha que negociar, mas você já viu um sindicalista que não briga pela causa? Se ele não briga, ele não é um sindicalista, ele é um faz de conta!”.

Como nem todo mundo sabe se comunicar com os movimentos sociais, acaba tendo e passando uma ideia errada desses grupos. Por isso, Lairce retoma mais uma vez a questão do jornalista ter de se decidir entre a fama e o comprometimento com a cidadania, o que se revela até mesmo na atuação da categoria dentro do sindicato. Neste ponto de suas lembranças, a jornalista, tomada por certo ar de desânimo, conta que as reuniões do Sindjor têm sido esvaziadas, contando com poucas pessoas realmente comprometidas.

A militância de Lairce a influencia tanto, que sua vontade era fazer mestrado em Mídia e Cidadania, mas, como ela mesma diz, “a vida segue outros rumos e acabei estudando Copa do Mundo”. Até mesmo a “luta” hoje em dia se tornou algo particular, numa busca por melhorias de vida própria. “Hoje em dia as pessoas brigam por melhores salários, mais cargos, mais benefícios, não se vê mais uma luta coletiva. Eu sempre digo que a gente tem sempre que olhar para o próximo, talvez porque eu vivo na pele, sempre andei de ônibus e moro na periferia”.

Lairce cita a frase: “A vida me ensinou a lutar pelo que é meu”, extraída do *single Lutar pelo que é meu*, da banda Charlie Brown Jr. (2005), para dizer que sente um pouco de orgulho por ter ajudado a construir algumas coisas com a mobilização social. Ela não se importa mais com os preconceitos, com o que as pessoas falam, acreditando que isso é algo que a pessoa precisa aceitar se quer ser militante:

Não dá pra ser covarde. Tem que mostrar a cara e muita gente fica com medo, mas é preciso ir atrás.

[...]

Uma vez uma chefe minha falou assim: “Ah, você é mimada”. Porque eu brigava muito pelas coisas, né. Aí, eu falei assim: “Não. Tem uma diferença muito grande, professora. A senhora não sabe o que é sair todo dia às seis da manhã, o que é trabalhar desde os 12 anos e lutar pela vida. A senhora sempre teve tudo na mão, então a senhora não sabe o que é uma luta”. Aí, depois a gente se tornou muito amigas! Porque as pessoas começam a te rotular, aí o que acontece: quando as pessoas te rotulam, você vive num mundo em que as pessoas vivem de aparência, te julgam sem te conhecer.

Na faculdade, Lairce sempre foi muito popular, conversava com todo mundo, tinha muitos amigos, e por esse motivo ela era levada para o movimento estudantil. A isso também se deve o fato de ela ter sido eleita delegada do Cobrecos Juiz de Fora, pelo que agradece aos amigos, já que a experiência lhe rendeu uma visão política mais abrangente e profunda sobre as coisas, o que, segundo ela, não teria acontecido se só estudasse e trabalhasse.

Existia um certo oba-oba nessa militância, era todo mundo muito jovem. Depois do Cobrecos eu fui pro Rio de Janeiro com o pessoal de Recife. Eu sempre fui apaixonada por esse pessoal militante. Você acaba vendo a vida de outra forma, a gente reclama tanto dos professores do curso, mas também acaba refletindo sobre o que a gente tá fazendo pra melhorar essa realidade.

Depois de formada, Lairce fez parte do Sindicato dos Jornalistas, mas hoje não se vê mais com o mesmo ânimo de outrora. Ela gosta da luta, mas o perfil ideológico muda, e o tempo também acaba afastando as pessoas desse meio. No sindicato, ela sentiu que já não tinha mais a mesma empolgação de estar toda semana nas reuniões. Viu que queria, em suas próprias palavras, “[...] entrar numa outra *vibe*”, abordar essa militância no dia a dia, no *Facebook*. “Eu acho que quando você coloca seu nome num sindicato, você tem que se dedicar e fazer a diferença. Se for pra ser mais um eu não quero”, defende, citando como exemplo disso Gibran Lachowski, que não atua no sindicato, mas em sua rotina docente passa a militância para os alunos: “Ele é um jornalista e um professor apaixonado. Ele tem essa paixão e essa militância o tempo todo”.

A jornalista acredita que, mesmo não participando de nenhuma entidade dessa natureza, o importante é fazer sua parte de alguma forma. O sonho dela era um dia ir para a guerrilha, mas as circunstâncias, os compromissos acabam afastando as utopias, só não banindo a consciência de que o discurso deve estar em sintonia com a prática, sob pena de incorrer em demagogia e hipocrisia.

Outro legado da militância são os amigos: “Os amigos são para o resto da vida!”. Além da academia, as raízes fizeram com que ela sempre estivesse envolvida com as lutas. Filha de pessoas

simples, a mãe sempre trabalhou como empregada doméstica e o pai era agricultor, ela começou a trabalhar aos doze anos de idade e não parou até hoje. Cresceu na zona rural e atualmente mora no Tijucal, bairro periférico de Cuiabá. Possui carro, mas prefere andar de ônibus. Entrou na universidade federal em tempos de alta concorrência no vestibular, mesmo tendo estudado por toda a vida em escola pública. Com todo esse histórico de vida, Lairce aprendeu e teve que ir à luta.

No entanto, sua história de vida não exclui a admiração por pessoas que não enfrentaram as mesmas dificuldades que ela e, ainda assim, seguiram o caminho da militância estudantil. Admiradora das histórias de lutas do povo, gosta de escrever matérias que mostrem essa realidade e instigam os leitores a refletir. Quando foi entrevistada, Lairce estava cursando o mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea e tinha planos de fazer doutorado com foco em sua militância com crianças negras, de preferência em Livramento. Ela gosta de trabalhar com jovens, justificando: “A gente aprende muito com os jovens, eles são muito rápidos”.

A LIDERANÇA E A CORAGEM DE YURI KOPCAK

Yuri Kopcak ingressou na Comunicação em 1996/1, quando o curso passava pela já referida crise estrutural que culminou com o movimento “Parar pra continuar”, no qual ele exerceu um papel muito importante. Entrou no Centro Acadêmico em 1997 a convite de Gibran Lachowski, Elaine Tortorelli e Márcia Pedralino, entre outros. Ele lembra que a falta de diplomação dos graduados era um problema que afligia também outros cursos não reconhecidos pelo MEC e que o Cacos atuava fortemente nessa luta. “Nós éramos uma vanguarda, uma referência no quesito de organização e mobilização estudantil”, pontua.

Essa mobilização não se restringia apenas ao campo acadêmico. Os alunos de Comunicação realizavam discussões com profissionais da área, forçando a pauta jornalística e chamando atenção para a questão do reconhecimento. Eles se dividiam por tarefas, e todas as atividades estudantis eram comunicadas: redações de jornais, que acompanhavam, faziam entrevistas com os alunos e registravam tudo. Em 1998, quando Yuri saiu do tronco comum e começou a ter aulas práticas de edição de TV, as quais não mais aconteciam no ICET e sim no IL, em outra sala improvisada. Foi nesse mesmo ano que estourou a greve unificada da Comunicação.

O radialista acredita que a paciência foi se esgotando, pois já havia o problema da falta de reconhecimento do curso, o que prejudicava a credibilidade dos professores, que acabaram se mobilizando também: “Eles já estavam cansados também de fazer pedidos de salas de aula que concentrassem os nossos estudantes, de

equipamentos com técnicos suficientes e específicos para a área [...]”. O técnico de rádio na época era o senhor Amadeu, um prestativo e amável jardineiro que acabou sendo conduzido para essa função.

Yuri conta que, para suprir as necessidades da aprendizagem, eles contavam com os equipamentos para as aulas experimentais dos estudantes e a boa-vontade dos professores em liberar esses materiais. Nesse sentido, destaca a professora Vera Lúcia Leite Lopes e o professor Moacir Barros como os maiores apoiadores dos alunos em seus projetos.

Outro fator que contribuiu para a formação daquelas turmas foi o Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá, promovido por Luis Borges e que acontecia dentro da universidade, proporcionando ao público discente maior contato com as oficinas do festival, ofertadas gratuitamente. Yuri participou de várias: fotografia, roteiro, iluminação. Para ele, que veio de Mato Grosso do Sul, pagava aluguel e comia no RU, esses cursos contribuíram muito para sua formação profissional. Ele acredita que, ainda hoje, a universidade não supre 100% das necessidades do aluno para ele se tornar um profissional.

Yuri entrou no CA como suplente em 1997. A entidade era constituída por 18 membros, sendo nove titulares e nove suplentes. Ele era calouro e já vinha de uma militância secundarista. Além disso, sua família era repleta de comunistas militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), o que conferiu a ele, desde o berço, uma formação totalmente socialista.

Portanto, quando ingressou na universidade, Yuri já trazia consigo uma leitura de luta social: “Eu tinha uma visão legal da importância de participar. Então, quando me chamaram, eu achei

legal e resolvi participar”. A gestão começou com “todo gás”, mas, no meio do caminho, começou a enfraquecer. “Você se doa para uma coisa cujo retorno não paga suas contas”, reflete. A maioria dos estudantes vinha de fora, e a pressão começava a crescer.

Em meio a uma reflexão, Yuri afirma:

É preciso estar muito convicto do que se está defendendo para permanecer. É pressão de todo lado! Eu tinha consciência de que eu corria o risco de assim que eu assumisse qualquer postura mais radical, nos meus princípios de defesa da universidade pública, que os meios de comunicação naquela época não iam me admitir como funcionário.

E isso aconteceu! A retaliação ocorria por medo e preocupação de ter um “vermelhinho” no quadro, que pudesse montar um sindicato e prejudicar a empresa, situação que não existe mais, na visão de Yuri. O radialista, em meio a uma risada, conta que chegou a receber ameaça de morte por causa de sua atuação à frente do centro acadêmico, pois isso “importunava” grupos da universidade que não queriam sair do poder. Segundo ele, havia cursos mais beneficiados por terem mais influência política, e os alunos começaram a bater de frente com essa realidade. Nessa época, Yuri já era membro do Diretório Central dos Estudantes e brigou inclusive por mais transparência e igualdade de tratamento durante a seleção de alunos dos diferentes cursos para a Casa do Estudante Universitário (CEU).

Mesmo com toda a militância, ele conseguia levar uma vida acadêmica normal, típica vida de universitário. Pela manhã, assistia às aulas, almoçava no RU e cantava no Coral do Meio-Dia e, então, passava as tardes na Biblioteca Central. O coral era um projeto de

qualidade de vida, aberto para amantes da música e pessoas que queriam relaxar e interagir com outras. Ele ressaltava que naquela época o acesso à internet não era tal como é hoje. Os alunos dependiam da biblioteca para obterem o conhecimento que buscavam. Havia disputa pelo espaço de hemeroteca, que era o único servido de ar condicionado.

Yuri ri ao recordar como era difícil a vida de um universitário que passava o dia na universidade, andando a pé, sob o sol, sem Ligeirão, brigando por um espaço sob ar condicionado, sem receber passe livre estudantil. Mesmo assim, sustenta: “Eu vivia plenamente a universidade e sou muito apaixonado pela UFMT”. Reflexivo, diz que algumas pessoas têm objetivos muito individualistas, embora isso não signifique que ter feito parte da luta não o tenha engrandecido, mas as pessoas não podem viver despercebidas, passivas diante de tudo, do mundo: “Eu acho que a gente tem que deixar um legado, não como uma forma de troféu, mas, dar o exemplo de que é possível se a gente for e juntar todo mundo. Então me emociona muito poder dar aula aqui na UFMT porque o tempo todo eu fiz parte desse processo”.

O então estudante de radialismo revela que já foi criticado, chamado de “centralizador”, mas se defende ao dizer que, na verdade, há poucas pessoas dispostas a fazer alguma coisa. Por causa de sua postura política e seu envolvimento com o movimento estudantil, Yuri enfrentou preconceito por parte dos colegas de faculdade, que, ainda, ficavam indignados com o fato de ele ser bom aluno. Ele estudava na biblioteca todos os dias e em casa, de madrugada. Às vezes, se ele faltava a alguma aula e não ficava sabendo de alguma prova, os “colegas” não faziam questão de avisá-lo.

Yuri conta com satisfação que, em 2005, recebeu da faculdade um retorno compensador aos tempos difíceis lá vividos: foi selecionado como professor substituto. Nessa escolha, certamente teve peso o fato de ele ter sido bom aluno e uma pessoa responsável e preocupada com a universidade, tanto que nunca reprovou e só formou em 2000 por causa das greves.

Pode-se dizer que a vida de Yuri era uma audácia. Em um dos movimentos de ocupação da reitoria, ele chegou a se vestir de palhaço, sentar à mesa do reitor e carimbar documentos em protesto contra a burocracia da universidade. As secretárias do então reitor Fernando Nogueira ficaram espantadas com tamanha “falta de respeito”. “Era uma fantasia bacana, profissional!”, brinca. Naquela época, muitos dos alunos de Comunicação eram pessoas ligadas à Arte, e isso era flagrante inclusive nas manifestações.

Esse movimento aconteceu em 1998 e foi chamado de “Parar pra Continuar”, mas na verdade teve início quando Yuri entrou na universidade. Desde então, os alunos já pensavam numa forma de agregar todos os estudantes e, juntos, realizarem um ato massivo que forçasse a instituição a tomar providências. Na avaliação do entrevistado, o propósito se cumpriu, pois os envolvidos conseguiram chegar a um consenso a despeito de todas as diferenças de ideais políticos. “A gente foi feliz na estratégia que a gente traçou pra ter uma unidade de luta”, enfatiza. Essa unidade se mostrou forte no enfrentamento dos problemas que todos vivenciavam no curso e que iriam enfrentar no mercado de trabalho por não terem diploma.

Entre os profissionais interessados em cobrir as manifestações estudantis destacavam-se os próprios ex-alunos já atuando no mercado, mas sem diploma. Isso foi motivo de distorções por parte

de alguns veículos de comunicação, que davam a entender que aqueles ex-alunos formavam um grupo de baderneiros. Contudo, outros que acompanhavam o processo há mais tempo focavam seu trabalho na real importância da causa.

Yuri lembra que outro problema grave do curso era o número insuficiente de professores. “Os professores eram guerreiros!”, ressalta, valorizando esses profissionais, que trabalhavam diariamente frustrados devido às más condições de trabalho e a cobrança dos alunos. Hoje, no exercício dessa profissão, ele sabe bem o que é lidar com a “apatia” de alguns alunos, o que é precisar fazer uma aula atrativa e conseguir passar o conhecimento. Para ele, o professor por vocação é quase um pai, pois se envolve com os alunos, ficando triste e feliz junto com ele: “Você se projeta no seu aluno”.

O radialista perdeu as contas de quantas vezes houve ocupação do RU por pretenderem adotar um modelo privado de funcionamento ou aumentar o preço das refeições. Ele conta que o então vice-reitor, Clóvis Botelho, lançou a proposta de introduzir no restaurante pratos diferenciados para professores, técnicos e alunos, além de disponibilizar comida *a la carte* para os docentes. Também houve períodos na UFMT em que se cogitou cobrar taxas de matrícula e de qualquer tipo de atestado. Na verdade, foram várias as tentativas de privatizar a universidade, todas contundentemente barradas pelo movimento estudantil.

Depois de atuar no CA em 1997 e 1998, Yuri entrou no DCE em 1999. Ele lembra que, logo após os 25 dias de acampamento, houve uma assembleia com mais de 1000 estudantes, a Assembleia dos Mil, lotando o teatro. Emocionado, ele se arrepia só de lembrar o quanto a Comunicação era citada como uma vanguarda pelos demais

cursos. Havia na época muita discussão em torno da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 370/96, por meio da qual se pretendia implantar fundações de apoio de caráter privado nas instituições públicas, incluindo as universidades, e com relação à qual os estudantes eram completamente contra. A precariedade era geral em todos os cursos, a universidade vivia uma crise, um abandono, o tão falado “sucateamento”. “A gente quase chorava porque a gente estava muito cansado. Ninguém leva em consideração que tinha sol, que tinha banheiro precário, que a gente comia muito mal”, relata Yuri.

Figura 14 – Teatro da UFMT lotado de estudantes contagiados pela Comunicação



Nota: Acervo do grupo Comunicação Social UFMT, no Facebook.

Yuri se lembra de uma senhora que, tendo se solidarizado com os alunos, levava comida para eles; o professor Afrânio levava pão francês; e o pessoal arrecadava dinheiro, a famosa “cotinha” para

comprar refrigerante Simba. “A gente brincava e chamava o Simba de Rei Leão. Coisa de estudante, né... [risos]”.

A refeição básica naqueles tempos era pão com mortadela e guaraná; às vezes, margarina. Os alunos armavam redes nas árvores e deixavam seus bichos de pelúcia feito mascotes segurando cartazes. A intenção era tornar o clima mais ameno, porque pairava entre eles o medo de a Polícia Federal chegar a qualquer momento, embora a reitoria tivesse continuado funcionando normalmente, já que os alunos estavam do lado de fora. Eles queriam incomodar até que se tomasse alguma providência. “Nesse aspecto a gente foi mais inteligente”, afirma Yuri.

A assembleia à qual compareceram mil estudantes e a mobilização da Comunicação contagiou todo mundo. Deflagrou-se greve geral dos estudantes, tendo Yuri feito parte do comando de greve. O movimento estourou em todo o país, culminando com a Marcha dos Cem Mil, organizada por vários setores dos movimentos sociais, em Brasília. Yuri brinca ao dizer que aquele grupo de estudantes de Comunicação tem como legado a construção do bloco sede e diversas outras melhorias no curso (a compra de equipamentos e contratação de professores, entre outras), além, dos espelhos d’água do Congresso Nacional. Neste ponto de sua fala, expressa um misto de reações:

A gente incorporou a Marcha dos Cem Mil, que foi organizada por vários setores dos movimentos sociais e Cuiabá tentou ocupar o Congresso Nacional! E no que a gente tentou ocupar o Congresso Nacional, eu estava registrando e pedindo para as pessoas tomarem cuidado lá, a organização do evento havia entrado em contato com o Congresso, com a Presidência, com os poderes todos constituídos em Brasília que ia

fazer uma marcha em frente ao Congresso, que ia ter um carro de som com palavras de ordem, que ia organizar cem mil pessoas pra levantarem suas bandeiras, mostrar um momento de indignação, fazer um levantamento de reivindicações pra ser protocolado em alguma das casas, né, e o que aconteceu é que os caras perderam o controle. [...] Tinha um gramadão ali, a polícia colocou umas grades de ferro móvel, né. Então, não tinha nada, a polícia estava de boa ali, tranquila, eles estavam sossegados, não tinha tropa de choque porque o movimento era pacífico, não tinha por interesse ocupar nada, né. O que que é ocupar o Congresso? É um golpe, cara! Ocupar o Congresso pode ser entendido como um golpe, uma tentativa de tomar o poder, né?! E naquela época ainda tinha muito esse resquício de ditadura, essa coisa de não aceitar esse tipo de atitude. Aí, nós cuiabanos metemos o pé na grade e pulamos no pé dos policiais e tentamos entrar e os caras corriam e eram seguros, aí desce a tropa de choque, bomba de gás, bala de borracha e eu vi, por exemplo, o Suplicy sendo atacado pelos cachorros da própria polícia, coisas desse tipo assim, sabe. Suplicy socorrendo um garoto que tomou um tiro no olho, esse cara ficou cego! Ele não era de Cuiabá porque a gente criou uma situação aí todo mundo entrou. Foi um fuzuê! Aí, logo na sequência, construíram os espelhos d'água, aí as manifestações era o pessoal tirando a roupa e tomando banho lá, mas nessa aí eu não participei mais.

No DCE, Yuri atuou mais na luta em favor da assistência estudantil, como a garantia do direito ao RU e à CEU. Ele lembra que fazia muito calor no interior do restaurante, pois não tinha ar condicionado, e que as condições eram mais precárias que as de hoje: “Eu fico feliz por ter revisitado o RU outro dia e ver como as coisas melhoraram!”. Após o almoço, a turma de comunicação se deitava no

chão do saguão do RU e ficava lá jogando truco, desenhando, tocando violão, batendo papo, protestando... “A turma de comunicação era muito incrível! Foi bem bacana!”, recorda Yuri.

Figura 15 – Estudantes da Comunicação descansavam no saguão do RU após almoço



Fonte: Acervo de Aliana Camargo.

Quando entrou no mercado de trabalho, Yuri já era “figurinha carimbada” e, por ter formação de locutor pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), desde 1993, foi trabalhar numa rádio. Ele sempre quis ser locutor, mas na faculdade também se apaixonou pelo vídeo – seus olhos chegam a sorrir ao falar do quanto gosta disso! Então, como não apreciava muito o estilo de locução da rádio

FM, decidiu trabalhar em uma AM, a Rádio Cultura, pela qual passou rapidamente, visto que sua postura política novamente se tornou um motivo para a busca por outros rumos. Procurou emprego nas TVs, porém a profissão de radialista não era muito conhecida nem mesmo nesses veículos, o que dificultava a inserção dos profissionais da área no mercado.

Em 2013, Yuri era professor na UFMT e na Unirondon (atual Unic) e, por falta de tempo, não militava mais em nenhuma entidade. Na verdade, ele se afastou um pouco por ter ficado muito “estigmatizado” e ter se deixado um pouco de lado, o que considera um grande erro: “Quando você participa de algo que você acredita, você entra de cabeça, o grande erro nosso é esquecer de construir algo individual”. Muita gente achava que a intenção dele era tornar sua militância um trampolim político. Só que não era nada disso: ele não almejava nenhum cargo político, apenas uma formação de radialista decente.

Essa interpretação equivocada foi deixando Yuri chateado e distante e foi abrindo lugar para que outras pessoas tomassem a frente do movimento. Ele confessa que sempre teve um afã por liderança, por organizar as mobilizações, mas isso acabou deixando-o um pouco autoritário e ele percebeu que outras gerações de estudantes deveriam seguir em seu lugar.

Hoje, Yuri contribui quando pode. Em 2010, por ocasião de uma greve estudantil, ele foi convidado para dar depoimentos sobre sua experiência, numa reunião de alunos realizada no Centro Acadêmico de Serviço Social (CASES). Era plena madrugada de ocupação do ICHS, que durou 10 dias, na noite anterior à ocupação do Instituto de Linguagens. Yuri brinca ao dizer que aquilo se pareceu muito com uma reunião de alcóolicos anônimos, um muro das lamentações:

É porque é tão difícil você se dedicar. Você não ganha nada substancial, material. O que eu posso dizer que eu ganhei hoje é a experiência de poder lidar com as pessoas e ter uma compreensão de mundo diferenciada. Então, no exercício da minha profissão, se eu precisar lidar com comunidades carentes ou com vários grupos, eu tenho uma visão sobre eles, uma vivência sobre isso, de políticas públicas, você tem uma noção de como funciona isso. Então, é como funciona a sociedade, os poderes públicos, os interesses, aonde você tem que brigar. É uma formação diferenciada que a gente tem. Isso é o que a gente ganha.

Yuri também destaca a importância de aprender a viver coletivamente, a ouvir o outro muito mais do que se impor: “Isso te torna uma pessoa melhor, um profissional melhor, um cidadão”. No entanto, pondera que é difícil o jovem perceber isso, pois ele tem em mente que é bom e que tudo tem que ser para agora. O tempo lhe mostrou que não é bem assim. “O movimento estudantil valeu muito a pena pra mim. Eu era um jovem problemático pra minha mãe, pro meu pai...”. Era um rebelde sem causa na adolescência e acredita que, ao sair dessa fase, toda a base adquirida na família e no movimento tornou-o uma pessoa melhor, agradece por sua coragem de entrar para a militância. “É preciso ter muita coragem pra defender as suas convicções e aguentar as pessoas te xingando, o guarda buzinando todo dia de madrugada. O mundo é dos corajosos!”.

Para Yuri, é inadmissível a um comunicador viver como uma “vaca no matadouro”. Ele aconselha a todos que lutem pelo que é seu e lutem coletivamente, porque “[...] quando você luta coletivamente o retorno é seu, mas é dos seus pares, então você constrói alguma coisa que tem um valor muito maior do que só fazer o seu bolso crescer. Isso ninguém me tira!”.

A RESISTÊNCIA DE JANAÍNA PEDROTTI

Janaína Sarah Pedrotti entrou no curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, no mesmo semestre em que professores e alunos decidiram deflagrar a greve unificada, marcada para a primeira semana de aula. “Quando eu entrei, a gente tinha aula no bloco de Direito e em outro bloco. Era pra gente ter ficado totalmente perdido porque não sabia qual era o bloco direito. Só que entra o papel importante do movimento estudantil. Como estava todo esse processo de ebulição, todo mundo se aglutinou”. Os calouros participaram em peso do acampamento em frente à reitoria, o que para ela foi a alternativa em face da falta de aulas e do sonho de fazer a faculdade.

Surpreendentemente, ela não se assustou com a greve logo no início do curso. Apesar de ter estudado sempre em escola particular, era filha de professora e tinha a irmã estudando na antiga escola técnica federal, e isso lhe rendeu contatos, vivências importantes para desenvolver a consciência necessária ao entendimento daquela situação e de como funcionava o ensino público.

Após o turbilhão de emoções que foi a greve da Comunicação, ocorreu a Assembleia dos Mil, que lotou o teatro universitário e levou todos os alunos da UFMT à greve geral. Segundo Janaína, o acampamento da reitoria passou a ser no RU, tendo os alunos permanecido ali também por quase um mês. Mesmo envolvidos em toda a movimentação, os estudantes de Comunicação não perderam o foco e decidiram continuar a discussão sobre o curso, e a alternativa encontrada foi participar do Enecom Curitiba.

Naquela época, as diretrizes da política de privatização do governo FHC para a Educação era adotada pelo então reitor Fernando Nogueira, e, em todo o Brasil, as universidades federais sofriam um processo de “desmonte” decorrente da falta de recursos, contra o que se levantava a greve na UFMT. Diante dessa situação, os estudantes conseguiram por meios próprios os recursos necessários à viagem para Curitiba. A maior parte do dinheiro veio da venda de pizzas caseiras, feitas na casa de Janaína. Ao final, cerca de 15 pessoas embarcaram rumo ao Enecom, na Universidade Federal do Paraná.

Janaína lembra com alegria do esforço empreendido pelos colegas na organização da viagem. Havia muita expectativa por parte dos calouros, que estavam curiosos e com vontade de conhecer cada vez mais o movimento de Comunicação, por isso não mediram esforços e a tudo realizavam com muita união e entusiasmo: “Pra gente tudo era novo, tudo era diferente! Chegando lá, a gente viu um monte de oficinas específicas da Comunicação e outras mais lúdicas. Foi interessantíssimo e cada um foi pra uma oficina”.

Ao regressar do evento, Janaína se empenhou ainda mais no movimento estudantil e logo ingressou para o centro acadêmico, na gestão “Tuiuiu deu bobeira, vira bandeirão”. Algum tempo depois, também tomou parte no Diretório Central dos Estudantes. Em sua trajetória de militante, ela buscou, de diversas formas, lutar pela universidade pública gratuita e de qualidade. Como coordenadora do DCE, foi responsável por organizar a caravana de estudantes que foi para Sinop protestar contra FHC e cobrar verbas para a Educação. Ela não pôde ir por estar trabalhando, mas se lembra de os colegas terem voltado contentes por causa da grande repercussão do ato, que apareceu numa notícia veiculada na TV Globo em cadeia nacional.

Numa época em que não se podia contar com as redes sociais, ter um espaço na imprensa era a expectativa de todo movimento social.

Além da importância do movimento estudantil, Janaína ressalta a participação da Adufmat nas lutas pela Educação. A associação docente esteve junto com os estudantes em diversos momentos. Para Janaína, o episódio que marcou essa união foi a grande manifestação no Congresso Nacional, em Brasília, reunindo entidades do Brasil inteiro.

Essa situação que a UFMT e, especificamente a Comunicação, passava, ela era uma situação que todas as universidades passavam. [...] Você tinha essa campanha de desmonte das universidades. Você não tinha investimento nenhum, não tinha construção como você tem hoje, não tinha verba porque a política era outra. Era incentivar o ensino privado apenas.

Aquela era uma época em que, como mostram as declarações de quem vivenciou a universidade, o governo federal estava implantando fundações de apoio nas universidades federais. Em uma das viagens de Janaína com o movimento estudantil, a instituição anfitriã cobrava taxas de matrícula, entre outras, pois a privatização do ensino já havia iniciado. Nesse cenário, ela destaca que os estudantes desempenharam importante papel na discussão e na resistência contra as tentativas do governo. O temor da categoria estudantil era, e ainda é, que a autonomia universitária fosse afetada, por exemplo, com o direcionamento de pesquisas e a cobrança de taxas, como de fato se deu em diversas instituições, além de outras medidas resultantes de investimentos privados.

Todas essas experiências despertaram em Janaína a percepção da amplitude do alcance do movimento estudantil, extrapolando os

muros da universidade, conseguindo a identificação e a solidariedade das pessoas. Ela lembra que, durante o acampamento na reitoria, diariamente a padaria Uniserv, no bairro Boa Esperança, doava pães para os estudantes; outras pessoas levavam panelas com comida. “Era muito legal porque não tinha essa concepção ‘ah, não quer estudar...’ não tinha. Eram pessoas que ajudavam e você via que, às vezes, eram pessoas que não estavam inseridas totalmente no movimento, eram apenas pessoas simpáticas! [...] Eu tenho a sensação, hoje, que a universidade é uma conquista da sociedade”.

Especificamente no curso de Comunicação, a turma de Janaína viveu a transição da era dos “palestinos” para o prédio próprio, em 2001. Ela recorda da sua felicidade por ter tido aula no laboratório de fotografia e afirma que, até hoje, todo o seu aprendizado é devido ao professor Laércio. Porém, nem tudo eram flores. Outros laboratórios, bem como o estúdio de TV, não possuíam equipamentos, e no prédio recém-construído não havia um espaço próprio para o centro acadêmico, problemas que geraram uma nova onda de protestos. Foi quando surgiu o “barracão do Zildão”.

Janaína, já veterana, não era mais do CA, mas era representante estudantil no colegiado de curso. Ela se lembra de certa vez ter precisado intervir para que os alunos não sofressem processos disciplinares devido ao desconforto gerado pela ocupação do saguão do II e, posteriormente, de uma sala que acabou se tornando a sede do centro acadêmico.

A única professora que saiu em defesa dos alunos foi Mariângela Sólla: “A gente brigou por um bloco e, de repente, não tem mais a sala do centro acadêmico. Então, a gente se sentia contra a parede por conta de um ou outro professor... E daí, quando ela defendeu, pra gente foi

significativo”, conta Janaína. O professor Javier López também ajudou a apaziguar os ânimos, com um gesto curioso: numa visita ao CA, ele levou um “cachimbo da paz” sinalizando que os professores queriam conversar em vez de discutir.

Mergulhada na vida acadêmica, Janaína participou de eventos importantes, como o Enecom, o Erecom, congressos da Une, acampamentos, greves, além de congressos científicos, como o Intercom. Sempre envolvida nas mobilizações, ela integrou o grupo que tentou unificar o Mecom em Mato Grosso, o que começou com a viagem ao Erecom Goiânia, no qual a UFMT e a Unic estiveram juntos. Janaína vê essa experiência como um momento de acertos e erros, porque eles estavam acostumados com um tipo de discussão e, de repente, se viram viajando no mesmo ônibus que um grupo com interesses difusos. Ela, por exemplo, participou de uma discussão sobre mensalidade, tema que, na prática, só interessa aos estudantes de faculdades particulares.

Os estudantes de Comunicação de Cuiabá voltaram da viagem empenhados em realizar o Ecos e o Erecom, os últimos eventos que Janaína acompanhou, mas já não da mesma forma que antes, quando integrava a comissão organizadora. Ela ainda tentava ajudar como podia e ofereceu uma oficina de jornal comunitário.

Quando era estudante, o estágio em jornalismo ainda era proibido e, por questões ideológicas, Janaína se recusava a trabalhar na área de forma “clandestina”, para não se contrapor ao sindicato dos jornalistas. Ela pensava que seria difícil ingressar no mercado por ter se envolvido tanto com o movimento estudantil. Mas não foi o que aconteceu. Em seu último semestre de faculdade, o estágio foi regulamentado e ela teve uma experiência em assessoria de imprensa.

Janaína também tinha certa preocupação quanto ao seu futuro profissional por causa da deficiência na parte técnica do curso, porém, depois de formada, ela ocupou uma vaga no caderno de economia da Folha do Estado. Por ser uma mídia impressa, ela não sentiu muito a falta de recursos técnicos. “O curso prepara você para o campo teórico. E a técnica, você pode ser um pouco melhor... Tanto que no Enecom, a primeira oficina que eu fui fazer foi a de vídeo documentário porque era uma coisa que não tinha aqui”.

Resistente quanto a abandonar a militância, a jornalista conta que, nos primeiros dois anos de formada, ainda tentava participar de algumas mobilizações na universidade, mas acabou se afastando em razão da falta de tempo e do trabalho. Ela reconhece a importância do movimento estudantil em sua carreira, considerando-o uma experiência que proporciona um olhar diferenciado sobre a sociedade, ainda mais pelo caráter questionador, ponto comum entre o militante e o jornalista. Outro aspecto é o altruísmo praticado entre as pessoas dos movimentos, um exemplo para toda a vida, principalmente na atualidade, quando o individualismo está no centro de tudo. “No movimento estudantil, não tinha espaço para egoísmo”, lembra.

No sindicato dos jornalistas, Janaína não participa da mesma forma que participava do centro acadêmico ou do DCE. Ela diz que reconhece a importância da representatividade da categoria e tenta atuar mais como profissional, apesar de já ter ajudado em algumas comissões eleitorais.

Sobre sua volta à universidade como professora do curso que ajudou a construir, Janaína diz que “é muito gostoso” e foi como estar em casa, acrescentando que ela sempre se propõe a conversar com os alunos sobre os acontecimentos no ambiente acadêmico. Com

relação às mudanças no movimento estudantil através do tempo, ela avalia que, naquela época, talvez fosse mais fácil para os estudantes fazer resistência, pois eles sabiam exatamente contra quem lutar. Hoje em dia, o contexto é diferente, as linhas são mais tênues, mas o movimento estudantil deve continuar, com o desafio de repensar suas práticas. Janaína enxerga agora o quanto as ações do movimento foram importantes e, incansável, declara que poderia ter feito mais, se dedicado mais.

Passados 12 anos de sua formatura, Janaína Pedrotti é uma jornalista respeitada no cenário cuiabano por sua atuação profissional em instituições como o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA-MT), como editora-chefe da Folha do Estado, além de ter atuado como professora nos cursos de Jornalismo da Unic e da UFMT e, em 2013, como coordenadora do curso de Comunicação Social da Unirondon.

A SERIEDADE DE CAROL ARAÚJO

É com bastante lucidez que Carol Araújo se lembra da vida acadêmica e, principalmente, da militância estudantil. Suas memórias são carregadas de sentimentos, bons e ruins. Ela entrou no curso em 1999, logo após a “greve dos cem dias” dos professores, que contou com ampla participação estudantil, referindo-se àquele tempo (da segunda metade dos anos 90 ao início dos anos 2000) como uma época na qual os estudantes conseguiram movimentar a universidade, efervescência em que ela tomou parte.

Com veteranos como Yuri Kopcak, Janaína Pedrotti, entre outras lideranças estudantis de outros cursos, não era difícil se contagiar. Para ela, “o Centro Acadêmico de Comunicação sempre foi um ícone dentro do movimento estudantil da Universidade Federal de Mato Grosso de uma maneira geral, sempre foi um aporte”. A respeito da chapa “Tuiuiu deu bobeira vira bandeirão”, ela pondera que “[...] aquela galera realmente fazia com que o estudante que gostasse um pouco de política se interessasse mais. E foi exatamente isso o que aconteceu”.

A renovação é um fator necessário e importante para o movimento estudantil, e os membros do CA sabiam disso. O que eles estavam fazendo era preparar o futuro do movimento, já que a gestão estava chegando ao fim. Aqueles que possuíam mais carisma e liderança tratavam de sensibilizar os demais para a necessidade do ativismo. Uma dessas pessoas era Severino Mota, que na época era calouro e, de acordo com Carol, muito enfático e idealista, possuindo uma visão clara das questões políticas. “A forma como ele falava contagiava os estudantes”, ela diz.

Foram essas influências que deram a Caroline e seus colegas a ideia de montar a chapa para próxima gestão do CA, em 2000, a “Juntando os Cacos”, cujo nome refletia o momento pelo qual o curso passava, com a mudança definitiva para o IL, o Cacos acabou ficando prejudicado, sem a sala da FAECC, com seus bens deixados no saguão do IL. “A gente estava meio que palestino, jogado, não tinha lugar, não tinha diálogo”.

Foi aí que surgiu a ocupação do IL, cada dia com uma ação diferente, como lavar o saguão, dormir naquele espaço, até que ganharam uma sala minúscula, atualmente a sala 13:

Eles colocaram a gente naquela salica e pra gente foi uma vitória porque a gente saiu do corredor. E o Cacos tinha muito acervo de livros, de vídeo, de móveis e as coisas estavam se perdendo. Foi uma época em que estava se dilapidando o acervo do Cacos. Então, quando se conseguiu a bendita sala e já tinha que se fazer a eleição do Cacos, começou a aviltar nomes e veio essa sugestão Juntando os Cacos porque era pra juntar os cacos do CA.

Carol vê a ação de tirar a sala do Cacos como uma jogada política, uma tentativa de desmobilizar o centro acadêmico, que era o mais articulado e operante da época. Em meio a todos esses acontecimentos, ela se interessou e quis conhecê-lo mais de perto. Antes disso, ela, que fora educada em colégio de freiras, nunca havia se envolvido com mobilizações políticas; o máximo em termos de experiência com uma coletividade se deu em missões da igreja. A academia abriu para ela um novo horizonte e em 2000, quando cursava o 3º semestre, entrou para

a briga pela coordenação do Cacos.

Hoje, já madura e experiente, Carol percebe que havia muita inocência da parte dela e dos companheiros, pois eram grandes e vários os interesses de partidos políticos na cooptação de estudantes, e, de fato, havia algumas juventudes partidárias naquela briga, pessoas ligadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), principalmente.

Com semblante saudosista, Carol analisa que “[...] a efervescência intelectual, a discussão é muito rica! Quem participa de fato pra construir algo coletivo têm muitos ganhos”. Contudo, ela se lembra também de pessoas que entravam apenas por “oba-oba”, achando que o centro acadêmico só faz festas e coisas do tipo. Mas a chapa “Juntando Cacos” ganhou a eleição, e seus membros conseguiram fazer muitas coisas.

Entre os principais feitos da gestão está a designação da atual sala 13 para o estabelecimento do Cacos, ao mesmo tempo em que continuaram brigando pela mudança da entidade para a sala na Rubens de Mendonça, um espaço maior, localizado no saguão e não exatamente dentro do prédio, propiciando mais liberdade aos estudantes. Além disso, o Cacos também tentou conseguir uma sala só para abrigar a coordenação local da Enecos, já que o centro acadêmico de Letras possuía uma sala exclusiva de sua executiva, a Exnel. “A gente trabalhava sempre junto. Foi uma época em que nós começamos um movimento dos CA’s de Letras, Música e Comunicação no sentido de todas as ações do IL envolverem os três cursos”, lembra. Desse movimento conjunto, surgiu a primeira semana do calouro integrada, já na segunda gestão de Carol, a “Realinhando as órbitas da Comunicação”. Depois

dessa iniciativa, a universidade começou a espalhar a ideia nos outros institutos.

Carol conta que a gestão “Juntando Cacos” oxigenou o CA. Porém, com o tempo, a disputa entre partidos políticos acabou “minando” o movimento estudantil. Colegas de gestão acabaram se envolvendo na política partidária, e ela, que era apartidária, acabou “com o centro acadêmico no colo”. Carol Araújo, Wallace Harchbart e Robson Castanho, que era anarquista, foram os únicos a levar a gestão até o fim, engatando a eleição seguinte com outra chapa, a “Realinhando as órbitas da Comunicação”. “Ali a gente começou a perceber que não adiantava ter um CA com 25 pessoas [...] porque nunca que as 25 pessoas vão trabalhar. Então, começamos discutir a reforma do estatuto do centro acadêmico”. Na época, o estatuto previa que a gestão do Cacos deveria contar 18 pessoas.

Com a chapa “Realinhando as órbitas da Comunicação”, buscava-se tirar o estigma de partidarismo e propor um grupo apartidário, que focasse a discussão na política estudantil. Nessa fase, outras pessoas se juntaram ao movimento, como Aliana Camargo, Lenissa Lenza, entre outros. Foi também nessa época que eles vislumbraram um movimento de Comunicação que abrangesse as demais faculdades e mantiveram contato com estudantes da Unic, do Univag e da Unirondon, nas quais os alunos ainda tentavam montar seus centros acadêmicos. Dessa parceria surgiu a viagem conjunta ao Erecom Goiânia, o Ecos e o Erecom Cuiabá, além de terem se organizado para irem juntos ao Enecom Brasília, de 2001.

Em seu primeiro encontro estudantil, o Conecom Vitória, no início de 2000, Carol representou o Cacos como delegada. Em janeiro

de 2001, também representou o CA no Cobrecos São Paulo, ali tendo se confirmado a realização do Erecom Cuiabá:

Pra gente se preparar pro Erecom, a gente fez o Ecos, que foi um sucesso! Que foi muito bom e que aproximou a Unic e a UFMT. E essa proximidade, a gente pensou que ia ser muito boa. Na verdade ela foi desgastante porque nós vivemos o sonho de fazer um encontro aqui, fomos pra Brasília, participamos juntos do Enecom, que foi muito bom! Mas quando a gente volta pra fazer o Erecom, a responsabilidade final acabou caindo inteira na UFMT.

Dentre essas responsabilidades, uma dívida de cerca de 10 mil reais, gerada na organização do Erecom: “Quando isso acontece e você é estudante e ainda representando uma entidade, é aí que você começa a aprender o que é responsabilidade de fato”, analisa Carol.

A dívida representou não só um problema financeiro para as pessoas envolvidas, mas também um desgaste muito grande para as amizades e para o centro acadêmico. Outra greve se iniciava, muitas pessoas não participavam mais de forma efetiva no CA e, novamente, as mesmas que foram até as últimas consequências durante a gestão “Juntando os Cacos” aguentaram firme até o final da gestão “Realinhando as órbitas da Comunicação”. Apesar de tantos problemas, Carol destaca que alguns alunos também assumiram a responsabilidade de pagar as dívidas do Erecom, como Tabarê Marçal e Carlos Buiú.

Após o desgaste causado durante o Erecom, Carol havia decidido não mais participar do movimento estudantil. Segundo ela, não foram as dívidas que a afetaram e sim as pessoas, em cuja crise a “[...] verdadeira índole das pessoas ficou à mostra”, isso sem dizer que ela se sentia cansada:

Você cansa. Porque assim... eu não ganhei nada com o centro acadêmico. Eu não ganhei dinheiro, eu não ganhei status algum. Algumas pessoas vão pensando nisso. Eu ganhei experiência. Experiência de vida, experiência política, experiência que me ajudou [e muito!] quando eu saí da faculdade, pra entender política, pra vir a trabalhar nas campanhas a prefeito, a governo, a senador, a discutir política, a não ser passada pra trás. Só que quando você se põe pra ser um representante de uma classe, você espera que você vai ter ajuda dessa classe. E o que aconteceu: todo esse tumulto que gerou do Realinhando as órbitas pra frente foi porque as turmas de estudantes que entraram pra fazer Comunicação, a partir de 2001, não tinham pessoas, não tinham alunos com interesse em política de fato, como tinham antes. A gente até brincava, na época, que era a Turma Malhação, a Geração Gigabyte, fazia essas brincadeiras...

A essa altura dos acontecimentos, Carol, que havia ganhado uma bolsa para fazer intercâmbio nos Estados Unidos, aproveitou a greve e se foi. Ao regressar ao Brasil, em 2002, encontrou o Cacos já na gestão “Juntos Somos Mais”, época da qual ela não guarda boas lembranças. Igual ocorreu na gestão “Juntando os Cacos”, essa chapa era composta por muitos calouros que cometeram o mesmo erro de se deixarem cooptar por partidos políticos.

Os veteranos, que já haviam participado das gestões anteriores, tentavam aconselhar os coordenadores do CA, mas de nada adiantava: “Eles estavam tão cegos... [...] Era uma caça às bruxas. Tanto é que quando eles assumiram, a primeira coisa que eles fizeram foi apagar toda a história do CA, que era escrita nas paredes”. Carol conta que jogaram muitas coisas fora, como desenhos do Jomar Brittes, documentos que julgavam desimportantes, além de pintarem as paredes que carregavam

a marca da história do movimento estudantil. E arremata dizendo que aquilo foi “um soco no estômago de muita gente”.

Os tempos eram outros na Comunicação. A maioria dos alunos não se interessava mais pelas reuniões, apesar de necessárias e importantes. Surgia, em Cuiabá, o movimento pelo passe livre, quando universitários e secundaristas se uniram nas ruas para reivindicar o direito de gratuidade no transporte coletivo. Para Carol, fazer parte do movimento estudantil é entender o seu papel na sociedade, tanto que as mobilizações ultrapassavam os muros da universidade, mas no curso já não havia tanto interesse como outrora.

Foram essas as circunstâncias que a levaram, ao retornar ao curso, a de novo tentar reerguer o movimento estudantil junto com algumas pessoas que ainda faziam resistência. Daí surgiu a chapa “O caminho do meio”, que, sendo eleita, num processo eleitoral um tanto esvaziado, retomou a luta pelo espaço da antiga biblioteca Rubens de Mendonça. Foi nessa gestão que os estudantes desenvolveram projetos como o grupo 3 Tabelas e o Fanzica.

Essa eleição mais uma vez foi marcada pela aversão à influência de partidos políticos no curso, tanto que o regimento eleitoral previa sua impugnação caso houvesse integrantes da chapa filiados a algum partido. Por isso, a chapa concorrente teve que retirar pessoas de seu quadro para poder concorrer. Carol Araújo conta que o principal problema não era exatamente alguém fazer parte de um partido, mas a falta de respeito com o debate e a opinião alheia. Ela lembra que, quando entrou na universidade, o CA era formado por pessoas que seguiam a linha de determinado partido, mas não deixavam que isso fosse mais importante do que as decisões coletivas tomadas entre os estudantes. Não havia o aparelhamento do centro acadêmico.

Para Carol, a atuação do CA é de fundamental importância desde que sua política seja conduzida por pessoas comprometidas e sérias. E ela manteve essa opinião em todas as três gestões nas quais atuou, sempre assumindo o compromisso de ir até o fim. Como se não bastasse, ainda teve fôlego para compor a comissão eleitoral da nova gestão, segundo ela, para “passar o bastão”:

O que eu tinha que fazer era mostrar para as pessoas que a gente tem responsabilidade. Todas às vezes quando eu dei o nome pra fazer parte do CA foi porque eu queria mudar! E quando eu voltei na universidade pra ser [professora] substituta e eu vi aquele CA ali, aquilo me encheu de alegria, em partes, porque eu sei quantas noites, o quanto a gente brigou pra aquele centro acadêmico estar ali. Não me enche de alegria pra ver do jeito que está, porque eu não vejo mais manifestação do CA de Comunicação. Eu vejo outros CA's bem operantes, mas o Cacos não mais. E o Cacos foi o impulsionador de vários centros acadêmicos dentro da universidade e fora da universidade! Então, chegar no ponto em que ele está é triste.

A radialista compara os erros das gestões do centro acadêmico com um erro recorrente em alguns governos: apontar os erros da gestão anterior e abandonar o que foi feito de bom. Para Carol, fazer parte da entidade, seja como membro seja como colaboradora, é de grande importância para que a universidade seja de fato uma universidade e para que não sirva somente como um lugar para se conseguir um canudo. Ela enxerga a experiência da militância estudantil como uma forma de formar um profissional melhor, com visão não somente para o mercado, mas para a sociedade.

Carol passou toda sua vida acadêmica reivindicando, junto com os colegas, os equipamentos necessários para as aulas nos laboratórios, mas acabou se formando sem nunca ter usufruído daquilo que tanto empenho fez para conseguir. Por isso, ela faz questão de lembrar “[...] o que hoje vocês têm foi fruto das nossas brigas lá no passado. Essa é a importância do centro acadêmico, é a importância do estudante se posicionar”.

Como profissional, Carol Araújo é um entusiasta do audiovisual em Mato Grosso. Entre 2006 e 2007, participou de uma comissão de cultura da Assembleia Legislativa e colaborou em diversas edições do Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá, também denominado Cinemato, e, em 2013, respondia pelas funções de presidente da Associação dos Profissionais do Cinema e de Outras Tecnologias do Audiovisual do Estado de Mato Grosso (AMAV) e de diretora de comunicação da Associação Brasileira de Documentaristas. Na verdade, desde que ainda era estudante, mas já trabalhando, ela milita por uma política pública voltada para a Cultura em Cuiabá.

O PRAGMATISMO DE EVANDRO BIRELLO “PIUÍ”

Evandro Birello de Lima, Piuí, entrou na Comunicação Social, habilitação Radialismo, em 1999/1, mas ele já estudava Engenharia Elétrica na UFMT e acompanhou o período da greve estudantil e o acampamento em frente à reitoria ocorrida pouco antes do seu ingresso no curso. Piuí começou a perceber o gosto e a vocação para a Comunicação durante a greve dos professores, entre 1997 e 1998, período em que ficou com muito tempo ocioso e aproveitou para assistir filmes, a maioria clássicos.

Mesmo antes de entrar no curso, ele já sabia das dificuldades existentes e apoiou os estudantes por considerar a reivindicação válida:

Você passa num vestibular de cunho muito concorrido e entra numa faculdade pública, que em tese tem um maior nível no que diz respeito à qualidade do ensino e você chega e a universidade está sucateada? Você não tem sala de aula, não tem material, tem que trabalhar na questão imaginária da aula? Então, pra quem quer aplicar um conhecimento igual a gente, que quer pôr a mão na massa, isso é muito frustrante! É um banho de água fria!

Em contrapartida, os alunos que entravam naquela época tinham engajamento político e uma visão crítica de sociedade. “Não eram pessoas deslumbradas com o real, nem interessadas em simplesmente ter dinheiro pra gastar. Eles queriam espaço pra expressar a opinião e mostrar o novo Brasil que estava surgindo naquele momento”. Na greve dos estudantes, a reivindicação era pela retomada da obra do bloco de Comunicação, que ficou pronta em pouco tempo. Quando

Piúi entrou no curso, o prédio já estava pronto, embora os alunos do tronco comum ainda tivessem aulas em salas cedidas pela FAECC.

Em 1999/2, Evandro Piúi viveu um fato curioso: durante as férias, poucos dias antes do início das aulas, ele passava pelo corredor dessa faculdade quando viu a parede entre duas das salas na qual sua turma tinha aula sendo derrubada. Ao questionar os pedreiros, soube que o espaço seria transformado numa biblioteca. Ele imaginou que outras salas de aulas já haviam sido providenciadas para as aulas dos alunos e ainda comentou o que viu com o colega Robson Castanho. No dia de fazer a matrícula do semestre, eles acabaram se encontrando e passaram por um momento constrangedor:

Perguntamos para o atendente de secretaria:

– Onde que vão ser nossas aulas no segundo semestre?

E falou assim:

– Olha, eu acredito que no mesmo lugar que o semestre passado.

– Lá na FAECC?!

– É. As aulas do primeiro, segundo e terceiro semestre são lá. E o quarto tem aula também lá.

E eu me perguntei “Será que os professores não estão sabendo que as salas estão sendo demolidas? Não é possível...”. Eu perguntei de novo pro atendente:

– Você pode chamar então o coordenador do curso porque eu acho que ele sabe, né...

E aí, chamamos o coordenador do curso na época, e fizemos a mesma pergunta:

– Professor, nós vamos estudar em que sala este semestre?

– Na mesma sala que vocês estudavam na FAECC.

Aí eu olhei pro meu amigo assim do lado. Aí, ele olhou pra mim e deu aquela risadinha...E eu falei:

– Lá na FAECC, professor?

– É, lá na FAECC. É lá mesmo onde tem aula do segundo semestre.

Eu falei:

– Professor, é interessante o senhor falar isso porque eu passei lá semana passada e eles estavam derrubando a parede da sala do primeiro e do segundo semestre.

O professor arregalou os olhos...

– Que que você tá falando?!

– É isso mesmo.

Aí, o amigo meu falou:

– É verdade. Eu também passei por lá e estão derrubando a parede das salas do primeiro com o segundo semestre. E o senhor tá falando que as aulas vão ser lá. Vai ser junto a aula do primeiro com o segundo semestre?

Aí, o professor ficou naquela...Aí vimos que realmente eles não estavam sabendo. E eu não

sei se eu ficava constrangido por ele não saber ou irritado por ver o coordenador de curso não ter noção do que está acontecendo com o curso dele, não participar das decisões que eram resolvidas no planejamento semestral. E aí ele me falou assim:

– Se isso está acontecendo, nós vamos averiguar isso agora. Mas pode ficar tranquilo que nós vamos arrumar sala pra vocês terem aula!

Foi muito engraçado porque se eu não tivesse falado pro professor coordenador do curso que as salas estavam sendo demolidas e nós não íamos ter sala, nós íamos chegar no começo do semestre sem sala de aula! Ia ser pra mim dois passos pra trás, inclusive os laboratórios, eu também não ia ter sala para as disciplinas básicas?! Poxa, é muito embaraçoso isso! E aí, de certa maneira eles tiveram que improvisar, correr atrás com o pessoal do IL conseguir as salas pro primeiro, segundo, terceiro semestre e o quarto também, que tinha algumas disciplinas que eram integradas ainda. Eles fizeram uma correria nessas semanas antes de começar as aulas que eu imagino que deve ter sido muito estressante. No final das contas, nós conseguimos, mas teve um porém: o centro acadêmico não tinha mais sala de reunião.

Teve início, então, uma nova mobilização, dessa vez pela sala do CA. Com o bloco de laboratórios funcionando no IL, os alunos tiveram que se adaptar ao prédio e eram vistos como “alienígenas” dentro de seu próprio espaço pelos alunos dos demais cursos. Para Evandro, os comunicólogos tendiam a ser inquietos e expansivos, a travar contato com tudo o que os rodeia, inclusive com as heterogeneidades, as diferenças; e o pessoal de Letras não era tão expansivo assim.

Num primeiro momento, os estudantes de Comunicação eram tratados com certa indiferença e desconfiança por parte dos alunos de

outros cursos, mas isso foi sendo superado com o tempo, tanto que nasceram parcerias e grandes amizades entre eles. No começo, era como se a Comunicação fosse um corpo estranho no IL, e o Cacos, mais ainda porque não tinha um espaço fixo. Então, os alunos montaram um “centro acadêmico virtual”, o “barracão do Zildão”, e colocaram sofá e televisão no corredor para fazerem as reuniões.

Evandro ressalta que a falta de espaço físico naquela época era muito mais importante do que hoje, pois não havia as possibilidades oferecidas atualmente pela internet, como *Skype* e videoconferências: “Hoje em dia nós temos visto mobilizações por todo o Brasil e essas pessoas têm se organizado somente pela internet e tem funcionado, o mesmo não ocorria naquela época”.

Durante a gestão “Realinhando as órbitas da Comunicação”, da qual fez parte, Evandro conta que o principal bordão das manifestações era “Fora FHC. Fora FMI”. Foi o que aconteceu num evento realizado em Sinop, no qual estavam presentes o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, entre outras autoridades políticas e os alunos lá estavam em caravana para protestar contra a divisão do Estado. Na mesma ocasião, os estudantes também participaram da Marcha dos Cem Mil, mas Evandro não foi a nenhuma dessas manifestações, o que hoje é um dos seus maiores arrependimentos relacionados à vida acadêmica.

Naquela época, além de estudar, ele trabalhava, o que o impedia de fazer essas viagens, que lhe teriam propiciado oportunidades de interagir mais com os colegas e de conhecer pessoas de outras faculdades do país. Olhando para trás, ele pensa que poderia, sim, ter conciliado as coisas, mas lhe faltou um pouco de coragem, disso tirando uma lição para toda a vida: hoje, Evandro, que se permite muito mais

correr riscos, trabalha com *web design*. Essa reflexão lhe chegou quando estava beirando os 30 anos e, sentindo que a juventude estava ficando para trás, se perguntou o que havia aproveitado dela. Ele avalia que fez muita coisa, mas que também poderia ter sido mais audacioso e se jogado em outras.

Em 2001, Evandro participou do Ecos, que segundo ele, foi uma espécie de laboratório para o Erecom, realizado naquele mesmo ano. Naquele primeiro encontro, que ele afirma ter funcionado melhor do que este último, conheceu pessoas que se tornaram grandes amigos e companheiros de profissão, como Adelino Severino Neto, ex-aluno de Comunicação da Unic e hoje sócio da Agência FCS. Piuí o conheceu numa oficina de vídeo e, tempos depois, teve a oportunidade de trabalhar como seu assistente de direção num curta-metragem.

Para Evandro Piuí, foi uma experiência interessante porque os intercâmbios entre os cursos de Comunicação do Estado eram muito raros e intermitentes. Nessa época, em que todos acabaram se conhecendo, muitos preconceitos ou se afirmaram ou se extinguíram. Dizia-se que os estudantes de universidades pagas eram alienados e despolitizados, o que não é uma verdade. Piuí conheceu vários alunos que ainda hoje fazem parte de movimentos sociais ou iniciativas alternativas.

Porém, ele também critica a posição de parte dessas pessoas “[...] que acabaram tirando o corpo fora [...]” quando o Erecom deu prejuízo. Evandro acompanhou a gestão do Cacos durante a crise financeira; foram cerca de R\$ 10 mil de prejuízo, que o pessoal demorou cerca de dois anos para terminar de pagar. Evandro destaca a “perseverança” de Carol Araújo, então membro do centro acadêmico e da organização do Erecom: “Ela foi uma das pessoas que não fugiu

da raia, fez o possível e o impossível para pagar a conta e pagou. Isso é algo que a gente tem que aplaudir e estar sempre destacando essa perseverança e superação porque ela teve uma dificuldade tremenda!”. A dívida acabou se tornando um perigo para os estudantes engajados em cumprir os compromissos. Havia credores que ligavam ameaçando de morte, inclusive.

Nesse período, Evandro já estava pensando em seu futuro profissional. Ele se considera um “contraexemplo” de aluno, porque fez pouco estágio e até hoje continua trabalhando com a produção audiovisual, coisa rara entre os ex-alunos de Rádio e TV: “Ou eu sou muito sortudo, ou muito teimoso ou tenho talento. Eu acredito que sou um teimoso com um pouco de sorte. Talento: estou trabalhando até hoje pra isso”.

Em 2001, Piuí integrava a gestão do CA, mas não atuou na organização dos eventos daquele ano. Ele achava interessante a ideia de integração entre os cursos, porém não “botava fé” no perfil de algumas pessoas e via a tudo mais como uma euforia do que uma organização. Até chegou a sentir que aquilo não daria certo e preferiu participar apenas das oficinas e palestras, além de ter se envolvido em outros trabalhos, no campo audiovisual.

Com relação à política nas mobilizações estudantis da época, Birello lembra bem o momento por que o país passava: início dos anos 2000, havia uma euforia com a estabilidade econômica desencadeada pelo Real, mas as universidades ainda viviam o peso do longo período de estagnação. O ex-ministro da educação Paulo Renato tinha convicção de que a Educação no Brasil seria melhorada ao adotar o modelo norte-americano, no qual as escolas de ensino fundamental e médio são públicas, mas as universidades são privadas. Evandro Piuí

percebia isso claramente em seu cotidiano, pelo sucateamento que a sofria: “Era terrível!”.

Ele cita como exemplo o RU, que só servia frango e carne moída: “Era uma carne de baixa qualidade. A gente falava que o frango era pombo e a carne moída era anta que eles pegavam do zoológico”. A refeição custava R\$ 0,50, preço que tentaram aumentar para R\$ 1,00 e até para R\$ 3,00: “Foi uma comoção danada. Houve mobilização entre os alunos, manifestação no RU, o pessoal invadia o RU pra comer sem pagar... Se tirava o investimento até ressecar e morrer”.

Os estudantes lutavam muito contra tudo isso. O DCE organizava muitas mobilizações, nas quais a Comunicação estava sempre presente: “Era o que mais participava, eram os mais contestadores. O que gerava controvérsias porque tinha os conservadores que estavam de ombros pra isso, mas que viam que a mobilização era legítima. Não fazia sentido pagar por uma coisa se a universidade é pública!”.

O momento político e social do Brasil era pauta em todos os eventos estudantis da época. A privatização da universidade e os malefícios disso para a população eram pautas recorrentes: “A universidade, infelizmente, ainda hoje é elitizada, mas ela tendo um concurso público ainda dá oportunidades pra que pessoas de baixa renda tenham acesso e essas são pessoas brilhantes! São pessoas que a vida inteira acreditaram no estudo mesmo que a circunstância dissesse que isso não faria diferença para ascender socialmente”. A grande satisfação de Birello é ver que as universidades públicas não foram privatizadas e que,

[...] ao contrário do que o senhor Paulo Renato pensava, a UFMT, mesmo com todos os problemas que ela ainda tem com relação a remuneração

dos professores e, às vezes, até à qualidade do ensino, as possibilidades de ensino e os espaços de interação dos alunos aumentaram muito nos últimos anos. Eu estou formado há dez anos e sempre que passo aqui e vejo um bloco novo sendo construído, fico feliz por ver que a faculdade continua crescendo e deve crescer muito mais! O que eu tenho a dizer para o senhor Paulo Renato é que o senhor estava enganado. O senhor era reitor da Unicamp, mas o senhor não tinha razão.

Em 2003, após o Erecom, Evandro Piuí, que já se encontrava na fase de produção da monografia, ou seja, quase se formando, ainda desejava contribuir de alguma forma com o movimento estudantil. Ele lembra que o fracasso do Erecom gerou muitas controvérsias e muita desilusão, e a gestão seguinte do Cacos estava meio abandonada. Foi quando atuou como presidente da Comissão Eleitoral do CA. Ele queria ajudar nesse processo de transição, mas sem se envolver politicamente com nenhum grupo.

Existia, naquele tempo, a preocupação de que não houvesse direcionamentos partidários em nenhuma das chapas, uma das quais foi denunciada por incorrer nesse erro. Na UFMT vigoravam duas tendências políticas parecidas, porém rivais: a Juventude do PT e a União da Juventude Socialista (UJS do PC do B). Birello nunca fez parte de partido político, mas trazia consigo uma visão politizada cultivada desde a escola técnica.

Ele via a rixa entre as duas juventudes como “[...] anacrônica porque, em tese, o discurso dos dois era parecido, defendiam as mesmas causas, estudavam os mesmos teóricos, mas na hora de disputar o espaço e trabalhar a política estudantil, estavam em lados opostos. Eu via isso com certa desconfiança e como uma inutilidade”.

Evandro analisa que, se o inimigo dos dois era o mesmo (FHC, o PFL, o neoliberalismo), eles não tinham que ficar brigando por “migalhas”, uma vez que a política estudantil acaba não condizendo com a realidade do mundo exterior, e sim deveriam se unir e trabalhar formas de emancipação da população mais pobre. Nesse sentido, levando grupos de trabalho para as periferias e formando opiniões, propiciando condições para essas pessoas desenvolverem o senso crítico que as habilitasse a entender e analisar as propostas dos seus candidatos.

Todavia, Evandro assistiu a tudo sem querer entrar no mérito da discussão. Sua vontade era ser pragmático, organizar o processo eleitoral e fazer com que as chapas trabalhassem em função dos alunos e não de partidos. Houve, conforme já dito, a denúncia de que uma das chapas havia apresentado um programa político partidário, resultando em um pedido de impugná-la: “Foi meio constrangedor porque são pessoas com as quais eu convivo até hoje no mercado de trabalho, são pessoas de bem que defendem a melhoria dos serviços públicos, mas que naquele momento estavam sendo orientadas por partido político e a gente não queria isso”.

No final das contas, ficou a chapa única “O caminho do meio”, que discutiu as propostas com os alunos e conseguiu estabelecer um consenso. Para Evandro, todo mundo traz de seu núcleo familiar suas concepções de mundo, particulares, as quais, na universidade, acabam se misturando. Ele acredita que o comunicador tem obrigação de saber lidar com essas diferenças porque a pessoa sempre terá algo com o que poderá contribuir: “Na universidade é normal travar debate com pessoas que não tem nada a ver com você aparentemente, mas que

tem muito a ver no sentido de que querem participar do processo. Isso não pode ser negado. A gente está numa democracia”.

Birello defende que todas as culturas devem ser respeitadas, visão que, para ele, só a universidade pública ou o espaço de interação pública podem proporcionar. Caso contrário, corre-se o risco de supervalorizar uns em detrimento de outros. Na avaliação de Piuí, o debate que antecedeu a eleição transcorreu tranquilo, e bem assim a votação, a apuração e a posse, sem tumulto. “Eu acho que fiz minha parte naquele período”. Mas existe uma coisa que ele criticava e ainda critica: os alunos e professores não saírem da universidade e irem para as comunidades. O comunicador se recorda de que, na época da faculdade, os estudantes conseguiram formar uma rádio comunitária, que funcionava no bairro Renascer:

Eu gostaria de ver a faculdade participando cada vez mais das discussões, os professores dando entrevista na TV, na rádio, no jornal, indo na Assembleia Legislativa, na Câmara dos Vereadores discutindo com os nossos representantes e formando opinião com eles para ajudar na solução de problemas para a cidade e queria também que os políticos tivessem a sensibilidade de procurar a universidade pra discutir esse tipo de problema porque você não vai perder a autoridade se você abrir a decisão para a comunidade, você vai democratizar ela.

Evandro olha para sua trajetória de estudante que militou no movimento estudantil e percebe que isso contribuiu para sua formação pessoal e profissional: “Eu acredito que contribuiu porque no movimento estudantil a gente aprende a lidar com as pessoas e a ver o outro como um igual. Hoje em dia, eu vejo como isso é importante no mercado de trabalho, ter uma postura de liderança, mas sem

destratar ninguém, tratando o outro como igual, construindo junto”. Evandro Birello “Piuí” não suporta atitudes pautadas em títulos e se irrita com pessoas que utilizam sua posição para se achar o melhor, não respeitando a opinião e a contribuição que os outros têm a dar.

A RESPONSABILIDADE DE CARLOS AUGUSTO DOS SANTOS “BUIU”

Carlos Augusto dos Santos “Buiu” entrou no curso de Radialismo da UFMT em 2001, época na qual já fazia Publicidade e Propaganda na Unic. Quando ocorreu o Ecos, ele era o coordenador do centro acadêmico de comunicação desta instituição, e foi nesse evento que conheceu o pessoal da federal. Nasceu aí uma parceria que deu forma a um projeto movido pelo interesse comum de unificar os estudantes de Comunicação de Cuiabá. Nesse intento, Buiu destaca o nome de Nivaldo Queiroz (*in memorian*), um companheiro dele que estudava Jornalismo no IVE e Rádio e TV na UFMT e que também se comprometeu com a causa. Nesse contexto de abrangências, a gestão “Realinhando as órbitas da Comunicação” idealizou o projeto de ampliar o Mecom para além da UFMT, indo ao encontro das demais escolas de Comunicação de Cuiabá.

Wallace Harchbart, que era coordenador do CA e possuía uma habilidade muito grande de fazer amigos e integrar pessoas, foi o responsável pelo encontro entre Buiu e Nivaldo, que se tornaram amigos e militaram juntos na questão da regulamentação das rádios comunitárias na capital. Como estudantes, ambos queriam dar início ao desenvolvimento desse projeto dentro da UFMT e se lançaram na busca de meios para que o Cacos tivesse a própria rádio. Ele conta que os estudantes conseguiram comprar uma antena e os equipamentos necessários, mas não obtiveram liberação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), pois esta entendeu que a comunidade acadêmica não se enquadrava nesse tipo de rádio.

O grupo, então, montou uma rádio livre na salinha do CA, em cujo interior só cabiam duas pessoas e os equipamentos. Estrategicamente, a rádio não tinha nome para despistar a fiscalização, pois a Anatel a considerava uma rádio pirata. Essa foi uma época em que Buiu se interessou pela militância em prol da rádio comunitária e do audiovisual. Sua vontade de produzir era tão grande, que, junto com os colegas e com o apoio do centro acadêmico, ele integrou o grupo de estudos chamado “3 Tabelas”. De natureza independente, o grupo foi formado com o intuito de suprir a deficiência do curso de Rádio e TV, colocando em prática o que aprendiam na teoria, em sala de aula. Os integrantes escreviam roteiros que eram apresentados aos colegas, aperfeiçoados, produzidos e editados. Os estudantes contavam com o apoio incondicional do professor Moacir Barros, lembrado por Buiu como um grande entusiasta do audiovisual em Mato Grosso e professor dedicado, sempre disposto a ajudar os alunos a obterem uma formação profissional digna, superando os limites impostos pela deficitária infraestrutura do curso.

Buiu nunca fez parte de nenhuma gestão do Cacos da UFMT, mas foi um colaborador assíduo. Paralelamente ao projeto da rádio estudantil, ele também colaborou para a realização do Ecos e do Erecom em Cuiabá. Porém, ficou muito desgostoso com a militância dos estudantes depois de uma dívida gerada no Erecom Cuiabá. Assim como aconteceu com Carol Araújo e tantas outras pessoas, na época, o desgaste maior ocorreu pela falta de comprometimento de muitas pessoas que debandaram a causa depois do prejuízo. Buiu lembra que só ele chegou a pagar cerca de R\$ 1 mil, muito dinheiro para quem é estudante, e que um de seus amigos, que era músico ajudou com a quantia que estava guardando para comprar um instrumento novo.

Nosso companheiro não gosta muito de lembrar nem de falar sobre o Erecom, pois na ocasião muitas amizades foram desfeitas, muita gente se prejudicou emocional e financeiramente. Ao mostrar-lhe uma pasta na qual ainda estão guardados os comprovantes de pagamentos das contas do evento, ele esboça uma feição de desgosto e tristeza, mas também de missão cumprida. Apesar de tudo, Buiu ressalta, alguns colegas se mantiveram firmes no propósito de arcar com a responsabilidade e agradece muito até hoje a esse grupo que se comprometeu, destacando o professor Elias, então diretor do IL, que, mesmo não tendo obrigação, emprestou um cheque aos alunos para cobrir parte da dívida.

Voltando à história da rádio, por volta do ano 2002, o Cacos viveu uma situação complicada. Buiu conta com tristeza que, pela primeira vez na história, um grupo de direita havia chegado à coordenação do centro acadêmico. Essa gestão seguiu um espírito tão diferente do que havia imperado ao longo de todos aqueles anos de luta, consciência social e coletividade, que decidiu apagar toda a história do CA, escrita em suas paredes. Todos os cartazes antigos das mobilizações, os desenhos de Los Cucarachos, documentos importantes e até mobiliários foram jogados fora. Por fim, as paredes foram pintadas de verde.

A mobilização em torno da Enecos era liderada pelo secretário regional Wallace Harchbart, que organizou viagens para o Conecom e o Enecom e somou forças na mobilização pela instalação da rádio estudantil. No entanto, Buiu não era mais colaborador do Cacos, a gestão foi perdendo as forças e a entidade foi sendo abandonada. Ele lembra com pesar dessa fase do curso, de cuja situação precisou tomar a frente organizando uma nova eleição para o CA. Ninguém se

candidatou, os demais membros da comissão eleitoral se formaram e ele teve que assumir o Cacos sozinho durante quase um ano.

Foi aí que, mais uma vez, Buiú se entristeceu com a militância estudantil e deu prioridade ao engajamento voltado para o audiovisual, participando, como convidado representante do centro acadêmico, de audiências públicas na Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa. Ele conta que, na época, pouquíssimos alunos se organizavam independentemente do centro acadêmico, e Nivaldo Queiroz era um deles.

Tempos depois, as rádios comunitárias foram regulamentadas. E é uma pena dizer que nessa vitória o movimento estudantil de Comunicação da UFMT não contou com outra participação senão e tão somente que de alguns alunos que, a exemplo de Buiú, não se deixaram abalar pela crise na entidade representativa.

Para Buiú, daquela época ficaram os amigos, que até hoje o fazem visitar o bloco, e os professores, sem falar do contato mantido com muitas outras pessoas. Ele fica feliz por ver que o curso conquistou melhorias, como os equipamentos pelos quais ele batalhara, mas dos quais não pôde usufruir enquanto foi estudante. Além disso, da militância acadêmica resultou sua monografia, nela defendendo a ideia de que o grupo 3 Tabelas supriu o que os alunos não tiveram em sala de aula. Em outras palavras, a mobilização estudantil foi primordial para o aprendizado profissional.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Ademar. **Movimento estudantil de Comunicação**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 02 ago. 2013.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALVES, Selma. **Reestruturação** da categoria de jornalistas em Mato Grosso. Entrevista concedida a Fernanda Loydi. Cuiabá, 08 ago. 2013.
- ARAÚJO, Caroline. **Movimento estudantil de Comunicação**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 10 set. 2013.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BRITTES, Jomar. **Movimento estudantil de Comunicação**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 28 ago. 2013.
- CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevista**. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 13 abr. 2013.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico**. Porto Alegre: 2005.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1989.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem – Teoria e Técnica da Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- _____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.
- MEDINA, Cremilda. **O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 1990.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações.** Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9_%20para%20qu%C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf>. Acesso em: 13 abr.2013.

DEMENECK, Ben-Hur. **O Uso de Hipóteses no Trabalho Jornalístico: a Apuração se valendo de uma Ferramenta Metodológica.** Guarapuava, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0526-1.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

CAMARGO, Aliana França. **Movimento estudantil de Comunicação.** Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 04 set. 2013.

CAMPOS, Lairce. **Movimento estudantil de Comunicação.** Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 09 maio 2013.

CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Ata da Assembleia Geral.** Cuiabá, 1991. Ata n. 05. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 11-12.

_____. **Ata da Assembleia Geral de Eleição para Diretoria do Cacos** – Gestão 94/95. Cuiabá. Ata n. 06. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 12.

_____. **Ata da Assembleia Geral de Fundação e Aprovação do Estatuto Social.** Cuiabá, 1991. Ata n. 02, de 17 mai. 1991. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 1-2.

_____. **Ata da Primeira Assembleia Geral.** Cuiabá, 1991. Ata n. 01, de 26 abr. 1991. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 1.

_____. **Ata da Primeira Eleição da Diretoria.** Cuiabá, 1991. Ata n. 03, de 25 out. 1991. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 3-4.

_____. **Ata da Primeira Reunião da Gestão Como Única Ação.** Cuiabá, 1991. Ata n. 01. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 14-15.

_____. **Ata da Reunião da Diretoria.** Cuiabá. Ata n. 04. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 4.

_____. **Ata da Reunião de Apuração da Eleição para o Cacos –** Gestão 94. Cuiabá. Ata n. 07. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 12-13.

_____. **Ata das Eleições para o Cacos/96.** Cuiabá. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 27.

_____. **Ata de Assembleia Geral.** Cuiabá. Livro Ata Itinerante (compartilhado com outros centros acadêmicos), p. 23.

_____. Ata de Assembleia Geral. Cuiabá. Ata n. 10. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 25-26.

_____. Ata de Assembleia Geral. Cuiabá. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 28-29.

_____. Ata de Assembleia Geral. Cuiabá. Ata n. 03. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 4-5.

_____. Ata de Assembleia Geral. Cuiabá. Ata n. 06. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 6.

_____. Ata de Assembleia Geral. Cuiabá, Segundo Livro Ata do Cacos, p. 17.

_____. Ata de Assembleia Geral. Cuiabá. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 18.

_____. Ata de Assembleia Geral. Cuiabá. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 18-19.

_____. **Ata de Assembleia Geral para eleição de Delegados do Cobreco Maceió.** Cuiabá. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 17.

_____. **Ata de Eleição Cacos 2001.** Cuiabá. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 10.

_____. **Ata de Eleição da Diretoria.** Cuiabá. Segundo Livro Ata do Cacos.

_____. **Ata de Eleição de Delegados para o 3º Cobrecos.** Cuiabá. Ata n. 07. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 20.

_____. **Ata de Eleição do Cacos.** Cuiabá. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 1.

_____. **Ata de Posse.** Cuiabá. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 11.

_____. **Ata de Posse Cacos/2000.** Cuiabá. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 2.

_____. **Ata de Posse da Gestão Como Única Ação.** Cuiabá. Ata n. 8. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 13.

_____. **Ata de Posse da Gestão Juntando os Cacos.** Cuiabá. Livro Ata Itinerante (compartilhado com outros centros acadêmicos), p. 74.

_____. **Ata de Posse Gestão 98/99.** Cuiabá, 1998. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 34.

_____. **Ata de Reunião da Diretoria.** Cuiabá. Ata n. 02. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 15.

_____. Ata de Reunião da Diretoria _____. Cuiabá. Ata n. 04. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 18-19.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 05. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 19-20.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 06. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 20.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 08. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 22-24.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 01. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 3, 12.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 02. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 3-4, 13.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 04. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 5, 13.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 05. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 6, 14.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 06. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 14-15.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 07. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 15.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 08. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 15-16.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 09. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 16.

_____. Ata de Reunião da Diretoria. Cuiabá. Ata n. 10. Segundo Livro Ata do Cacos, p. 16.

_____. **Ata de Votação e Apuração para a Nova Diretoria do Cacos.** Cuiabá. Primeiro Livro Ata do Cacos, p. 34.

_____. **Ofício n. 26/CACOS/UFMT.2006.07.05.** Solicitação de ônibus para XXVIII Enecom. Acervo do Centro Acadêmico de Comunicação Social da UFMT, Cuiabá. 2006.

COMUNICAÇÃO. 3 ed. Cuiabá, 1991.

COMUNICAÇÃO. 4 ed. Cuiabá, 1991.

COMUNICAÇÃO. 5 ed. Cuiabá, out. 1991.

CUBAS, Aline Paula de. **Movimento estudantil de Comunicação.** Entrevista concedida a Amanda Simeone, Patrícia Helena Dorileo e Celly Alves Silva. Cuiabá, 05 set. 2013.

FIGUEIREDO, Tchélo. **Movimento estudantil de Comunicação.** Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 06 set. 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **FHC diz se manter calado por convicção, não temor,** São Paulo, 20 fev. 2001.

JARRAH, Ahmad. **Movimento estudantil de Comunicação.** Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 06 set. 2013.

KOPCAK, Yuri. **Movimento estudantil de Comunicação**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 17 maio 2013.

LIGAÇÃO Direta. **Caminhando**, Cuiabá, 8 mai. 1992.

LIMA, Evandro Birello de. **Movimento estudantil de Comunicação**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 29 jun. 2013.

MATO GROSSO. Universidade Federal de Mato Grosso. Centro Acadêmico de Comunicação Social. Estatuto aprovado em Assembleia Geral em de 17 de maio de 1991. In: CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Primeiro Livro Ata do Centro Acadêmico de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso**. Cuiabá, 1991.

PARALELO 11. 2 ed. Cuiabá: Diretório Central dos Estudantes UFMT, nov. 1992.

PEDROTTI, Janaína Sarah. **Movimento estudantil de Comunicação**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 06 set. 2013.

DOS SANTOS, Carlos Augusto. **Movimento estudantil de Comunicação**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 16 mai. 2013.

SCALOPPE, Marluce de Oliveira Machado. **Curso de Comunicação Social da UFMT**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 03 set. 2013.

SILVA, Jonas da. **Movimento estudantil de Comunicação**. Entrevista concedida a Celly Alves Silva. Cuiabá, 23 ago. 2013.

SÔ FOCA. Cuiabá, 1994.

SÔ FOCA. 2 ed. Cuiabá, 24 mai. 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Comunicação Social**. Cuiabá: 2009.

APÊNDICES

Tabela 1 – Gestões do Cacos UFMT, 1991-2013

Ano	Gestão
1991/1992	Gestão sem nome
1992/1993	Comunicativa
1994/1995	Cê Atuando
1995/1996	Como única ação
1996/1997	Jacaré parado vira bolsa de madame
1998/1999	Tuiuiu deu bobeira vira bandeirão
2000	Juntando os Cacos
2001/2002	Realinhando as órbitas da Comunicação
2002/2003	Juntos Somos Mais
2003/2004	O Caminho do Meio
2004/2005	Juntando Cacos
2005/2006	Integrar para mudar
2007/2008	Paratodos.com
2008/2009	Remendando Cacos
2009/2010	Focos
2010/2011	Nós também queremos!
2011/2012	Nós também queremos mais!
2012/2013	Amplificar

Nota: construção da autora.

Tabela 2 – Representantes do Cacos UFMT na Enecos, 1995-2012

Ano	Nome	Cargo
1995	Jonas da Silva (JOR)	Secretário Regional
1997	Francisco Márcio Moura (RTV)	Secretário Regional
1999	Elaine Tortorelli	Secretária Regional
2002	Wallace Harchbart	Secretário Regional
2009	Mariana Freitas (JOR)	Coordenadora Geral
2010	Juliana Segóvia (RTV)	Comissão Gestora
2011	Celly Alves Silva (JOR)	Comissão Gestora
2012	Murillo Guedes e Sérvulo Neuberger	Comissão Gestora

Nota: construção da autora.

Tabela 3 – Edições do Cobrecos com registro no Cacos UFMT, 1994-2013

Ano	Edição	Cidade	Sede	Data	Tema
1994	1	São Leopoldo – RS	Unisinós		...
1995	2	São Paulo – SP	USP	15 - 21 jan.	...
1996	3	Juiz de Fora – MG	UFJF	21 - 27 jan.	...
1997	4	Vitória – ES	UFES	19 - 25 jan.	“Democratização da Comunicação”
1998	5	Recife – PE	UFPE	18 - 24 jan.	“Novas Tecnologias diante da Atual Ocidentalização”
1999	6	Rio de Janeiro - RJ	...	23 - 30 jan.	“Movimento Estudantil e Perspectivas Sociais”
2000	7	Belém - PA	“ME: É pau, é pedra, mas não é o fim do caminho”
2001	8	São Paulo - SP	USP	20 - 28 jan.	...
2002	9	Maceió - AL			...
2010	17	São Paulo - SP	PUC-SP	16 - 23 jan.	“Crise: decifra-me ou te devoro”
2011	18	São Cristóvão - SE	UFS	24 - 30 jan.	“Faz escuro mas eu canto”
2013	20	Uberlândia - MG	UFU	28 abr. - 04 maio	“Costurando flores é que cê floresce: movimento de base e educação”

Nota: construção da autora.

Tabela 4 – Edições do Enecom com registro no Cacos UFMT, 1991-2013

Ano	Edição	Cidade	Sede	Data	Tema
1991	15	Curitiba - PR	UFPR	7 - 13 jul.	“Comunicação e interdisciplinariedade”
1992	16	Belo Horizonte – MG	PUC-MG	12 - 18 jul.	“A procura de novos meios”
1993	17	Recife - PE	UFPE	jul.	“Comunicação e cidadania: da ética à estética”
1994	18	São Luis - MA	UFMA	24 - 30 jul.	“Políticas de comunicação para o Brasil”
1995	19	Brasília - DF	UnB	15 - 22 jul.	“Curso de comunicação social: Quatro anos de quê?”
1996	20	Florianópolis - SC	UFSC	21 - 27 jul.	“Comunicação em busca da integração”
1997	21	João Pessoa - PB	UFPB	27 jul. – 02 ago.	“Comunicação e Globalização”
1998	22	Curitiba - PR	UFPR	18 - 24 jul.	“Democracia, Sociedade e Comunicação”
1999	23	Maceió - AL	UFAL	8 - 14 ago.	“Os Seis Sentidos: As habilitações no contexto da comunicação holística”
2000	24	São Leopoldo - RS	Unisinos	jul.	“O Social como única ação”
2001	25	Brasília - DF	UCB	14 - 20 jul.	“Democratização da Comunicação”
2004	26	Fortaleza - CE		08 - 21 jul.	
2005	27	Maceió - AL	UFPB	4 -10 set.	“Qualidade de Formação Frente ao Coronelismo Midiático”

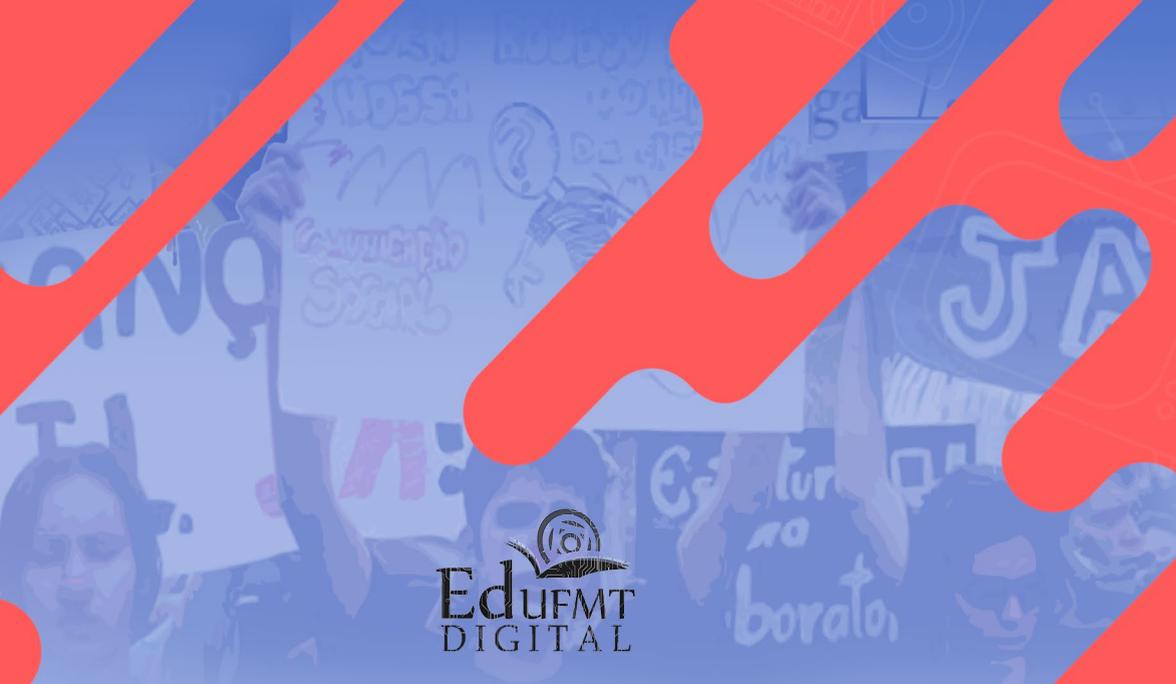
2006	28	Salvador - BA	UFBA	06 - 12 ago.	“Uma outra comunicação é possível: combatendo as opressões e construindo as bases para uma nova sociedade”
2008	29	Rio de Janeiro - RJ	UFF	20 - 26 jul.	“De que lado você samba? Eu organizo o movimento, eu oriento o carnaval.”
2009	30	Fortaleza - CE	UFC	24 - 31 jul.	“Sociedade em (des) construção.”
2010	31	João Pessoa - PB	UFPB	25 jul. - 1º ago.	“Que a comunicação se pinte de povo!”
2011	32	Belém - PA	UFPA	22 - 29 jul.	“Comunicação e movimentos sociais”
2012	33	Brasília - DF	UnB	14 - 21 jul.	“A voz do oprimido está no ar!”
2013	34	Teresina - PI	UFPI	20 - 27 jul.	“Somos todos Comunicação Social: (Des)Construindo Diretrizes”

Nota: construção da autora.

Tabela 5 – Edições do Erecom com registro no Cacos UFMT, 1994-2011

Ano	Edição	Cidade	Sede	Data	Tema
1994	4	Brasília - DF		2 - 5 jun.	
1995	5	Cuiabá - MT	UFMT	1º - 4 jun.	“4 anos de quê?”
1996	(Corecom)	Brasília	CEUB	5 abr.	...
1997	6	Goiânia - GO	UFG	22 - 24 maio	...
2000	7	Goiânia - GO			...
2001	8	Cuiabá - MT	UFMT	31 out. - 04 nov.	“Tudo é um blefe”
2008	...	Cuiabá - MT	UFMT	20 - 22 nov.	“Pode vir quente que Cuiabá está fervendo”
2010	...	Brasília - DF	UnB
2011	...	Campo Grande - MS	UFMS	...	“Da Comunicação que temos à Comunicação que queremos”

Nota: construção da autora.




EduFMT
DIGITAL